



SUL 26

Diana

EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte
Moderna

Ano IX — Florianópolis,

Fevereiro, 1956 — N. 26

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —

Brasil

Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

Secretários

Edmond Jorge e

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Eglê
Malheiros, Ello Balstaedt, Fúlvio
L. Vieira, Hugo Mund Jr., J. P.
Silveira de Sousa, Luis Santos,
Odílio Malheiros Jr., Ody Fraga,
Osvaldo F. Melo (filho), Pedro
T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, toda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, e do exterior, espe-
cialmente dos jovens, se reservan-
do porém o direito de escolha para
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

NOSSA CAPA

Tipo popular — desenho de

Dimas Rosa

REPRESENTANTES:

No Brasil

Lajes (Santa Catarina)

Guido Wilmar Sassi

Caixa Postal, 288

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier

R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa

Rua Boa Vista, 209 — 17º andar

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Hugo Mund Jr.

Belo Horizonte (Minas Gerais)

Roberto Novaes

Caixa Postal, 2.186

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia

R. Democratas, 9

Aracajú (Sergipe)

J. M. Fontes

R. Lagarto, 1571

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão

R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima

Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte

Aluizio Furtado de Mendonça

Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho

R. Lisandro Nogueira, 1223

São Luiz (Maranhão)

Lago Burnet

R. Colares Moreira, 546

Maceió — (Alagoas)

Karivaldo Barbosa

Rua Bôa-Vista, 111

Campo Grande (Mato Grosso)

Glauco R. Corrêa

No Exterior

Sertã (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Lisboa — (Portugal)

Vitoriano Rosa

Lourenço Marques — África O.

Portuguêsa

Manoel Filipe de Moura Coutinho

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

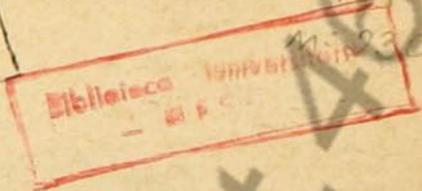
Blanca Terra Vieira

Strassburg — França

Pedro T. Taulois

U. S. A.

Richard M. Morse



5C
7(05)
5949

SUL OPINA

Novo ano. nono ano

COM o presente número (26), entra a nossa revista no seu nono ano de vida. Aparentemente é este um numero sumamente ridículo, insignificante. 25 numeros em 8 anos de vida. 3 números por ano. Com mais 9 edições chegamos à casa dos 34, portanto 4 números por ano. Reconhecemos que não é nada, que pouco, bem pouco representa perto do que seria necessário fazer-se pela cultura em nossa terra. Mesmo aqui, mesmo em Florianópolis, acreditamos, mais e melhor poder-se-ia ter feito. Porém não exageremos. Conhecendo-se o meio, as parcas possibilidades do meio, as dificuldades encontradas, temos que, sem falsa modestia e sem qualquer orgulho, deixar aqui a par da nossa auto-critica também uma palavra de esperança e fé. A verdade é que se pouco foi feito, um grande caminho foi aberto. Um caminho por onde outros poderão prosseguir. Sabemos, todos sabem, que o trabalho mais difícil é este de abrir caminho. Se "SUL" e o movimento de "SUL" não ficar como afirmação, como realização, se nenhum dos nomes da revista permanecer — permanecerá o movimento em si, isto temos certeza.

26 números. 8 anos. Nono ano iniciado. Novas tarefas. Novas tentativas. Novas esperanças. E acima de tudo uma promessa sempre repetida e que temos cumprido.

Dissemos ao iniciar o segundo ano, a todos os nossos amigos, que iam continuar. **Vamos continuar!**

NOVO CHEFE DO EXECUTIVO CATARINENSE

Dia 31 de janeiro assumiu o Governo de Santa Catarina o jornalista Jorge Lacerda. Político, médico, advogado, para nós Jorge Lacerda é principalmente o jornalista.



Jornalista Jorge Lacerda, governador de Santa Catarina

Jorge Lacerda é um velho amigo nosso. Desde os começos da revista, quando era jornalista militante na imprensa carioca, diretor do suplemento literário "Letras e Artes", do jornal "A Manhã", suplemento considerado à época o melhor do gênero no país. Naquele tempo, com o seu prestígio, com a sua experiência, o jornalista Jorge Lacerda muito nos auxiliou. Lembramo-nos que nos remetia até mesmo clichês, que divulgava nossos trabalhos de principiantes, que lá fora fazia com que se falasse da "Sul".

Agora, no governo de Santa Catarina, o jornalista Jorge Lacerda, com sua inteligência, com sua capacidade de trabalho, com seu espírito de iniciativa, muito poderá fazer pelo estado, pelo povo, pela gente de Santa Catarina, pelo elevamento do nível geral da população, pela cultura de Santa Catarina.

É aí, neste último ponto, mais especialmente, que entram todos os que se interessam pelos problemas da cultura; e é aí que esperamos contar com o apêlo decidido e a boa vontade do jornalista e do governador Lacerda.

SÍMBOLO, MITO E RELIGIÃO

Nenhum fenômeno cultural oferece tamanhas dificuldades para estudo e análise como o mito e a religião. De início, não nos é possível distinguir onde termina o mito e começa a religião. Ambos entozam-se tão profundamente que não raras vezes confundem-se num só. Por outro lado, o símbolo está relacionado com o mito e a religião, o que complica mais as interpretações, pois não é sempre que conseguimos descobrir os verdadeiros significados de certos símbolos, as interpretações variam com cada pessoa, e muitas vezes com o tempo. "Não existe fenômeno natural nem da vida humana que não seja capaz de uma interpretação mítica, e que não reclame semelhante interpretação" (1). O pensamento mítico é incompatível com o pensamento científico, pela profunda personalização dos fenômenos através da mente mística. O homem primitivo vê os fenômenos não como eventos determinados por leis universais, mas como resultados de uma vontade personalizada. As concepções míticas dos fenômenos humanos ou cósmicos substituíam as concepções científicas. O homem moderno domina os fenômenos naturais e humanos, pelos conhecimentos das leis básicas que os regem. Desta maneira, as religiões baseavam-se nessas interpretações míticas, na completa personificação do fenômeno. É de se frizar que tôdas as culturas do mundo passaram por este estágio de pensamento pré-científico, mas substituído por um espírito de observação mítico profundamente arguto. Não teria o homem primitivo visto e experimentado os fenômenos com maior intensidade do que nós? A emoção por ãle experimentada pela observação do fenômeno como vontade individualizada, deve ter ultrapassado o nosso espírito de observador científico.

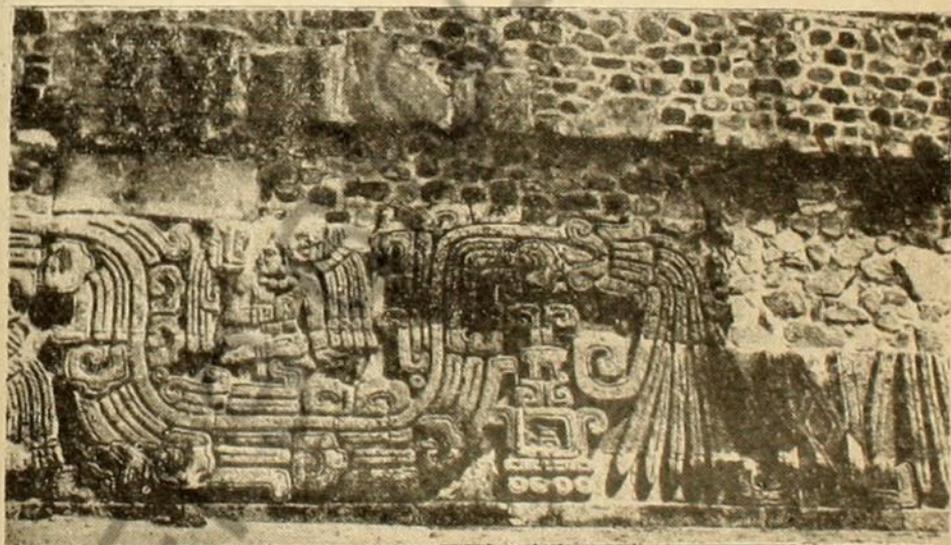


Fig. 1 — Friso da serpente emplumada — Pirâmide de xochitlic.

o mito e os rituais cósmicos, e por ser a representação do Huracár, "A Natureza em seu sentido empírico ou científico pode ser definida como a "existência das coisas enquanto está determinada por leis universais" (Kant). Semelhante natureza não existe para o mito; seu mundo é dramático, de ações, de poderes em luta. Em todo fenômeno da natureza não vê mais que a colisão destes poderes" (2). Os fenômenos, para o pensamento mítico, dividem-se em nocivos e benéficos. A personificação dos acontecimentos cósmicos e humanos, despertando-lhe o sentimento de luta entre entidades do bem e entidades demoníacas. Acostumado a uma Natureza onde as forças antagônicas estão sempre em luta, o homem primitivo, longe de sentir-se mero expectador, tomava parte nessa luta, auxiliando o indivíduo-fenômeno com ritos e dramatizações. No Egito e na Babilônia, por ocasião do Ano Novo, havia cerimônias bastante complexas, entre as quais destacam-se as representações de lutas travadas pelos deuses. Tornava-se, por assim dizer, aliado da entidade que lhe era benéfica, na luta contra as forças que lhe causavam danos. "Os antigos e igualmente os selvagens modernos, sempre viram o homem como parte da sociedade e a esta como imersa na natureza, dependendo das forças cósmicas" (3). Não existe um mundo inanimado para o pensamento mítico; tudo aquilo que o cerca é vivo e possuidor de individualidade. O homem não dava a si um lugar de destaque, como nós, na criação; era uma parte da natureza tão importante como qualquer outra. Em todo fenômeno, nos animais, nos vegetais, existe vida igual a dele. O primitivo vê o fenômeno como algo semelhante a si mesmo — isto é, dono de uma personalidade como a sua, a quem se pode dirigir como a seu semelhante.

Nenhum deus era para o primitivo, totalmente bom. Enfrentando uma natureza desorganizada, desconhecendo as leis que regem os fenômenos, individualizando e personificando esses mesmos fenômenos, ele concebia deuses perversos, sedentos de sangue, vingativos. Na mitologia da América Precorteziana, reza a lenda que os deuses ordenaram que da Terra saíssem os alimentos. A Terra, (Coatlicue), as vezes gritava de noite pedindo corações humanos, e não se acalmou enquanto não lhe deram e só frutificou depois que a ensoparam de sangue. O artista ameríndio que esculpiu a Grande Coatlicue, queria despertar o homem para o terrível, para o temor. Ele representou a deusa Terra como um monstro de cabeças ofidiformes, presas curvas e línguas bifurcadas. Mãos cortadas e corações humanos, formam um círculo sobre o peito, e mais abaixo, está uma caveira. Em lugar de braços, o artista esculpiu serpentes; seus pés são garras e seu corpo é revestido de serpentes. Não há nada mais monstruoso e terrível do que essa deusa do panteão Azteca. E é da terra que saem os alimentos. Coatlicue é a mãe de tudo que existe, mas é também a destruidora de tudo. Um de seus nomes é "Devoradora de Imundícies". "A intensão que guia o artífice precorteziano na invenção das formas é excitar a fantasia, revestir o suprasensível, o sobre-humano, o supra-terrenal de uma realidade ante a qual o create tenha de tremer, de estremecer, de prostrar-se" (4). Nas Artes religiosas a predominância do símbolo é impressionante. Spinden (A Study of Maya Art), diz que em nenhuma outra parte a religião influiu tanto sobre a Arte como entre os Mayas. É raro o monumento ou construção da América Emplumada. Esta, proporcional ao artista ameríndio um sem número de elementos decorativos, especialmente por ser o ódio relacionado com

(deus de uma perna), a entidade mais importante da América précolombiana. Na pirâmide de Xochicalco, (cultura Teotihuacana), no friso da Serpente Emplumada (fig.1), vê-se um grande número de espirais, quase tôdas sinistroversas, (o furacão das Antilhas gira para a esquerda), entremeadas de estrias paralelas no corpo ondulante da serpente. Na antiguidade, a cruz representou os Quatro Pontos Cardiais, também conhecidos como os Quatro Ventos, designação ainda hoje usada. Tláloc (fig. 2) era o deus do bom temporal por ser amigo dos Quatro Ventos e das Quatro Estações, conforme reza a tradição indígena. Note-se o acentuado desenho sigmóide que lhe cobre o rosto desde a testa até a boca, bem como os dois círculos sobre os olhos, estilizações da serpente com a qual este deus tem relações.

O Weather Bureau dos Estados Unidos, adotou como símbolo do Furacão, um círculo com dois braços curvilíneos, de movimento sinistroversos. Este símbolo é a simplificação das muitas representações simbólicas do Huracán, encontrada em toda a América Central e Antilhas. "Quão certo, é que o pensamento mítico e o científico vão por vias distintas à interpretação de uma mesma realidade, e às vezes coincidem em suas expressões simbólicas" (5).

O mito é característica das religiões politeístas, enquanto que nas religiões monoteístas é quase nulo. O mito é consequência de um antropomorfismo evidente. O mito solar, como dos Egípcios, é pobre, quase despido de "aparato literário". Porém na mitologia acentuada-



Fig. 2 — TLÁLOC Cod. Vaticano A

mente antropomorfa da Grécia, as narrativas sobre as aventuras dos deuses e suas famílias; os atos dos heróis semi-deuses e dos humanos divinizados, é imensa. É no politeísmo grego onde encontramos o antropomorfismo mais desenvolvido. Cassirer diz que o demasiado antropomorfismo dos deuses gregos, representou um passo a mais na evolução religiosa. Nas religiões monoteístas, o dogma substitui o mito. "O dogma e uma verdadeira abstração. Consiste nos princípios, nas raízes da religião. A imortalidade da alma é dogma; a descrição do Inferno ou do Paraíso é mito" (6).

A crença em algo eterno é também desconhecida pelo pensamento mítico, especialmente do ameríndio. Cada dia é idêntico ao "Primeiro Dia"; tudo acontece como da primeira vez. O sol quando se põe, atravessa as regiões infernais, onde luta com demônios que o querem subjugar. O novo dia, é a vitória das forças do bem contra o mal. A atividade dos homens e dos deuses não pode cessar, e o sacrifício do mais precioso, do sangue, era necessário para manter os deuses, e, por conseguinte os homens, o que equivale dizer — o Universo, uma condição indispensável para a existência do mundo, porque a criação era algo que sucedia todos os dias; porque os deuses estavam sujeitos a um fim. Se os homens viviam em razão dos deuses, não é menos certo que os deuses viviam na dependência dos homens. Era algo parecido com um acordo: os homens mantinham os deuses pela constante adoração, pelos sacrifícios e rituais; aqueles, em troca, permitiam a continuação da vida. Parece que a pluralidade dos deuses nas religiões politeístas, representa uma projeção de defeitos, fraquezas; e o homem fez os deuses à sua imagem e semelhança, transformando cada defeito, cada erro, cada fraqueza, numa divindade capaz de vencê-lo, de sobrepujá-lo.

Dissemos acima, que o homem primitivo, de baixa cultura, não dá a si mesmo um lugar de destaque na criação; suas crenças totêmicas assim o demonstram. Ele não considera os animais ou as plantas como seres inferiores a si mesmo. Na multiplicidade das formas de vida que o cercam, ele encontra animais, e vegetais, (estes raramente), de cuja espécie crê descender. Nas crenças totêmicas, inclui-se também a Metempsicose. O homem primitivo acredita que não raras vezes a alma do morto passa a habitar o animal totem, ainda que temporariamente. Se, ao contrário, o homem de culturas inferiores desse a si mesmo um lugar importante na hierarquia das formas de vida, jamais teria crenças totêmicas. Entre nós, homens modernos, que nos consideramos a obra máxima da criação, o culto totêmico é nulo. A proporção que o homem vai adquirindo consciência de si mesmo como ser inteligente, como pensamento individualista, pendendo para a pesquisa, abandonando as fórmulas místicas e estabelecendo a análise dos fenômenos para chegar à conclusões de caráter científico, o totemismo perde terreno, acabando por desaparecer por completo.

O homem primitivo não pode isolar-se da presença do fenômeno pela maneira pessoal com que o vê. Desconhece a diferença entre o conhecimento subjetivo e objetivo. O que é passível de impressionar o seu entendimento é realidade. Por isso, não fazem distinção entre os sonhos e os acontecimentos da vida desperta; pelo contrário, o sonho é de importância capital no pensamento mítico. Os gregos passavam as noites em lugares sagrados para obterem revelações através dos sonhos. O sonho tornava-se importante pelo fato de suceder durante uma vida

diferente da que o homem leva quando acordado. Também as alucinações não são menos reais que os sonhos; não nos esqueçamos de que como estes, as alucinações também afetam o entendimento e a vontade do homem primitivo, e muitas vezes, uma visão era de suma importância na decisão de algum problema. As Pitonizas de Delfos, o Oráculo de Apolo, o mais famoso da Grécia antiga, eram vítimas de visões e alucinações, respondendo às pessoas que buscavam o conhecimento de algo, como frases enigmáticas.

Também a morte é algo que a mentalidade primitiva não vê como fenômeno natural. É, ao contrário, altamente individualizada, dona de uma personalidade e vontade próprias. É o oposto de outra individualidade, a vida. Em algumas culturas, existe a crença da antiga imortalidade do homem. Entre os Esquimós, a lenda reza que o homem vivia na escuridão e não morria, até que uma velha disse uma vez: Queremos ter luz e morte. Desde esse dia, a Luz existiu e a morte também. Entre os extintos Tasmânicos, a morte era o resultado de feitiçarias ou da malevolência dos deuses. Os Aranda, do Centro da Austrália, acreditavam que a morte era sempre causada por artes mágicas, nunca natural. Entre os habitantes das Samóas, a morte é consequência do de-



Fig. 3 — A Grande Chalchiuhtlicue

sejo de alguém. Quando um homem adoce gravemente, obrigam sua irmã a jurar que não lhe desejou mal algum. Também uma divindade enojada pode provocar a morte. "Uma das características do mito — diz Birket-Smith — é que tudo o que sucede uma vez, torna a suceder sempre. Um só homem provou a morte, e desde então todos os homens devem morrer" (7). Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, diz a Bíblia, e entre os castigos que Deus lhes deu, estava a morte.

A crença na existência da alma, talvez consequência de um instinto de conservação, é universal; e os mortos tinham relações com os vivos. A mentalidade mítica, aceitava isto como natural, pois os mortos fazem parte de uma realidade única. A morte é realidade e substância. É provocada por uma vontade hostil e concreta. O primitivo não via a morte como consequência de causas diferentes, mas como resultado de uma vontade consciente. As doenças eram também algo de concreto, causados por uma vontade. Por isso os feiticeiros e os shamans, tinham grandes poderes nas mãos; suas vontades, ou as vontades dos deuses, das entidades malélicas ou não, por seu intermédio, provocavam o resultado desejado. O homem primitivo não podia acreditar num fim de tudo com a morte. Não raro nos textos das pirâmides encontramos a afirmação de que o "Morto vive".

Muitas tribus são animistas — acreditam que tudo aquilo que os cerca têm alma, homens, animais, plantas, etc..

No pensamento mítico, onde a morte é concreta, e onde as relações entre mortos e vivos é realidade, a crença numa vida de além-túmulo, num lugar onde o morto pode continuar uma vida semelhante a que tivera na terra, sem as atribuições e as doenças daqui, é real. Não é o Valhala o paraíso dos Germanos, para onde as Valkirias levavam as almas dos guerreiros mortos nos campos de batalha, e onde podiam beber o Hidromel nos festins de Odin? Os Campos Elíseos não são o Paraíso no além-túmulo, com o qual sonhava todo o Iniciado nos Mistérios de Eleusis? E finalmente, os Campos das Grandes Caçadas, dos índios americanos, não significa a continuação da vida após a morte? E com essas crenças, o costume de pôr com o corpo os utensílios, os adornos, as armas e alimentos, que remonta a grande antiguidade; o costume de embalsamar os corpos, como no Egito e no Perú; o costume indú de queimar com o corpo do morto a esposa e os escravos para que o sirvam na outra vida, tudo é reafirmação da crença na vida além-túmulo e numa futura reocupação do corpo embalsamado. "O mito não constitui um sistema de credos dogmáticos. Consiste, muito mais em ações que em meras imagens ou representações" (8). Considerando-se o dogma como abstração, é evidente que tal abstração é incompatível com a mentalidade mítica, onde os fenômenos individualizados consistem em pura ação; o fenômeno existe como vida, como personalidade, como vontade própria. Enquanto que o dogma é uma realidade abstrata, uma imagem do pensamento, o mito é uma realidade palpável, substancial. Na mitologia Ameríndia. Chalchiuhtlicue, é a deusa das águas, dos lagos e companheira de Tláloc. Na escultura de pedra, cultura Teotihuacana, dessa deusa, "Renuncia-se a tudo que possa sentir-se como encanto. A Chalchiuhtlicue não impressiona pelo forte de seus gestos. É um conceito. Não representa, significa. Significa divindade, grandeza, onipotência" (9). É uma escultura estática, subordinada à forma geométrica do bloco em que foi feita. Não se arroja no espaço, em movimento. É parada, imóvel e imponente. Foi feita para impressionar, para ser respeitada, (fig. 3). As imagens não re-

6
presentam a divindade. Significam-na. São tão reais, tão pessoais como os fenômenos. Para o pensamento mítico, a imagem é o ser.

A magia e a religião são criações dos homens. Antes de tudo, possuem um caráter puramente psicológico. A Natureza desordenada, caótica, observada pela mente mítica, faz com que ele não seja ordenado. "A falta de sistema na conduta religiosa do homem primitivo, o submete a uma multidão de regras e ordens inconexas e aparentemente arbitrarias. O dogma e assim mesmo as atividades religiosas são múltiplas e à miúdo sem coerência aparente. Quando uma idéia clara e dominante controla a vida religiosa, o aspecto da religião se torna mais claro e simples e pode conduzir a uma religião sem dogma nem ritual" (10). A proporção que o pensamento mítico vai cedendo terreno para o pensamento científico, em que os fenômenos são analisados através de leis universais, a atitude religiosa é modificada, passando da esfera objetiva para a esfera subjetiva. Os deuses perdem o poder e tendem a desaparecer ou fundir-se num só, como consequência da despersonalização dos fenômenos. A mente analítica passa a ver as ocorrências cósmicas ou humanas com resultado de causas várias. É claro que desse modo, a atitude religiosa tende a ser simplificada, e as mudanças são profundas no simples fato da fusão num deus só, de uma infinidade de deuses. É a centralização de todos os fenômenos, de todas as ocorrências para uma só origem, para um deus único. Surge a contemplação da natureza e a consequente tendência para a conquista do bem. Os defeitos, os vícios, as fraquezas, já não são divindades, são inerentes ao próprio homem e é dever dele vencê-las, subjugar-las, destruí-las. Passam a ser considerados pecados. Com o desaparecimento das divindades que representavam essas incapacidades humanas elas caem no domínio inteiramente humano e nessa batalha para o domínio dos pecados, está o resumo da luta do bem contra o mal.

As religiões da América Central, têm um profundo conceito dualista da Natureza. Se nas religiões monoteístas, como a Cristã, a tendência é a vitória do bem sobre o mal, nas religiões ameríndias o bem é algo fora de cogitações. Os seus deuses são bons quando lhes apraz. Não existe propriamente um deus bom. Quetzalcoatl, o fundador da civilização e o criador do homem, aparece sempre nessa faceta de benfeitor — seu nome porém, significa "Serpente de plumas", a representação dos ventos — o nome Azteca de Huracán, o terrível fenômeno cósmico, frequente no Golfo do México, que traz consigo a destruição e a morte, (é a fecundidade com as chuvas). Desse modo, vê-se que a crença num deus totalmente bom, é desconhecida nas religiões Precortezianas. Xipe-Totec (Nosso Senhor Esfolado), do qual já falei em artigo anterior, deus da primavera e da colheita do Maiz (milho), representa fertilidade, e portanto, estabilidade econômica, é um deus benfeitor. Porém, em sua honra, esfolava-se vivo, um escravo. Com a chegada da Primavera, a Terra devia despojar-se de seu manto já estéril, em troca de outro fértil. Este é o significado de Xipe-Totec, revestido da pele do sacrificado. O sacerdote ou o que fazia o sacrifício, levava presa nos ombros, durante um mês, a pele da vítima, encarnando o deus. Tláloc é também um deus benfeitor. Mas sob seu poder estão as inundações, o granizo, as secas, o raio, o gelo, e sua ira fazia o crente tremer. Para acalmá-lo, sacrificavam-se prisioneiros vestidos com o Nume, (traje da divindade), e especialmente crianças.

"Embora o mito seja fictício, trata-se de uma ficção consciente. A mente primitiva não se dava conta do sentido de suas próprias cria-

ções" (11). Enquanto o pensamento científico busca as explicações através da análise, o mito as procura através do antropomorfismo, transformando o fenômeno em ficção. O que para o homem moderno é ficção, na mitologia é realidade. Entretanto, a imagem do mito é encontrada na sociedade. Ela está profundamente unida à Natureza e ao mito; é o resultado das experiências dessa sociedade diante dos fenômenos com os quais está familiarizada. "Em seus rituais mágicos ou religiosos, o homem procura obter milagres não porque desconhece os limites de suas forças mentais mas porque ao contrário, as conhece plenamente" (12). A força cósmica imponderável que os cientistas classificaram como Eter, que envolve todo o Universo, que liga todas as coisas era conhecida pelos primitivos — é o Mana dos Melanésios (termo que a Etnologia adotou), o Manitou dos Algonkins, o Wakan dos Dakotas, o Udañ dos pigmeos da África. Em certas tribos, quando alguém corta os cabelos ou as unhas, seu dono esconde as aparas com o máximo cuidado, para evitar que caiam nas mãos de inimigo ou de feiticeiros que queiram causar-lhe dano. Crêm que essas aparas possuem a mesma vida que existe em seu dono, isto é, está impregnada do mana que reside no homem. Se usam as aparas em feitiçarias, o dono sofre com isso, e é bem possível que lhe causem a morte. Uma arma é muito mais perigosa se estiver impregnada de mana; as palavras mágicas têm maior poder quando trazem consigo o mana. Essa substância imponderável, viva, que envolve tudo, tem caráter divino. Embora o animismo e o animatismo tenham base sobre ocorrências normais, para o primitivo nem tudo acontecia normalmente. O inesperado, o incomum era algo que a mente primitiva atribui a essa força mística — mana. É uma força extremamente poderosa, e muito embora não seja nem boa nem má, é uma arma terrível nas mãos de qualquer um — boa para que souber usá-la e entendê-la; perigosa para quem não a compreender.

Sila é o nome que os esquimós dão a essa força cósmica, e significa Unicurso ou "Razão". Igual ao certo, o Sila possui um dono, o que quer dizer uma personificação: Silap-Inua significa "Senhor do Poder do Universo".

O homem é inteiramente dependente da divindade. As religiões baseiam-se neste princípio — os homens reconheceram a existência de deuses ou poderes superiores que não podiam explicar; sentiram-se ligados a esses seres, acreditando que tudo era regido por eles e que portanto suas vidas estavam nas suas mãos, daí a dependência do homem para a divindade.

Levy-Bruhl, em seus livros — "As funções mentais na sociedade primitiva" e "A mentalidade do homem primitivo", expõe a teoria de uma mentalidade Pré-Lógica. O excessivo misticismo que envolve a mente e a religião primitivas, não são fatores que levem a crer na existência de uma mente pré-lógica. O modo de ver as coisas do primitivo, sua vida em sociedade, a prisão pelos caracteres religiosos, por cuja estaticidade está envolvido, (note-se que na mentalidade mágico-religiosa, os rituais, as crenças, e tudo o mais relacionado à religião, são fatores rígidos à cuja obediência ninguém pode falhar), também existem na verdadeira mentalidade lógica. "No mito e na religião primitiva a tendência para a estabilização é tão forte que vence por completo ao polo oposto. Estes dois fenômenos culturais parecem ser os poderes mais conservadores da vida humana. O pensamento mítico, por origem e princípio, é pensamento tradicional, porque

o mito não tem outro modo de compreender, explicar e interpretar forma atual da vida humana" (13). Pelo fato de carecer de senso de pesquisa científico, não quer dizer que a mentalidade primitiva seja pré-lógica. Existe lógica na mente mística, embora tal não nos pareça senão através de uma profunda e acurada observação das crenças e métodos de vida primitivos. A prima vista, tudo no mundo primitivo é desorganizado, confuso. Foi baseado nas crenças e superstições dos primitivos que Lévy-Bruhl desenvolveu a teoria de que o homem primitivo, culturalmente possui uma mentalidade pré-lógica. Não seria o caso de se dizer então que na esfera do homem moderno ainda perdura tal mentalidade? Milhares de superstições ainda influem em muitos indivíduos da era moderna, especialmente nos estudantes. Superstições ridículas, sem explicações mas que se tornaram tradicionais, como o não passar sob uma escada, o mau agouro do nº 13 ou do gato preto, o derramar sal na mesa, o cuspir no fogo, o quebrar um espelho, etc. Desta maneira, ainda existe uma mentalidade pré-lógica no homem moderno, totalmente científico; é uma faceta do primitivismo na mente lógica do homem moderno. Falei acima da estaticidade religiosa, embora não queira afirmar que os costumes, as crenças e os ritos não mudem; pelo contrário, eles evoluem, mas de um modo brusco. Os primitivos não vivem uma vida totalmente monótona, não estão ligados definitivamente a uma tradição, a uma crença refratária à influências ou evoluções. Eles seguem as tradições e aceitam as crenças à risca. Porém aceitam as inovações introduzidas pelos seus sábios ou profetas; aproveitam as boas coisas pelo intercâmbio com tribus vizinhas ou não, ocorrendo muitas vezes o fenômeno da aculturação de uma tribo. Não é difícil uma cultura sofrer tão grande influência de outra cultura diferente da sua, ponto de modificar-se quase totalmente. O processo de aculturação, que tanto pode ser violento, por meio de guerras de conquista e domínio, como vagaroso pela lenta infiltração dos costumes, crenças e tradições de culturas mais fortes, produz-se pela incorporação de dois grupos que muitas vezes diferem entre si tanto cultural como racialmente. Na América indígena os fenômenos de aculturação foram tremendos, abrangendo todas as culturas das três Américas. Mais uma prova, portanto, de que o primitivo não é refratário a influências externas e estranhas às suas.

O homem primitivo vive num mundo exclusivamente objetivo; para ele o mundo subjetivo é confuso ou nulo. A crença na existência de uma substância imponderável, que une, que envolve, e que penetra tudo, é quase universal e antiquíssima. Se o primitivo conhece a existência do mana, acredita-o um deus quase amorfo, que tudo penetra e de onde emanam todas as forças, todas as sortes, todas as desgraças, enfim — tudo o que acontece é com relação ou por influência do mana; consideram o mana como possuidor de uma individualidade superior, o ser e não ser, o Senhor do Universo ou do Poder como o nomeiam os Esquimós, então sua mentalidade não é pré-lógica. O primitivo não desconfia de que certas criações que ele torna realista, são somente obras de sua imaginação. Para ele, certas qualidades são substâncias. Um indivíduo mau, pode deixar de sê-lo desde que se livre das origens do mal que têm em si como uma mancha física. Após a morte, a alma continua uma vida diferente. Os amigos do morto voltam a vê-lo em sonhos, onde conversam, passeiam e caçam com ele. Para eles, a alma humana têm a mesma forma do corpo, só que mais eterizada, dona de maiores poderes. Horizontes diferentes e antes desconhecidos, descor-

tinam-se aos olhos do primitivo através do sonho. E a essa mentalidade realista do sonho, que o primitivo deve muitas modificações de sua vida. Descobre a existência da alma humana, e tal o faz meditar, realizar em si uma vida interior; tem noções de mundos diferentes e nortieia o surgimento de uma vida moral.

A evolução é certa e impossível de ser detida. O que é normal e moral numa época, deixará de sê-lo em outra; o que hoje é verdade, amanhã poderá ser considerado falso. A pesquisa científica o pensamento analítico, observa, regula e procura concatenar idéias para um fim lógico e plausível na busca da verdade. Porém de que modo a mentalidade mítica transformou-se em pensamento científico?

Para cada coisa a mente mítica fez surgir uma divindade; para cada fenômeno um regente; para cada defeito um ser superior capaz de vencê-lo. Quando queriam determinada coisa, dirigiam-se ao seu regente. Sabiam porém, que acima de todas essas divindades de forças regentes existia um deus superior, um deus dos deuses, de poder ilimitado. Sabiam que esse deus ouvia os pedidos feitos a outros. Então, porque não pedir a ele diretamente? E nisso, os deuses começaram a perder a força e o poder; a pluralidade deística deixou de existir, e os muitos deuses, os muitos representantes de fenômenos, de defeitos, fundiram-se num só deus. Uma entidade poderosa, onipotente, única. A mentalidade mítica foi substituída por um pensamento consciente, analítico, que distinguia o mundo subjetivo do mundo objetivo; as explicações místicas cederam lugar às análises científicas e os fenômenos perderam a individualidade, e é nisto que diferem as mentes míticas e científicas, quando os fenômenos deixaram de ser personificações, o homem já não perguntava "quem" para explicar o acontecimento, mas o "como". E entre estas duas palavras existe um grande espaço que o homem teve de percorrer desde o misticismo à Ciência. E tudo resulta numa contemplação serena da natureza. O pensamento já é analítico, que observa, estuda, unifica e organiza o caos da natureza. É a crença num deus único e benevolente.

Edmond Jorge

- 1 — Ernst Cassirer — Antropologia Filosófica.
- 2 — Cassirer — op. cit.
- 3 — Birket-Smith — Vida e História das Culturas.
- 4 — Paul Westheim — Arte Antiga do México.
- 5 — Fernando Ortiz — O Huracán — sua mitologia e seus símbolos.
- 6 — P. de la Grasserie e R. Kreglinger — Psicologia das religiões.
- 7 — Birket-Smith — op. cit.
- 8 — Cassirer — op. cit.
- 9 — Paul Westheim — op. cit.
- 10 — Franz Boas — Questões fundamentais de Antropologia Cultural.
- 11 — Cassirer — op. cit.
- 12 — Mallnowski — The foundations of faith and morals.
- 13 — Cassirer — op. cit.

EDINO KRIEGER

A música brasileira está em plena crise. No setor popular, a jazzificação do samba e da marchinha vem causando estragos talvez irreparáveis; na música erudita a situação não é menos séria, pois, pela primeira vez na história das nossas atividades musicais, praticamente não existe uma nova geração de compositores nacionais. Os poetas queixam-se da falta de interesse pela sua produção, mas somos nós os musicólogos que desesperamos diante da ausência quase absoluta de talentos musicais em um país de perto de sessenta milhões de habitantes. A geração de 1940 já foi bastante pobre: deu-nos apenas Cláudio Santoro, que se vai firmando paulatinamente aqui e no estrangeiro, e Guerra Peixe, excelente músico um pouco isolado em São Paulo e cujas obras há mais de cinco anos estão afástadas do grande público. Eunice Catunda foi uma promessa brilhante que, infelizmente, não se vai confirmar. Os jovens da década seguinte, na realidade, ainda estão por aparecer: Chléo Goulart 'pintou' bem como compositor e regente; no entanto, o seu estágio na Rádio Nacional danificou-lhe o entusiasmo pela criação e não chegou a apresentar nenhuma obra importante. Camargo Guarnieri fala-me de Oswaldo Lacerda, seu aluno predileto, e a Comissão Nacional de Música da IBECC já se apressou em organizar um concerto com obras suas para a próxima temporada, talvez em agosto ou setembro.

Mignone aprecia Mário Tavares e é preciso incentivá-lo antes que se desencante com o atual marasmo da música brasileira. Koellreuter, ativamente em São Paulo, teve alunos talentosos, entre os quais Roberto Schnorremberg, que mereceu uma bolsa na Europa, onde se encontra agora. E... Edino Krieger, objeto deste pequeno estudo. Também ele é quase desconhecido dos musicófilos brasileiros, tão raramente vem apresentando as suas obras. Entretanto, os seus antecedentes artísticos já ganharam certo peso e merecem a atenção do leitor por alguns minutos. Apesar da sua timidez, prevejo para este rapaz uma projeção maior do seu nome e a curto prazo. Vejamos por que. De Alceu Bocchino, um "out-sider" de geração mais antiga, falei um dia com o merecido vagar.

* * *

Edino Krieger nasceu a 17 de março de 1928 na pequena cidade de Brusque, no Estado Santa Catarina. Seus pais são brasileiros natos também, um de origem italo-alemã, outra de ancestrais lusitanos. Desde jovem, o pai ensinou-o a tocar violino e um concerto em Florianópolis, aos 14 anos de idade, valeu-lhe uma bolsa de estudos, concedida pelo Dr. Nereu Ramos, então Governador do Estado. Em 1943 já estava no Rio a praticar violino com Edith Reis da escola Lambert Ribeiro, no Conservatório Brasileiro de Música. No ano seguinte aborrou composição e matérias complementares com H. J. Koellreuter.

Os progressos do rapaz catarinense foram sensíveis tanto que, em 1945, apenas com ano e pouco de estudos, foi-lhe atribuído o Prêmio Música Viva pelo Trio de Sopros. Até 1947, tinha apenas namorado a técnica dos doze sons, mas a partir dessa data abraçou decididamente essa teoria. Os resultados práticos foram animadores, embora a convicção do artista jamais tenha sido perfeita: concorreu a uma bolsa de estudos para o Berkshire Music Center, patrocinada por uma firma de tratores, e obteve o prêmio. Gilbert Chase, Henry Cowell, Aaron Copland e Carleton Sprague Smith serviram de juizes e as obras apresentadas foram *Peça Lenta* para flauta e trio de cordas e *Movimento Misto*, para orquestra de câmara.

O estágio nos Estados Unidos da América teria conseqüências esté-

ticas consideráveis. Sua confiança limitada no dodecafonismo ainda ficou mais abalada depois das aulas coletivas com Darius Milhaud e das lições particulares com Copland. O que ali aprendeu como orquestração e composição lhe seria muito útil e registam-se então as primeiras evasões da camisa de força dodecafônica: a *Melopéia* para canto e conjunto de câmara e a *Fantasia* para orquestra completa. Daquela admirável centro organizado por Koussevitsky veio para Nova York, onde tomou aulas de composição e violino com Peter Menin e W. Nowinsky, respectivamente. Frequentou então a famosa Julliard School of Music e, em 1949, teve a honra de representar essa academia no Symposium de Boston, quando foi interpretada a sua *Música de câmara* para flauta, trompete, violino e timpani. A crítica apesar de sua juventude e inexperiência, foi-lhe nitidamente favorável: "Edino Krieger's quartet... though the piece was not the easiest to grasp at first hearing, nevertheless it sustained interest, partly because of unusual rhythmic figure" (Boston Herald, March 18, 1949). (1)

Em meados de 1949 vêmo-lo de novo no Rio de Janeiro, agora em busca de emprego. Tentou primeiramente, e com sucesso um curso de terapêutica musical no Hospital do Engenho de Dentro e logo após passou a integrar os quadros de colaboradores da Rádio Ministério da Educação (Serviço de Educação e Rádio-difusão do Ministério da Educação). Prestou serviços ainda à Rádio Roquette Pinto, da Prefeitura do Distrito Federal, e mais tarde exerceu funções de crítico musical do jornal "A Tribuna da Imprensa" (1950-52), de onde saiu depois de momentoso incidente com a direção por haver atacado a Orquestra Sinfonia Brasileira. A partir de 1954, vem organizando excelentes programas de música erudita para a Rádio Jornal do Brasil. Em 1952, realizara um curso de aperfeiçoamento com Ernest Krenk, em Teresópolis, e ficou impressionadíssimo com o fabuloso pedagogo, cuja leitura prodigiosa de partituras complexas não se cansa de louvar.

"Edino Krieger é um rapaz reservado, quase tímido. Não gosta de mostrar as suas obras e julga que não vale a pena executá-las em público. Ao regressar dos EE. UU. poderia ter-se popularizado bastante, explorando os antecedentes que trouxe, pois nas raras vezes em que fez ouvir os seus trabalhos a crítica incentivou-o bastante. "Edino Krieger afasta-se sempre mais de qualquer cerebralismo estéril para alcançar uma maior expressão... da mais essencial pureza musical" (Renso Massari, *Jornal do Brasil*, 3-VII-1952). No entanto, tem recusado sistematicamente suas obras a bons artistas nacionais e, para elaborar este artigo não foi fácil convencê-lo a fornecer o material de estudo. Seu maior desejo, atualmente, é aperfeiçoar-se na Europa e os amigos não estão poupando esforços para satisfazê-lo: ainda este ano deverá seguir para Londres e Paris onde passará alguns meses. Antes, porém, realizará uma audição de obras suas, patrocinada pela Comissão Nacional de Música do IBCC.

A obra de Edino Krieger pode ser situada dentro da corrente neo-clássica. Seus primeiros ensaios em composição foram mais ou menos românticos; transformou-se depois em dodecafônista para finalmente evoluir para um neo-classicismo de tendência nacionalista. A transição pode ser considerada lógica, espontânea mesmo, com algumas hesitações no período logo após o regresso dos EE. UU. Sua tendência formal é para a grande concentração, para as miniaturas, para a fugitiva. Em Nova York sentiu a necessidade de ampliação de horizontes, a falta de lastro tradicional, o impulso de fazer experiências em todos os terrenos e não apenas em um setor. Data de 1951 a curiosa peça intitulada *Sururu nos Doze* para flauta e orquestra de cordas, onde aproveitou constâncias da nossa música popular, motivos de choro, como se fôsse invasões na

técnica dos doze sons. Sentia despertar então uma consciência dodeca-fônica mais musical, menos ortodoxa, pois andava muito amarrado aos cânones de Schoenberg. Sua posição para com a música brasileira tão pouco se fixou claramente: disse-me sentir uma necessidade íntima de acrescentar motivos nacionais à sua obra, mas nem por isso considera tal atitude como obrigação moral ou estética: serve-se de temas originais à maneira da música urbana carioca e não de pesquisas folclóricas alheias. Edino dá impressão de ser um músico sério e consciencioso: suas obras são bem acabadas, tem visível musicalidade e cedo convenceu-se de que o dodecafonismo não é um fim e sim meio útil para a criação musical.

Pouco conheço ainda das obras de outros compositores da sua geração, mas os trabalhos do jovem músico catarinense vêm confirmar a tendência para o encerramento definitivo do ciclo verde-amarelo na música brasileira. Nossos grandes compositores vêm escrevendo ultimamente peças com caráter muito mais universal do que há dez anos; a campanha de Mário de Andrade praticamente morreu com ele, não porque deixasse de ter razão, mas pela completa exaustão dos estudos folclóricos ao alcance dos músicos. Caberá agora à Comissão Nacional de Folclore realizar um movimento para a publicação do novo material recolhido pelos Comitês Regionais e cuja importância ficou demonstrada no magnífico Congresso Internacional de Folclore, de São Paulo, em 1954.

*

Voltando a Edino Krieger, façamos uma rápida excursão pelo seu catálogo de obras. O primeiro trabalho como compositor data de 1944 e é uma *Sonata* para violino solo, em estilo barroco lembrando um pouco Corelli. Do mesmo ano é *Improviso*, talvez a sua obra mais popular, frequentemente tocada pelos flautistas e de caráter impressionista; seguiu-se-lhe uma *Sonatina Canônica* para duas flutas, onde se nota decisiva tendência para as modulações, exageradas por vezes. Então começa o período dodecafônico de aprendizagem com *Kdellreuter* e seu expoente parece haver sido o *Trio* 1945 para sopros, que receberia o Prêmio Música Viva. Logo após um *Quarteto de Cordas* em dois movimentos e a canção *Tem Piedade de Mim*, letra de Rangel Bandeira, ainda à espera da primeira audição. Outras peças de menor importância são as *Minia-turas* e a *Sonatina*, ambas para flauta e piano, e as duas peças já mencionadas que o fizeram ganhar o concurso para o Berkshire Music Center.

A partir de *Música de Câmara*, que mereceu o comentário do Boston Herald já citado, inicia-se a fase do afastamento do dodecafonismo, de maior liberdade técnica. Em Nova York (1945) escreveu duas obras interessantes consequência de seu contato com Copland, mais estudos do que peças de concerto, verdadeira busca de timbres, combinações stravinskianas, menos clássicas como concepção de forma a *Melopéia*, para canto, oboe, viola, saxofone e trombone, e *Fantasia* para grande orquestra, sua primeira obra no gênero. Tinha vinte e um anos de idade apenas e a evolução, que havia tardado tanto em seus companheiros mais velhos do Grupo Música Viva, processava-se a passos largos em Edino Krieger. No entanto, a doença dodecafônica não passaria sem mais alguns estertores pouco convincentes: a peça híbrida *Sururu nos Doze* (1951), já mencionada, a *Música para piano*, feita sob a orientação de Krenek, e a *Balada* para três vozes femininas, flauta e violão, esta última o usado experimento de declamação rítmida e de cadências modais aplicadas aos doze sons. Essa foi a sua última obra dodecafônica do catálogo. Da mesma época, tão pouco se revestem de especial significa-

ção os **Cantos do Mar** (O enterro do Pescador, o Vento e Paquetá) e quinze cânones infantis, arcaicos e populares.

Já em 1953, vemos algumas das melhores obras de Edino, a primeira delas para piano a quatro mãos — **Rondó Fantasia** — encomendada pelo Meitor Alimonda. A construção apresenta nítido caráter neo-clássico, na linha de Hindemith talvez. As três canções sobre poemas de Nicolas Guillen, bardo cubano de passagem pelo Rio, revelaram um excelente compositor vocal. O tratamento do texto irônico é ágil e dotado de bom gosto, a melodia fácil e pegajosa, o acompanhamento expressivo e fluente. Escritas para uma voz média, constituem excelente contribuição para o lied brasileiro, embora o assunto seja chinês e o idioma castelhano. São elas: **Canción China en Dos Vozes**, **El Negro Mar** e **Canción del Regreso** e estão dedicadas a Jorge Amado: a primeira e a última eufóricas e a central, melancólica. Outra obra vocal de pequena duração, mas de belo efeito coral é o **Madrigal**, de Carlos Drummond de Andrade, para três vozes a cappella, onde o compositor maneja com inspiração e justa medida vocal um texto de muita categoria.

Dentre os trabalhos recentes, destaco a **Sonata** para piano solo, muito pianístico e brilhante, demonstrando as possibilidades tão promissoras do autor com esse instrumento que não é o seu. O segundo movimento serviu para o músico cafarinense prestar uma homenagem a Villa Lobos e acabou sendo orquestrado em separado: a **Seresta Vilalobina**. A peça seguinte foi **Música Incidental para Antígona**, escrita sob encomenda do grupo de teatro do Instituto de Educação. Logo após, mais duas canções de menor interesse. **Tu e o Vento** (Adelmar Tavares) e a **Balada do Desesperado** (Castro Alves), que não alcançaram o nível do **lieder** de Guillen.

As três últimas obras, já de 1955, podem ser consideradas as mais importantes: **Abertura Sinfônica** para grande orquestra e que se destinava a ser toda uma sinfonia. Não tem programa e permanece dentro dos limites do estilo neo-clássico, se bem que aqui e acolá encontraremos ritmos nacionais. A segunda peça é a **Suite para Orquestra de Cordas**, de excelente efeito, especialmente o quarto movimento onde se aprecia uma fuga com ritmo de marcha de rancho, cantada pelo cello. O terceiro movimento da **Suite** era uma homenagem a Bartok. Uma referência também às 3 **Invenções para duas Vozes** para piano solo (valsa, chorinho e seresta), dedicada à sua noiva. Atualmente está compondo dois ballets ao mesmo tempo: um regional, com argumento de Ivan Meira, intitula-se **O Jangadeiro** e o segundo, uma pantomina de Ody Fraga, incursiona no setor cômico — **O Roubo da Melancia**. (2) Outros trabalhos em curso são a canção **Dentro da Noite** de Manuel Bandeira, que será interessante cotejar com a versão de Mignone, e um 2º Quarteto de Cordas. Há tempos escreveu música para um filme dramalhão: **Mãe**.

Como vê o leitor, a bagagem musical de Edino Krieger já não é diminuta e possui diversas páginas que um dia terão peso na música brasileira. Começou timidamente com peças para flauta solo, passou à música de câmara, realizou feliz incursão no terreno vocal, já maneja a orquestra com certa desenvoltura e agora lança-se a aventuras cênicas. Caminha com os pés no chão, conquistando paulatinamente cada setor; procura cultivar-se como autodidata e não lhe faltam energia e ambição. Ainda não chegou aos trinta anos e conquistou alguns louros; sobra-lhe talento para muito mais e necessita conhecer mundo, absorver culturas milenárias até atingir o perfeito desenvolvimento da sua personalidade. O Brasil precisa de Edino Krieger. Conta com ele, neste marasmo desolador em que se encontra a nossa criação musical.

- (1) "O quarteto de Edino Krieger... embora não seja das peças de mais fácil compreensão, mantém o interesse de todos especialmente pelas originais figuras rítmicas".
- (2) **O Jangadeiro** consta de três cenas: a partida dos jangadeiros para alto mar, alucinação e morte do jangadeiro, durante a tempestade, e o entêro do jangadeiro. **O Roubo da Melancia** tem uma cena só: a ação passa-se em um terreno baldio, onde existe uma grande melancia e um espantalho para guardá-la. Vem o ladrão, rouba a melancia e o espantalho se desespera chamando o guarda, os políticos, etc. até que se estripa e morre. A noite aparecem fantasmas que, penalizados, enchem novamente o espantalho e plantam outra grande melancia para regozijo geral.

(Transcrito do "CORREIO DA MANHÃ" do Rio de Janeiro, edição de 9-7-1955).

O PADRE CARLOS DE FOUCAULD

Não passará muito tempo sem que se acentue o movimento de opinião já hoje tão importante e sem que à consagração particular, não só de fiéis da religião católica como de qualquer pessoa que tenha algum conhecimento da personalidade de Foucauld, se venha juntar o reconhecimento oficial da Hierarquia, apontando o antigo visconde, o antigo capitão de cavalaria, o antigo explorador, tão dramaticamente convertido e tendo feito do deserto o seu lugar de eleição, inclusive para o martírio, como um dos maiores santos do Catolicismo, porventura só comparável, na evolução da Igreja, a S. Francisco de Assis.

Efetivamente, e sem o querer, sem que houvesse da sua parte qualquer deliberada consciência da sua coordenação com a história, levado apenas pelo Amor, que é somente um dos nomes da força fundamental do mundo. S. Francisco se situa no momento exato em que o movimento ascensional das comunas, depois tão trágicamente esmagado pela ressurreição do centralismo romano; em que os descobrimentos dos portugueses, que iriam de certo modo falhar também no seu propósito essencial de construir uma ciência, uma ação e um mundo verdadeiramente católicos; em que o amor da natureza, logo sufocado pelas lutas de reforma e contra-reforma; impunham uma revisão dos moldes que a Igreja, como tempo, se talhara; uma volta do corpo místico a si mesmo, à sua absoluta interioridade, para que o exterior não fôsse apenas um vestuário ultrapassado; uma total entrega a Deus e, por aí, uma ação plena, real e completa no mundo que nos cerca.

Considerada apenas a história depois de Cristo, a segunda grande revolução se dá exatamente no nosso tempo. Quer o queiram quer não os que permanecem ancorados a conceitos e formas de vida inteiramente ultrapassados, aquilo a que chamamos o povo, isto é, os que não tiveram até hoje, nem de longe, que vestir, que comer e que sonhar, vão poder ascender a uma existência digna de gente; a energia nuclear vai tornar infantis todas as fantasias técnicas do passado, por mais ousadas que fôsem; e, como consequência, a economia, o direito e a política clássicas se vão inteiramente ultrapassar. Era esta a hora de um novo grande santo que viesse, não adaptar a Igreja à época, como às vezes o supõem pensadores superficiais, mas demonstrar sua eterna verdade. E esse grande santo é exatamente o Padre Carlos de Foucauld.

Até agora, e premidos pelas circunstâncias econômicas que nenhum acontecimento poderia ter alterado, a não ser, naturalmente, o progresso técnico dos meios de produção e transporte que veio a dar-se no nosso tempo, só raros tem tido na humanidade o privilégio de ascender a uma verdadeira cultura. Por um lado, tem-se dado especial importância a tudo o que pode significar uma melhoria das condições de vida: numa fórmula, que pode ser exagerada e injusta como quasi todas as fórmulas, seria possível dizer-se que, dum modo geral, se tem dado, naquela civilização ocidental que é que a tem para nos mais directo significado, muito mais importância ao engenheiro do que ao artista, tomando aqui a palavra não no significado estrito do que pinta ou esculpe, mas no significado do que, pela sua fantasia criadora, vai juntando mundo ao mundo.

Por outro lado, não podemos pensar numa real cultura sem que a vejamos despida de todos os elementos de concorrência, supremacia ou lucro imediato. Cultura consiste não numa aquisição de conhecimentos, como às vezes se julga, mas em nos despirmos o mais possível,

quando consideramos o universal, de tôdas as particularidades que trouxeram ao nosso ser um determinado lugar da terra, uma determinada hora da história ou pormenores de nossa gente e de nossa constituição física. Ser culto é considerar a essência com espírito que em sua essência repousa. E isto temos nós sistematicamente adulterado, por circunstâncias alheias ao que mais intimamente desejaríamos: temos feito da cultura um instrumento de distinção entre os homens, uma arma de guerra e, no mais benigno dos casos, uma fútil exterioridade. O que quer dizer o seguinte: a cultura devia ser, na humanidade, como que a mais alta expressão do Espírito Santo, de sua fundamental Unidade pelo amor, de sua Paz, de sua vida interior. E dela se fez todo o contrário.

É evidente que não devemos procurar para isto uma razão numa fundamental maldade humana, embora, creio eu, esteja sua razão original contida no dogma da Queda. Mas, uma vez aceita esta idéia, uma vez compreendido que podendo ter-nos conservado em Paraíso pela aceitação dos planos de Deus, por uma perfeita união, mística e de espaço e tempo, com o espírito divino, dêle saímos por um abusivo uso da liberdade, torna-se absurdo não aceitar a coexistência no mundo de últimos fins espirituais e de circunstâncias de caráter puramente histórico, iríamos dizer, se a expressão não pudesse ser tomada num sentido materialista, de circunstâncias de mecânica histórica. E é exatamente a junção dos dois elementos que faz que a civilização católica, ideal para o homem de ocidente, não tenha podido ainda realizar-se em toda a sua plenitude, a não ser nos santos. E não se realizará jamais, enquanto houver sobre a terra um homem cuja pobreza não seja inteiramente voluntária. Todo o catolicismo será apenas de ideia e não de realidade enquanto houver no mundo um homem com fome, ou sem casa, ou que sinta ser a cultura o tal elemento de separação de que falamos; ou que saiba serem as circunstâncias económicas que o oprimem impeditivas de que nele resplandeça, como é seu dever humano, todo o poder criador do espírito de Deus.

Foi exatamente como que para animar os homens nesse caminho, como que para lhes mostrar qual será a verdadeira missão do homem quando, de um modo ou de outro, se libertar de uma economia em que o paganismo sobrevive num mundo que deseja ser cristão, que o Padre Carlos de Foucauld foi, ao mesmo tempo do que um santo, um artista e um sábio. Tão excepcional tem sido qualquer destes tipos de personalidade quando consegue afirmar-se que se tem em geral a idéia de que se trata de um fenómeno esporádico na humanidade e, além disso, perdem o artista ou o sábio a noção de que seria seu primeiro dever o de manterem acima de tudo a sua fraternidade humana.

Foucauld foi o primeiro santo que, presagiando uma idade futura, se entregou à arte, no seu caso a pintura, e pintura de caráter religioso, com a simplicidade e o direto jeito de quem reconhece estar apenas exercendo a parte que a êle coube de um património dos homens. E na ciência, como explorador do Marrocos e como conhecedor da filologia tuaregue, foi ainda Foucauld o primeiro santo que mostrou não ser toda a ciência aquela de tipo protestante ou fáustico, de "saber para prever para poder"; que pode haver uma ciência que mantenha acima de tudo a fraternidade humana, e que a outra só poderá redimir-se se, passando à técnica, abrir para todos os homens uma definitiva época de segura abundância.

Não pela palavra, mas, como convinha, pelo exemplo, deixou neste ponto Carlos de Foucauld a todos os homens uma mensagem de esperança: que podem todos êles, logo que se vejam livres das tiranias económicas, ascender a domínios de arte e de ciência, bastando para

isso que exerçam, num mundo livre, o privilégio que jamais lhes poderá ser roubado de terem sido criados à imagem e à semelhança de Deus; à imagem do Ser que, a um tempo humilde e esplendorosamente, une a suprema fantasia artística, a suprema precisão científica e o Amor supremo.

Um dos mais graves problemas que se vai levantar quando as limitações econômicas terminarem é o do acesso ao ócio, ao tempo livre, e por aí à cultura, de todos aqueles milhões de homens que até hoje dela estiveram privados. Sem querer de modo algum pôr com a comparação similitudes que podem ser enganadoras, poderíamos dizer que assim como o fim da Idade Antiga se caracterizou na Europa pela invasão dos bárbaros, da mesma forma o fim da nossa idade se caracterizará por uma nova invasão de bárbaros em todo o mundo; entendendo-se aqui naturalmente a palavra bárbaros no seu sentido etimológico de gente fora do molde de cultura que se julga realmente humano.

A não haver uma guerra, o que significaria, com os novos tipos de armas, uma catástrofe para toda a humanidade, a questão que teremos de enfrentar, e num prazo relativamente curto, é a de se encontrarem ao inteiro alcance de todos os meios que serviam à cultura de raros, a começar exatamente pelo tempo livre. Empregar bem o tempo livre é tarefa mais difícil do que parece à primeira vista; o que poderá cair imediatamente sobre a maior parte dos homens é o tédio, com toda a sua série de consequências desastrosas para o indivíduo e para o conjunto do grupo a que pertença.

Por outro lado, e enquanto não chega a hora de se libertarem de todo o encadeamento de misérias a que estão presos, a vida é para a maioria dos homens que hoje existem na terra um pesadêlo mais terrível do que o de todos os sonhos, mesmo naqueles países que nos habituámos a considerar como mais adiantados e como oferecendo a todos os seus componentes um razoável nível de vida. A um presente que ninguém invejaria se juntam todas as lembranças do passado e todas as apreensões de um futuro que sabem inteiramente à mercê do mais pequeno acidente.

Duas tarefas se imporiam então a homens de boa vontade: a de pensar nos meios de evitar a destruição pelo tédio, quando o ócio vier, ou até um possível ataques dos incultos à cultura que passar à nova época; e a de animar, acompanhando-os na sua vida actual, todos os que de várias maneiras se encontram postos de parte. Quanto ao primeiro ponto, é muito de duvidar que a instrução seja em grau suficiente e vá bastante rápida para que se evite uma catástrofe: voltando ao símile histórico, poderia mostrar-se que não foi terem ido os bárbaros à escola romana, a-pesar de tudo o que se fez no campo da assimilação, que evitou a destruição total da cultura antiga. O que se salvou de material salvou-se por uma questão de utilidade imediata; o que se salvou de espiritual, que foi o mais importante, salvou-se pelo trabalho dos monges e pelo respeito que a nova religião exigia do invasor. Quanto ao segundo, está totalmente errado quem supuser que está fazendo uma obra excelente convertendo povos indígenas: fora casos individuais tudo termina pela destruição de todas as bases da vida tribal, sem que se assimile nenhuma nova cultura; e, além de tudo, mais se anima colhendo ensinamentos do que ensinando; como mais se anima despertando amor do que amando. Homem vale perante si próprio na medida em que se sente útil e em que ama; não na medida em que o servem e o amam.

Foi isto o que o Padre Carlos de Foucauld entendeu melhor do que

ninguém. Bom conhecedor da África do Norte sob o domínio dos franceses, escolheu para viver junto d'êles, e sujeitando-se às mesmas ou a piores provações, o grupo de mais baixo padrão de vida, o dos tuaregues. Não se preocupou em lhes ensinar francês, aprendeu êle a língua dêsse povo; não lhes foi ensinar poesia francesa ou música franceza, aprendeu êle, paciente e affectuosamente, a língua e a poesia dos tuaregues; e, quanto a técnicas europeias, apenas lhes transmitiu as mais rudimentares, aquellas que, de algum modo, seia alterar costumes tradicionais, lhes podiam facilitar a vida. Os tuaregues, pela primeira vez na sua existência, tiveram a quem amar; e, quando uma técnica, enfim universal e do povo, lhes vier transformar o deserto, a lembrança de Foucauld, no que lhes pôde inculcar de humildade, será a única força capaz de os salvar, e salvar outros, de um total desastre.

Juntando a tôdas as suas qualidades e de vez claro nos problemas de organização e de continuidade, e embora tivesse sido êle sempre um solitário no solitário deserto, foi sob a directa inspiração de Foucauld e seguindo as constituições que êle mesmo traçou, que se formaram as comunidades de irmãos e irmãs que hoje, por todo o mundo, vivendo uma vida inteiramente despida de tôdas a preocupação do material, com o que é porventura a mais severa de tôdas as regras religiosas, habitam junto dos mais abandonados e partilham com êles de tôdas as dificuldades de sua existência. Com os índios do Brasil, com os nómades do Norte de África ou da Arábia, com os miseráveis das favelas das grandes cidades, os Irmãos de Foucauld vão desempenhando a mesma essencial tarefa de acompanhar os que ninguém acompanha e dê, despertando-os para o Amor, fazer d'êles a futura grande reserva de um mundo que se vai transformar.

Um dos pontos essenciais que podemos pôr simultaneamente como consequência de certas obrigações ou tarefas que sôbre si tomou a nossa ordem social e como origem de grande parte das falências espirituais que nela facilmente se marcariam é o de que, em geral, nenhuma forte vida interior anima os que empreenderam ser artistas, sábios, políticos ou técnicos. O mal se acentuou particularmente a partir do fim da Idade Média, com o aparecimento do capitalismo renascentista: ao passo que, tomado o conjunto das características de vivência, o existir é, para o homem medieval, uma função sagrada, mais importante pelo aspecto espiritual do que pelo que significa materialmente, êle se dessacritizou logo no século XV, sob imperativos que iam tomar vários aspectos económicos, políticos, jurídicos, sobretudo com a passagem a segundo plano do direito medieval dos forais, e até religiosos com o aparecimento das seitas dissidentes, a que se dá o nome comum, e às vezes impróprio, de protestantismo.

Actualmente, raros são aqueles que, agindo nos campos da arte ou da ciência ou do governo dos homens, se vêem como simples instrumentos da vontade de Deus e põem o máximo do seu empenho em, mantendo-se dentro de uma vida rigorosamente voltada ao espiritual, libertando-se o mais possível das exigências de uma existência espacial e temporal, poderem entrar o mais limpidamente que lhes for dado em contacto com a essência profunda do universo. Relevando tudo o que a expressão possa apresentar de impróprio ou de lugar comum poucos serão os que vêem política, ciência ou arte como uma função de carácter sacerdotal. O próprio fato de não haver pintor, escultor ou desenhista que não se apresse a assinar o seu trabalho, em contraste com o geral anônimo da Idade-Média, mostra até que ponto veio a parecer estranha a idéia de ser o artista um simples intermediário de criação divina. Ê,

noutro campo, a mesma absurda convicção que leva os homens a supor seus filhos, no que têm de mais profundamente humano, como gerados pelos contactos materiais, segundo as leis de uma estrita biologia.

A falência desta interioridade leva a que sejam tão raros a verdadeira ação e o verdadeiro valor e tão frequentes a agitação que substitui a primeira e a vaidade, no sentido bíblico da palavra, que substitui a segunda. Vieram a julgar os homens que são bastantes e eficientes os motivos exteriores e que há no mundo chamado real ou na vida chamada terrena objetivos bastante grandes e bastante importantes para que absorvam o melhor da nossa actividade. Assim como os espiritualistas de péssimo quilate, ou, diríamos melhor, os hipócritas do espiritualismo julgam possível expulsar do mundo o Diabo sem que primeiro se resolvam integralmente todos os problemas materiais que afligem os homens, assim também na corrente contrária aparecem como fazendo esforços inteiramente vão os que supõem que é para bem do material que se quer uma economia perfeita. A Terra só poderá vir a ser um viveiro de santos quando se abolirem todas as formas de miséria; mas não valerá a pena habitá-la se não for efetivamente um viveiro de santos, isto é, de homens inteiramente subordinados ao espírito de Deus e inteiramente fazendo coincidir a Liberdade e o Bem.

As comunidades de Foucauld, seguindo o exemplo de seu inspirador, têm como ponto fundamental da existência o da vida interior. Irmãos e Irmãs não põem como primeira linha nem a criação de carácter científico ou artístico, nem a espécie de serviço social que poderão estar prestando. Sabem que já há bastantes artistas, como tais, no mundo, e que já existem bastantes sábios como sábios, e bastantes homens de ação como homens de ação. Sabem, por outro lado, que o progresso material agindo em suas forças e linhas fatais fará que um dia praticamente toda a humanidade possa ascender aos campos da arte e da ciência e que a ação seja de certo modo uma atividade secundária. Mas também não ignoram que o que mais importa, a real justificação de existir, a compreensão, o respeito e a adoração de Deus, a santidade, nunca virão por um progresso material: este apenas pode dar as condições que as permitem.

O que fazem, o fazem por assim dizer, por um acréscimo. São a mesma vida interior, a mesma fé, o mesmo amor que animaram Carlos de Foucauld no isolamento do deserto, entre os bárbaros, e o levaram a aceitar o martírio, resignado, corajoso e grato, que sustentam o gosto criador dos pobres que voluntariamente o seguiram e igualmente os sustentam na companhia difícil, por delicada e generosa, recitante e apaixonada, que fazem aos miseráveis do mundo. É por serem, que fazem; e não, como em geral sucede no mundo, que, por fazerem, são.

É essencialmente por esse primado de vida interior, de apaixonada ascese, ou de despojado amor aos homens traduzido na arte, na ciência e na ação, que, passada a crise, depois da transformação económica que se avizinha, quando o mundo tiver por ideal o abraçar-se em Deus, se verá Carlos de Foucauld como um dos servidores dos homens, por servidor do divino, que melhor os guiou pelos caminhos da verdadeira idéia, da verdadeira esperança, da verdadeira vida.

Agostinho da Silva

CONVERSA COM PAULO DANTAS

**Paulo Dantas: Sensibilidade e ternura. — O jovem roman-
cista consegue com "Purgatório" abrir novos caminhos no
romance nordestino — Paulo escreve porque vive... —
Poeta da prosa e "médium" das palavras ...**

Reportagem de RUY APOCALYPSE

O nome de Paulo Dantas é por demais conhecido, gra-
ças à sua pena mágica, que arranca do sofrimento itinerá-
rios de grande penetração psíquica e humana.

Paulo é o tipo característico do nordestino. Tudo nele é
lírico e espontâneo. Talvez tenha recebido de sua terra natal
essa densidade mística e êsse vigor simbólico, que se envo-
lam, por tôda a sua literatura, pois só assim poderemos si-
tuá-lo e entendê-lo ...



Escritor Paulo Dantas

Cronologicamente, são suas obras: "Aqueles Muralhas
Cinzentas" — 1943 — (Prêmio da Academia Brasileira de
Letras), "As águas não dormem" — 1946 — "Cidade Enfêr-
ma" — 1950 — (Prêmio da Academia Brasileira de Letras
e do Jornal de Letras), "Chão de Infância" — 1953, e "Pur-
gatório" — 1955.

Escreve também para a juventude, tendo já publicados
os seguintes trabalhos: "Tobias Barreto" — 1952 — "Coe-
lho Neto" — 1952 — e "Aluizio Azevedo" — 1954.

Em São Paulo, no bairro de Vila Mariana, à rua Cor-
reia Dias, n. 500 tivemos a oportunidade de palestrar com o

jovem romancista, que acaba de publicar "Purgatório", segundo volume de uma trilogia sobre o nordeste.

Recebeu-nos de braços abertos, com o seu olhar ardente, a brincar na face.

Falou-se de "Purgatório", como se fôsse uma realidade palpável, que estivesse na sua frente. Ora ria de um personagem, ora condoia-se de outro.

Porém, necessitávamos, antes de entrar em "Purgatório" (para melhor compreendê-lo) de seu roteiro de escritor, marcado pela vivência e pelos vários mistérios do destino.

Iniciamos nossa entrevista, perguntando-lhe sobre as primeiras sensações e surpresas sentidas em sua infância sergipana. Respondeu-nos, pausadamente, aprofundando-se na memória, a contornar o pensamento e recompondo-se, inteiramente.

— Vivi até os seis anos, na minha cidade natal, Simão Dias, no Estado de Sergipe, berço de minha inspiração e ponto de partida para a gestação de "Purgatório". Ali, vivi, terno menino, cercado de mimos, de cabelos cacheados, bem tratado por todos, com banhos mornos nas tardes de estio e ingênuas brincadeiras, no fundo do quintal da casa de meus pais, que era um frondoso sítio.

Já escrevi muitas páginas sobre a minha infância, sobre esses dias encantados, que não voltam mais, páginas essas que estão espalhadas em diversos livros meus.

Depois, em 1928, com minha família, parti para Itabuna, sul do Estado da Bahia, onde vivi o segundo período de minha infância, aí terminando meu curso primário, no Grupo Escolar.

— E sobre o seu primeiro livro, o que nos conta ?

— "Isso" aconteceu, quando eu tinha catorze anos e era assíduo colaborador de "O Tico-Tico" e de "O Intransigente", jornais de Itabuna. Publiquei um livrinho de crônicas, contos e pensamentos, com o título pretencioso de "Mentalidade Infantil, o qual me deu fama de garoto prodígio, na região, impulsionando-me para estudar na Capital Bahiana, onde, no Ginásio Ipiranga, fiz um ano e meio do curso ginásial, sendo dele expulso, caluniado e prêso. Sou, portanto, autodidata, condição da qual muito me orgulho !

"AQUELAS MURALHAS CINZENTAS"

— Minha novela de estréia foi escrita em Minas Gerais, após ter adoecido no Rio de Janeiro, onde andei fazendo jornalismo e trabalhando, nos dias miseráveis que fixei, auto-

biograficamente, em "As águas não dormem...", segunda novela, publicada em São Paulo, em 1946, sob o patrocínio entusiástico de meu grande protetor Monteiro Lobato. Escrevi "Aquelas Muralhas Cinzentas", na Penitenciária Agrícola das Neves, em 1942, quando lá estive, como secretário particular do seu diretor, o Sr. José Maria de Alkmin.

O motivo inspirador, dessa novela, nasceu através de contatos quotidianos com os presidiários. Pouco e pouco, conheci-os, intimamente, integrando-me, cada vez mais, naquela paisagem espiritualmente enfêrma.

"CICLO DA ANGUSTIA HUMANA"

— Escrevi, no período de doença, a novela "As águas não dormem..." e o romance "Cidade Enfêrma", com os quais encerrei o meu "Ciclo da Angústia Humana". A novela foi "parida" em Belo Horizonte, sem dificuldades espontaneamente e o romance, da mesma maneira, em Campos do Jordão, onde morei entre 1946 a 1950. Fiz êsses trabalhos inspirados nas minhas experiências e nos meus diretos contatos com a enfermidade. Daí o tom participante e vivencial de suas páginas.

A tuberculose serviu-me de tema, durante os anos, em que, nas suas garras padeci, nas estações climáticas, nas pensões e nos sanatórios populares, passando por enfermarias de indigentes, cadeiras de lona e por varandas enfermas.

"TRILOGIA NORDESTINA"

— Esgotado, dentro de mim, o ciclo enfermo, já que curado logo me casei, constituindo família, num retôrno que fiz ao Nordeste, visitando a cidade de minha infância, fui tocado pela vontade e pela necessidade de escrever uma série de livros sôbre homens, coisas, sentimentos, ternuras e taras da minha região natal. Dêsse sentimento, originou-se a "Trilogia Nordestina", iniciada em 1953, com a publicação de "Chão de Infância", novela ligeira, na qual esbocei a criação de Daniel, o meu "tipo inesquecível", aliás, figura inspirada diretamente da existência estranha e sofredora de um irmão meu. Tudo vida real. Mas, "Chão de Infância" foi mais uma alegoria sensitiva, ou melhor, uma conversa em surdina, um prelúdio trágico-emotivo do que um romance de enredo agitado.

— E "Purgatório" ?

— Nesse livro mudo de linha e de técnica, sem, no entanto, abandonar a área mística e sertaneja-saudade e paixão — é meu ciclo novo de romancista.

Finalizarei a minha "trilogia", com "O Livro de Daniel", que será o suco total da alma e das taras dos personagens, que desfilam nas páginas de "Chão de Infância" e "Purgatório". Será o desfecho do irremediável, das sete páginas do destino, fechadas pela angústia e o desalento.

X X X

Estava finalizada a entrevista com Paulo Dantas.

Lá fora, a noite era um borrão úmido e inquietante. . .

Deixámos Paulo Dantas a erradiar de si os fantasmas, com quem conversa e convive para fixá-los em novelas e romances.

— Porque, meu caro, ou passo-os para o papel, ou não sossego: brincam e se divertem comigo, como diabinhos rabudados, de olhos coruscantes de sacy-pererê !

NOTAS DE LEITURA

Sugestões dum ensaio sobre poesia primitiva

É de uma pobreza confrangedora o que em português podemos encontrar sobre a poesia de outras nacionalidades. Quase nada temos se alguma coisa temos, e nesse nada não importa para o caso os poucos trabalhos de Luis Cardin, Casais Monteiro, Paulo Quintela, Jorge de Sena, ou outros que se atirem para a questão. Nem, mesmo, o recente estudo de Fernando Camacho "Sobre poesia anglo-saxônica" (1) muda o problema de uma maneira vincadamente prometedora. Continua sendo como que axioma o nosso desconhecimento da poesia além-fronteiras e o vazio mantido em aberto na nossa vida cultural, a que nem o Brasil foge. A inexistência de traduções de obras poéticas e de antologias, de estudos e indicações (notas críticas, informações bio-bibliográficas, ensaios de literatura comparada, etc.) brilham pela ausência. O fato dêste ou daquele poeta ser referenciado, de lá de longe em longe oferecer a tradução de um poema "de fora", em nada remedeia, antes parece espicar ainda mais o problema. Dependuramos à porta de casa que somos um país de poetas, e na tabuleta espetou-se uma coroa de louros arrancados não se sabe como, e pronto: dormiu-se logo em seguida, esgotado pelo esforço. Mesmo as contribuições que um Paulo Quintela trouxe (em referência à poesia alemã) ou um Luis Cardin nos ofereceu (quanto à poesia inglesa), por exemplo, foram vozes no deserto. Contribuições estas a que não nos cabe juntar a do ensaio de Fernando Camacho, não por falta de interesse objetividade ou sentido de honestidade, mas por o termos como de limitado interesse devido ao seu formalismo escolar, senão acadêmico na estrutura.

A primeira-grande-dificuldade impedindo êsse conhecimento é de ordem econômica, a de não ser possível seguirem-se estudos linguísticos que permitam a leitura direta, e de as raras pessoas que o conseguem se limitarem a uma única língua (principalmente o francês, e depois o inglês), ficando no entanto manietados por lhe ser proibitivo a aquisição das obras indispensáveis para êsse conhecimento. O reflexo desta limitação depara-se facilmente e constata-se na primeira conversa ou na maneira como o leitor português "foge" das obras em que venham transcrições ou referências em língua estrangeira, sem serem acompanhados da respectiva tradução. Mesmo que se trate do espanhol, ao pé da porta de nossa casa metropolitana, ou do francês — que logo no primeiro ano liceal "obrigam a aprender". Isso explica, de certo modo, a fobia dos senhores, ou na falta dêles, dos que se agarram à gramática quando se afundam na discussão de ideias, censurando por isto e aquilo menos respeitoso para com as regras da língua portuguesa. O grande cavalo de batalha, neste caso, é o estrangeirismo, até mesmo quando se trata de palavras caídas no domínio público — pobres deles esquecidos de quanto a riqueza do nosso léxico deve às relações com os outros povos e ao aproveitamento de termos de outras línguas que a nossa ainda não formara! Pobres deles aceitando a nacionalização pelo tempo de palavras árabes, provençais, bantus, indianas, etc., — só pelos nossos avós as terem usado — e rejeitando aquelas que nos nossos dias se tornou necessário aproveitar. A intocabilidade de tal posição está patente no exemplo dado pelo povo continuando a servir-se da palavra **futebol**, por maior que fosse a campanha pelo uso de **pedibola**...

Movimento paralelo de reação, ou de considerar como tal, o da procura de uma nova terminologia para a classificação de valores, que Fernando Camacho defende. Não partindo de um ajustamento, de uma revisão que tenha por base aqueles que, tendo atingido o convencionalismo, venham do passado ainda interessando para os nossos dias e para os nossos problemas, antes dando toda a nossa herança como falsa e podre, para assim justificar uma nova ordem de terminologia, pouco mais fomenta que uma deturpação do problema. Embora tal atitude seja favorecida, é naturalmente que o é, pela época extraordinária que atravessamos como um período de transição decisivo, de uma acuidade única, tanto no testemunho de inconfiança como no de angústia que se atingiram, isso não documenta qualquer atitude de negação pura, pura e simplesmente negativa. Dentro dessa acuidade impossível se torna não se notar o desequilíbrio que provoca, principalmente ao que toca nos valores chamados clássicos ineficientes para as necessidades de esclarecimento e conhecimento que nos exige a expansão ecológica do nosso tempo, tanto em referência às descobertas feitas como à ultrapassagem das herdadas. Uma nova terminologia apenas daria asa a uma confusão ainda maior. O que se necessita, realmente, apenas implica uma revisão de valores e um reajustamento de definições ultrapassadas, e não a sua substituição. O mudar-se um termo por outro, já aceite, e não o esclarecer-se quanto ao desenvolvimento do conhecimento atingido que esse termo simbolize e que não tenha acompanhado, somente poderá interessar como uma tentativa superficial e inútil. Einstein, por mais que tivesse revolucionado a geometria euclidiana, em nada obrigou a uma nova terminologia, a não ser para os novos valores introduzidos. Deu-se um desenvolvimento em que o passado se manteve e a classificação herdada se alargou. Para que, pois, destruir por completo a terminologia convencional para os valores literários — a não ser que se pretenda uma ingênua confusão ainda mais perigosa, de modo a não nos deixar ver o desenvolvimento ou ultrapassagem atingidas?

As palavras são símbolos, dísticos de coisas vivas em si, e portanto em contínua transformação. Elas não correspondem a situações estáticas, mas em contínuo movimento, o qual tem de acompanhar. Nascerem, desenvolvem-se e morrem, como todas as coisas vivas que deixam a sua própria continuidade. Há que mantê-las enquanto e que referenciem permaneça, por mais que essa permanência se modifique ou se venha a contradizer. Desde que se tenha conhecimento disso, desde que se lhe siga as modificações ocasionadas, o acerto do seu significado será sempre exato. E é isso que Fernando Camacho parece não ter compreendido, tal a pressa em se mostrar anti-acadêmico após as descobertas que fez quando em contacto com a nova realidade da sua vida universitária, e com o novo mundo das literaturas estrangeiras, que apressadamente acarretou para o público. Tal precipitação leva-o, num ensaio tipicamente escolar, a gritar contra o academismo, contra um academismo escolástico que no entanto apresenta, não só na estrutura estilística da sua prosa (2), como ainda na ordenação temática do ensaio. Essa sua precipitação é ainda agravada, para mais, com a falta de uma antologia dos textos estudados, e devidamente traduzida, que documentasse eficientemente a sua tese, dando assim ao leitor não especializado no assunto escolhido a possibilidade de referenciar as conclusões do autor. Com isso, não beneficiaria só os interessados pelos

problemas de poesia que não sabem inglês, mas ainda aqueles que, sabendo inglês, não possuem conhecimento linguístico suficiente para seguirem os textos, fora o livrarem-se de terem de adquirir os livros com os textos anglo-saxónicos. Tal fato influi na aceitação do seu trabalho, pois que naquela parte em que essa documentação menos se faz sentir, é de todas (a terceira do ensaio) a mais fraca e ordenada escolarmente. Fraca não só em elucidar objetivamente as afirmações que faz sobre poesia e crítica, como até na precipitação das soluções apresentadas. Isso tudo não impede, no entanto, que consideremos a sua estréia como ensaísta com profundo interesse, para o qual não contribuiu menos decisivamente a sua leve tentativa de estudo comparativo com os povos negros, em mais de um lugar reflexionada.

(1) Fernando Camacho — Sobre a poesia anglo-saxónica. 1954.

(2) Para confirmação dessa atitude académica-escolar, transcrevam-se apenas as seguintes aberturas: "Antes de considerarmos o ambiente geográfico vamos esboçar as modificações..."; "Já nos capítulos IV e VI nos ocupamos..."; "Como já vimos é aos copistas..."; "Mas, lembre-se o leitor..."; "Examinemos o caso...". (3) Exemplo: na "Tábua comparativa dos aspectos psíquicos, psicológicos e da comunicação de meios" divide estas em **Emotivo**, **Inteligência** e **Reactivo**, como se a capacidade de exercer uma decisão em resposta a um estímulo da inteligência, etc., não fôsse uma forma de inteligência. O segundo grupo dos "aspectos" deveria, antes, ser designado por **Dedutivo**. Pelo que teríamos assim, seguindo as suas premissas, a sua tábua dividida preferencialmente, em: 1) **Consciente** — a) emotivo, b) imperativo; e 2) **Inteligente** — a) dedutivo; b) reactivo. Para o 1-a) teríamos o grito provocado pela dor, surpresa, etc.; para o 1-b) o grito de chamamento, o gesto, etc..

O conto, forma romanesca da infância

As duas épocas da vida humana mais ligadas à infância, são, precisamente, a adolescência e a juventude. Como nenhuma outra, elas se aproximam daquele período em que tomamos contacto com a realidade exterior e sofremos as consequências da compreensão desse encontro — que na maturidade desprezamos, a modo de dizer que esquecemos. Para tanto, vários fatores relacionados entre si influem decisivamente: os de ordem memorealista-experimental e os de continuidade. Essa aproximação estabelece como que um emaranhado de fios ligando à objetividade com a sensação, desde os complementos costos às diferenças de compreensão renovadas de época para época, de idade para idade. É que, na adolescência, a lembrança e a continuidade da infância agem como alavanca de movimento progressivo, tantas vezes conduzido pelos caminhos ou atalhos da revolta, pela força ou impulso do desejo e pela vontade de aniquilar o passado (direta ou indiretamente, tanto faz), devido à atração que exerce a idade madura ainda não possuída. Na velhice, o condicionalismo é diferente; a lembrança propõe-se como uma fuga regressiva, um revolver descendo às origens do tempo para recomençar o impossível tempo perdido, e para o qual a infância contemporânea a esse estado de velhice é mais uma afronta que um estímulo. No primeiro caso, o que vem à tona são os ressaibos duma idade em que não havia necessidade de decisão, os recales dos afastamentos e das tarefas impostas, as vitórias sobre o oculto, o sabor da independência; no segundo, a imagem reflexa desse

tempo mostrando-se em tódia a potência de crescimento, de fonte de iniciativa — dinamismo êsse cujas possibilidades não foram atingidas por completo, exploradas em tódias as suas possibilidades de futuro, e por isso mesmo ainda em foco valorativo. O que leva, como é natural, a um lembrar cuja estrutura se opõe ao presente. E a um clima em que a realidade imediata é relevada para segundo plano, por maior interesse ou jôgo típico que apresente à relembração.

O curioso, é que Guido Wilmar Sassi não parece estar em nenhum destes campos no seu livro de contos "Piá" (1). Embora muito mais perto do ponto de encontro relativo ao adolescente, pelo que intenta de revolta e superação para o tempo futuro, procura antes como que entranhar-se direta e progressivamente na infância, conduzindo-se com ela de dentro para fora. Conduzindo-se, ainda, como se fôra essa própria infância nos seus aspectos individuais e nos problemas que a impõem a essa idade. Daí o ter trazido para o seu livro um ambiente tão diferente daquele que se entenderia por infância, e o manter uma diversidade documental que ultrapassa os convencionais limites de uma obra de ficção. E o ter preferenciado, por fim, embora dentro do mesmo plano social, uma recolha de personagens e aspectos representativos dum mundo especial, o das crianças pobres, tanto perante a vida econômica como afectiva. O contista está ali sem procurar o conto de uma maneira pragmática nos seus limites estabelecidos, antes procurando ir de qualquer forma ao fundo de cada problema. Procurando atingir, mais como uma preocupação de experiência vivida e de expectativa, mais como um conhecimento pre-adultamente endurecido (e por isso sofrendo das consequências de não ser ainda adulto tendo deixado ou perdido o sentimento de criança), do que outra coisa. A mobilidade desta posição e as perspectivas de enquadramento são manifestas no fechar dos seus limites, e explicativa na diversidade a que o conduziu a crônica "um desejo", o conto "Paçoquinha" e a narrativa "Papeleta", (aqui mais como experiência de montagem teatral através de cortes cinematográficos e paralelismos do que, na realidade, dentro de uma concepção de crônica ou conto). E, no conjunto, revelando-se como uma surpresa, o ter conseguido mostrar uma realidade romanesca onde o fluir de todos os elementos, de todos os personagens e situações são conduzidas para a veracidade, se movimentam, existem decisivamente na fase experimental que conduzirá à idade seguinte, qual relação de acontecimentos abrindo em cadeia. Não só dentro dos condicionalismos do tempo focado e com cujas linhas traça o mundo da humanização pretendida, como também pelo encadeamento relacionado às pequenas vidas perante uma unidade fundamental.

Se, temática e emocionalmente, o conjunto dos contos estabelece o desenvolvimento do campo romanesco, numa unidade de concepção, esteticamente o mesmo caso já não acontece. Existem diferenças de valor, sinais de inexperiências, franquezas de percepção e deficiências de repetição que mostram o incompleto domínio narrativo do autor, que de modo algum deve ser escondido. Não se trata, para o caso, de implicar a mesma passividade às diversas personagens, posições e situações, ou de todo o livro nos mostrar um clima de resignação subordinada à incapacidade de luta, de subjugação onde a heróicidade não reage para uma consequência dramática em perseguição da infância, de que "O Carro" parece ser a única excepção. Trata-se, isso sim, do tratamento de subordinação à subjetividade da narrativa desenvolvendo-se intimamente em cada personagem, do alongamento emocional en-

quadrativo do mundo infantil, onde a expectativa não parece ter sido aplicada. E, principalmente, à inconfiança nos valores afectivos do homem, processada pelo isolamento em que se firma cada pequeno personagem, onde a inutilidade e a impossibilidade da revolta, da reacção contra o meio é uma força sufocadora — tão documentada em "A cerca", "Dorothy" ou nas andanças de Vine. Ou, ainda, na expectativa de Ricardo, por mais que no suspense final se procure uma reactividade e uma renovação. Uma expectativa onde o sabor amargo da incapacidade solta uma das melhores páginas de "Piá", e conduzido por uma forma narrativa tão diferente desse conto (possivelmente o melhor do livro) que é a história do pequenino palhaço.

Mas o que ressalta de "Piá" como sendo a sua característica fundamental, apesar das suas fraquezas, das suas limitações e passividades, dó seu tatear em busca da forma de expressão que lhe seja própria, é a presença do romanesco, que no conjunto afirma como uma inovação cheia de interesse. O significado de conto, tal qual se desprende da obra dum Maupassant ou dum Tchecof, duma Katerina Mansfield ou dum Saroyan, atinge aqui, com a sua inexperiência estética, um desenvolvimento que vem contribuir valorativamente para a dificuldade em se traçarem limites exatos às diversas formas de expressão ficcionista. Dificuldade esta que é um dos grandes problemas da história e da crítica literária do nosso tempo, provoca ainda mais a procura de novos valores e tábuas de localização das formas narrativas. Muito embora dando histórias completas, com princípio, meio e fim, perfeitamente diferenciáveis na independência que as impulsionam, o seu conjunto forma, no entanto, uma unidade de ambiente humano e situação tematisada pre-romanesca. Uma unidade valorativa, não suggestionável mas sugerida pelo encontro do ambiente em que os personagens vivem, e dos tipos já envolvidos em páginas anteriores, pela permanência dos condicionalismos económico-sociais dominantes, pelo espírito de acusação que move contra essas condições. E tece, conjuntamente, como que um mundo cheio de unidade onde se refletem as consequências duma infância determinada pelo esmagamento da vida na sua relação direta com a existência. E embora Wilmar Sassi não tivesse querido, ou não tivesse podido lançar uma porta para a solução vivificadora desse agravamento, tão confrangedor e angustiante, humanamente chama para êle a atenção, agitando na nossa frente essa infância à margem da sociedade — mas não do mundo literário progressivo, por menos que possa fazer em seu benefício.

(1) Guido Wilmar Sassi — Piá, contos. Edições "Sul", Florianópolis, 1953. Capa de Nereu Góss

Augusto dos Santos Abranches

CAMINHOS DA POESIA

Será a época que atravessamos, profundamente apoiética?

Estará a poesia condenada ao ostracismo, ou relegada a um plano de última ordem nos cuidados intelectuais do povo?

Duas perguntas refletindo a angústia que domina o mundo num dos seus períodos mais difíceis.

Poesia?... — Affonso Schmidt, comentando um novo poeta, não exitou em afirmar que de todos os caminhos que a sociedade moderna oferece, êle (o poeta), escolherá justamente o mais infeliz de todos, a poesia.

Duas respostas se poderão dar todavia, explicando por quê o desinteresse que se parece verificar por esta forma literária.

1º — Não se lê poesia, porque se não lê romance, porque não se lê conto, porque não se lê nada a menos que o desenrolar do torvelinho político — lacônicas, breves e deturpadas notícias sobre os acontecimentos da véspera — ou então, poupando sério trabalho ao cérebro, (o pensar incomoda como um dia à chuva) — dizia Fernando Pessoa, se dirige a má leitura dos condensados, das seleções, das histórias em quadrinhos — e isso basta.

2º — A poesia não tem na sua forma atual, força ou forma que desperte interesse — isto é — a culpa é da própria poesia.

Para o primeiro caso, a poesia está na linha geral de toda a arte.

A poesia sofre tanto como a música, a pintura ou o romance. Faz parte daqueles pequenos nada que o ritmo brutal da vida e a ânsia individualista da luta pela subsistência obrigaram a menosprezar, senão mesmo a repudiar de forma absoluta.

— Eu queria ler, eu precisava ler, eu gostava de poder ler — ouvimos nós — mas o tempo... o tempo falta. As múltiplas ocupações a que temos que lançar mão, procurando cobrir um déficit sempre crônico, absorvem todo o tempo. Ou quando o tempo sobra, escasso continua a ser para uma diversão, para a evasão absoluta de tudo... Criaram-se e criam-se assim hábitos que generalizados, passam a constituir um fato, uma determinante psicológica.

Salvaguardado fica apenas aquilo que ajude à evasão — o mau cinema, o teatro péssimo, o livro que nos fala das guerras interplanetárias e dos robots, a pornografia, todo um caudal de monstruosidade que bem reflete uma época, um sistema, uma sociedade.

Faltaria à razão se não apontasse igualmente aquela legião de interessados (entre nós) os célebres 300 de quem José Gomes Ferreira fala, que ainda saltam de um concerto para uma exposição, que param junto ao escaparate de livreiro, que conhecem e sabem a posição dêste ou daquele problema, enfim dos que (non tienen la alma muerta).

Mas mesmo a êsses a poesia interessará? E caímos assim no 2º ponto.

A culpa é da própria poesia.

Mas em primeiro lugar, que é a poesia?

Poesia é uma forma de expressão, um meio de comunicar, de transmitir, de sugerir. É a plastização de um sentimento, de uma idéia. Plastiza-se pela palavra, como o romance ou o conto. Caracteriza-se por seu meio próprio. — A síntese na sua base, a essência primeira ou última das coisas, a expressão daquilo que ficou ou fica de um acontecimento, de um pormenor, de uma atitude, de um ambiente.

Tal como a pintura se plastiza pela côr e corresponde do mesmo modo a um momento, a uma síntese, a um ambiente.

De lado as concepções estéticas, as noções mais ou menos exatas sôbre o modo de ser da poesia em si — questão da forma — concepções sujeitas à evolução sob o aspecto técnico, como tôda a arte — sujeita ao gosto das épocas, nos limites impostos pelo condicionamento determinante. Condições aliás que em pouco influirão no problema de se saber até que ponto uma poesia poderá interessar ou não.

Estas considerações nos levam a um ponto muito mais distante — que é o da posição da arte em geral. Porque a poesia não vale tanto por ser mais ou menos poesia, mais ou menos perfeita sob o aspecto técnico, como pelo que possa conter de verdade, de sinceridade de emoção.

Pelo que possa conter de interesse humano, pelo que possa exprimir das circunstâncias reais da vida, dos anseios e da luta do homem no seu meio.

... Ter-nos-á dado a poesia moderna isso, de uma maneira geral?

Porquê o descrédito que perigosamente recai sôbre a poesia?

Sim... talvez a poesia tenha culpa... Poesia hermética, fechada em símbolos refletindo um rebuscado, numa ânsia crescente de novidade, de originalidade, de sensacionalismo — quanto à forma, voltada para os problemas íntimos do poeta, quanto ao conteúdo.

Em que poderá interessar, pois, uma poesia que esconde a verdade das coisas sob a capa de tão deformadoras aparências, quando a clareza é tão necessária e há tanto problemas a resolver?

Haverá por certo quem se oponha a esta argumentação — que a poesia, êsse dom transcendente, êsse sopro do além, apenas poderá servir à beleza das coisas, como beleza entendido um verbalismo inconsequente um amontoado de frases, onde não há nexos, nem emoção, nem realidade.

Para até José Gomes Ferreira pedir à poesia:

Vai-te poesia...
Deixa-me ver friamente
a realidade nua,
sem ninfas de iludir
nem violinos de lua.

No sentido de que o descrédito recai apenas sôbre essa poesia de ninfas de iludir, de transformar o mundo descarnado e terrível, num céu de esquecer.

Essa poesia de evasão, fóssil alimentado por uma classe a quem não interessa que suas feridas sejam tocadas por dedos conspurcantes, esquecidos talvez da lição dos grandes bardos, que cantaram a beleza, como beleza sendo a dignificação do homem, a sua força criadora, os seus anseios.

Aqueles bardos que pela sua sensibilidade privilegiada deixaram obras que sendo emoção no seu tempo, continuaram sendo arte — parafraseando Eglê Malheirós — Como à poesia de hoje, não deverá faltar a emoção dos nossos dias, para que ela possa ser arte amanhã.

E tal foi a grande lição de Lorca, de Eluard, como o continua a ser a voz de Aragon, de Neruda, de Alberti — procurando integrar a poesia no seu tempo, pelo sopro vivificador das grandes construções,

ou na quietude clara dos grandes silêncios, num profundo sentido que a poesia, emoção de hoje, continue sendo arte pelos tempos fora.

E então talvez a poesia recupere de nós a confiança que hoje parece ter perdido.

Portugal.

Luís Eugénio Ferreira

ANDRÉ CAYATTE

Cayatte já figura entre os nomes de Clair, Duvivier, Renoir, Carné, Clouzot, Dellannoy e Becker. Quando se fala em cinematografia francesa, não se pode esquecê-lo, pois é figura destacada como realizador de cinema de tésé.

Além de diretor, é inteligente cenarizador e argumentador, pois escreve os próprios temas de todos os seus filmes de idéias, de parceria com Charles Spaak.

Cayatte iniciou sua carreira cinematográfica fazendo películas sem importância, filmes comerciais. Sua primeira obra de algum valôr foi "Os amantes de Verona" (Les amants de Verone), o velho tema de Romeu e Julieta atualizado, onde já se nota o realizador voltando-se para os fatos sociais.

"O direito de matar" (Justice est faite), realizado em 1950, torna seu nome famoso. O filme aborda um assunto social de maneira inteligente: a injustiça da justiça. Tema audacioso, requerendo linguagem convincente. O julgamento do caso de eutanásia não é o problema fundamental dessa obra. Os personagens giram em torno da acusada. Ficamos a olhar o subterrâneo da justiça, observando como se processa uma absolvição ou condenação. A trama procura focalizar a vida dos jurados, seus casos pessoais, coisas particulares que irão influir na decisão do veredito. A história dos sete jurados é dissecada na sua intimidade, fibra por fibra. O voto de cada um será o reflexo da sua vida interior. Fica provada, dessa maneira, a precariedade da justiça humana. Porque sempre somos bons, maus ou indiferentes, de acôrdo com os acontecimentos de nossa vida, de acôrdo com o ambiente em que se formou nosso caráter. Este filme foi lapidado, feito com meticulosidade, o cenário bem trabalhado. Além da força temática e do aspecto polêmico, há um estudo de caracteres humanos feito com tal sutileza e vigor como jamais o cinema realizara antes.

Em 1952, Cayatte dirige "Somos todos assassinos" (Nous sommes tous des assassins), um libelo contra a pena de morte, sem o panfleatismo fácil que seria o recurso usado por um cineasta menos inteligente. Realização sóbria também, sem críticas diretas à Sociedade. A respeito dêste filme, escreveu Charles Spaak: "Se denunciámos a pena de morte como uma medida absurda, horrível, intolêravel, não o fazemos no interesse dos assassinos, mas para salvaguardar os que hoje em dia vivem tranquilamente e podem ser os assassinos de amanhã". Cayatte e Spaak sabem que a Sociedade tem de proteger-se contra o crime. Mas procuram demonstrar que essa proteção deve ser feita inteligentemente. Nada de empregar processos bárbaros e ineficazes. O personagem René Le Guen de "Somos todos assassinos" é um caso a ser resolvido pela medicina. Ele é o produto do alcoolismo hereditário e da infância abandonada. Seu cérebro não distingue o bem do mal. Matou durante a guerra. Matou o seu patrão, num instante em que estava dominado pela bebida. É condenado a morte. Na prisão, porém, aprende a ler, a escrever, a pensar. Torna-se um ser humano, consciente, recuperável.

Não é só a censura americana, como muitos pensam, que atrapalha os passos de alguns cineastas. Quando André Cayatte procurou realizar "L'affaire Seznec", foi interdito pela censura da França. O filme contaria a história verídica do homem que foi acusado de ter assassinado um amigo. Foi condenado, sem provas. Passou longo

tempo na prisão, até ser indultado há alguns anos. Seznec ainda vive e a censura achou melhor não permitir que tocassem nesse caso.

Em 1953, Cayatte realizou "Antes do dilúvio" (Avant le déluge). A censura procurou arquivar tal obra. No mesmo ano, "Antes do dilúvio" obteve o Grande Prêmio do Festival de Cannes, acontecimento que propiciou a sua liberação para exibição na França, mas ficando sua exportação proibida. Faz pouco tempo que permitiram sua projeção em outros lugares. Assim mesmo, poucos países terão oportunidade de vê-lo. Entre estes, está o Brasil, onde atualmente anda em exibição. Esta obra foi baseada num livro verídico, um crime cometido por rapazes franceses, após o término da última guerra. Retrata a crise moral da juventude de nossos dias, a falta de coragem dos jovens em enfrentar um mundo de incerteza, de propaganda guerreira, de ameaças belicosas. Há, também, uma afirmativa de que os pais, em grande parte, são responsáveis pelo procedimento dos filhos. Com este terceiro filme de tese, Cayatte firma-se como realizador de personalidade própria, inteligência voltada para a solução dos problemas morais que afligem a humanidade.

Em toda história do cinema, ainda não surgiu um realizador de filmes de tese possuidor da mesma pujança de Cayatte. Ele é contundente, procura soluções para a melhoria da Sociedade, estuda problemas das relações humanas, como nunca outro cineasta havia feito. A qualidade artística de seus filmes, devido a certos aspectos de fria aparência documentária, é reduzida. A fotografia de Jean Bougouin (fotógrafo de todos os seus filmes de idéias) permanece despidida de qualquer poesia. Os diálogos não possuem efeitos literários. As imagens não contêm preciosismos. O fundo musical não é empregado para apoiar certas partes de intensidade dramática. E, com tudo isso, seus filmes dizem coisas que incomodam muita gente, causam celeuma. É como se estivesse o expectador dormindo diante de certos fatos e de repente fôsse acordado com um tapa no ouvido. São filmes de tese, com expressão artística reduzida, apreciável limpeza da linguagem cinematográfica, penetrando com força irresistível no espírito do assistente.

Antônio da Silva Filho

Pôrto Alegre, novembro, 1955.

CLUBE DE GRAVURA DE PÓRTO ALEGRE

Fundado em 1950, já hoje, apenas cinco anos depois, é o Clube de Gravura de Pôrto Alegre, uma esplêndida realidade, uma organização artística das de melhor renome tanto no país como no exterior. Vem, desde a sua fundação, fazendo um trabalho de divulgação dos mais importantes, procurando levar a arte a uma camada mais ampla da população, interessando os jovens nas diversas técnicas da gravura, ajudando a organizar outros clubes semelhantes. Trabalhando a técnica da gravura, em especial a linoleogravura, aperfeiçoando-a, buscando manter uma tradição artística, formar grupos de jovens com uma sã consciência artística, procurando refletir o ambiente que vivem, gravar e transmitir seu meio social, os elementos do Clube de Gravura viram logo seu trabalho compreendido e admirado. Não buscaram fugir à realidade circundante, numa tentativa absurda e improdutiva de inovação. Mas procuraram, antes, sem descuidar do cuidado técnico, representar de forma compreensível a realidade, transmitir uma mensagem, contribuir, na medida do possível, para uma melhor compreensão do meio. Tudo isto, diga-se de passagem, dentro da melhor técnica, procurando sempre mais e melhor adquirirem o domínio do metier, dominando o material que trabalham.

Partidos dos mais diversos setores, vindos de meios os mais diferentes, os elementos que se congregaram no Clube tiveram logo um ponto em comum. Fazer uma arte séria, sem sofisticação nem malabarismos, uma arte com conteúdo realista. E isto só poderia ser conseguido se cada qual trabalhasse no que mais conhecia. Foi assim que começaram a investigar, foi assim que começaram a estudar mais detalhadamente o meio que já lhes era conhecido, e foi assim que surgiram as séries sobre aspectos da vida gaúcha, como, por exemplo, "A Estância", de Carlos Scliar "Xarqueada", de Danúbio Vilamil Gonçalves, e outras. Não se pense contudo que buscavam, no regional, o exótico, mas o humano. Foi por isto mesmo que, referindo-se a eles, com muito acerto, por ocasião da exposição realizada no Rio em 1952, assim se manifestou Augusto Meyer: "Empenhados na obediência ao espírito de uma obra a um só tempo nacional e humana, os gravadores representados nesta Exposição voltaram-se para o imediato, a realidade do ambiente, sem o mais leve traço de regionalismo ostensivo". E Carlos Scliar, um dos fundadores do clube, procurando sintetizar o pensamento dos elementos componentes do grupo, declara: "Estamos convencidos que o sucesso que vem obtendo o nosso clube se deve à sua orientação, que aponta aos seus artistas o caminho de uma arte realista na forma e de conteúdo nacional. Fazemos frente a essa tão difundida orientação que deixa os jovens desarmados de um verdadeiro conhecimento técnico, quando procura levá-los no caminho da improvisação e da gratuidade da arte. A arte, como dizia L. da Vinci, quando cansa de ser útil é porque está morta. Procuramos pintar, desenhar, gravar para que todos nos entendam. Para realizarmos uma arte compreensível é necessário que dominemos, antes de mais nada, a técnica, e isto só se consegue com uma rígida disciplina e um estudo sistemático do que de melhor se realizou no passado. Só conseguiremos explicar com clareza e simplicidade aquilo que conhecemos bem, por isso devemos nos integrar nos temas que desejamos realizar, para não sermos turistas em nossa terra. E o amor à nossa terra o demonstramos não só defendendo suas qualidades como atacando todas essas manifesta-



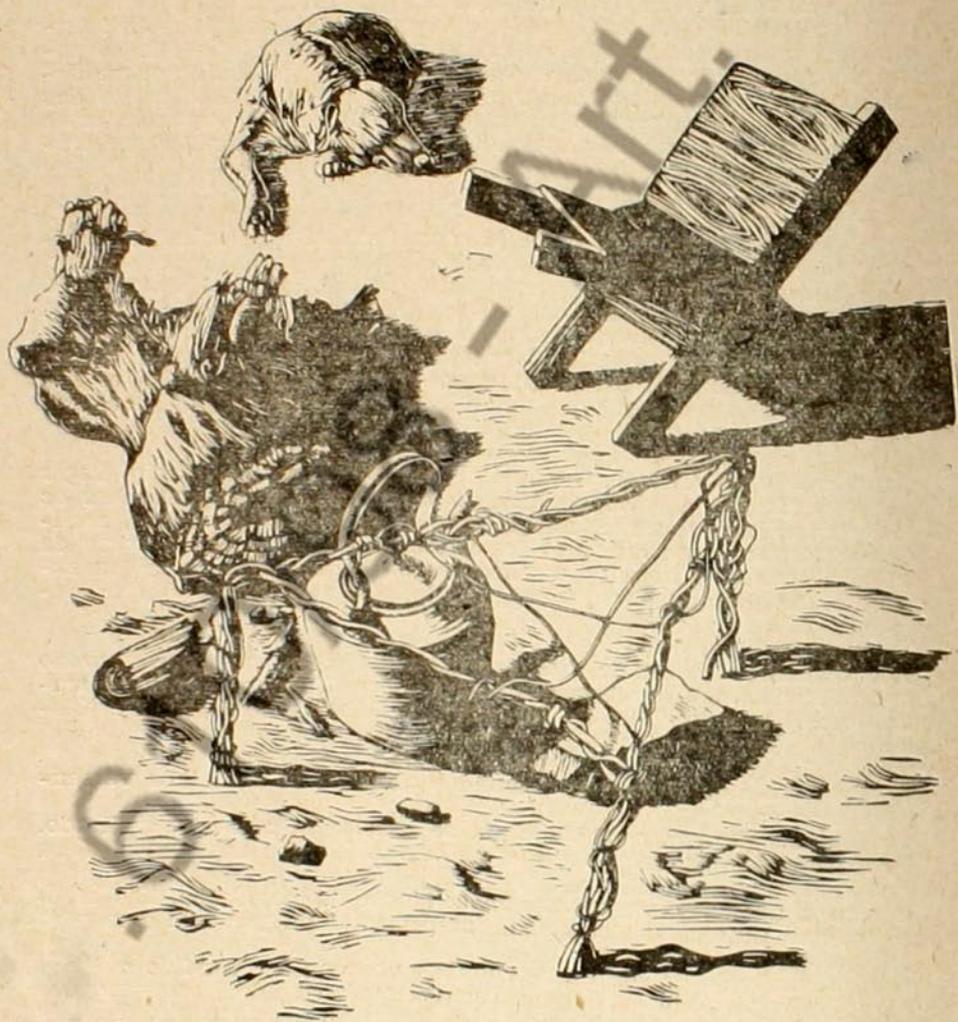
Conjunto musical — linoleogravura de Glênio Bianchetti

ções cosmopolitas que levam a nossa juventude a um caminho de desintegração e desrespeito à nacionalidade”.

Como já ficou dito, fundado em 1950, o Clube, logo iniciou seus trabalhos, reuniu artistas interessados, congregou-os em torno ao ideal comum, arranjou um certo número de sócios, que mediante uma mensalidade recebia, por mês, uma gravura selecionada. A seleção era feita pelos próprios artistas, que discutiam os trabalhos executados. Essa discussão teve uma profunda e benéfica influência na posterior orientação do grupo. “Constatou-se que não se poderia representar temas de nossa terra — é ainda Scliar quem declara — da vida de nossa gente, sem um maior conhecimento dos mesmos, sem uma verdadeira integração dos artistas com os temas que desejavam tratar”. Datam daí os trabalhos em conjunto, as trocas de opiniões e sugestões, os debates, as discussões — por vezes acaloradas — mas que tinham inegável valor, como bem logo ficou comprovado.

Desde a fundação do clube já se realizaram exposições em muitas das principais cidades do Brasil e no exterior. Seus associados, nos diversos salões e que participaram no Rio, Bahia, Paraná e R. G. do Sul, conquistaram os seguintes prêmios: 2 prêmios de viagem ao país (Denúbio Vilamil Gonçalves e Carlos Scliar); 2 medalhas de ouro (Edgar Koetz e Glênio Bianchetti); 13 medalhas de prata (Scliar, Bianchetti, Danúbio, Carlos Mancuso, Glauco Rodrigues, Carlos Alberto Petrucci, Vasco Prado); 5 medalhas de bronze (Plínio Bernhard, Gastão Hofstster, Glauco, Vasco); 3 menções honrosas (Gastão, Mancuso, Glauco); 4 primeiros lugares (Glauco, Glênio, Mancuso); 5 segundos lugares (Glênio, Danúbio, Vasco, Mancuso); 1 terceiro lugar (Scliar) Crítica e público têm sido unânimes em aplaudir-lhes os trabalhos. Recentemente, numa experiência inédita e curiosa, realizaram, durante um dia, uma exposição ao ar livre. Das 9 horas da manhã até às 18 horas, o público desfilou diante dos trabalhos expostos (no Parque Farroupilha, cedido pelo prefeito de Porto Alegre), tendo inclusive não só manifestado sua opinião franca através de críticas e sugestões aos artistas presentes, como também votado nos trabalhos que mais lhes agradavam. Foram vencedores, tendo conquistado prêmios oferecidos pela Editora Globo, os seguintes trabalhos: 1º prêmio: “Fim de Jornada”, de Glênio Bianchetti; 2º: “Clareira”, de Carlos Scliar; 3º: “Almôço”, de Glênio Bianchetti; 4º: “Campeando o boi barroso”, de Nelson Boeira Faedrich e 5º: “No galpão”, de Carlos Scliar. Foram apresentados cerca de 50 trabalhos versando temas gaúchos.

Mas os elementos do clube não se satisfazem com o já realizado. Procuram sempre fazer mais e melhor. Além das exposições, além dos debates, além da troca da experiência, há ainda o desejo de levar a arte a uma camada sempre mais ampla da população. Eis aí, a nosso ver, um dos aspectos mais interessantes da gravura: essa possibilidade de atingir uma camada de público cada vez maior. Sendo cada reprodução da série um original, que pode ser vendido a preço acessível, que pode inclusive mesmo ser distribuído, representando outrossim aspectos da vida do povo, de sua luta e suas vitórias, seu alcance e sua função pode ser de muito interesse. Quer representando um determinado aspecto da vida da população, quer gravando uma determinada faceta da coletividade ou do indivíduo, tem um grande valor de documentário a par do seu valor intrínseco como obra de arte. Seguindo a tradição de uma arte nacional, de uma arte com conteúdo, uma arte social ao mesmo tempo que simples e que



No Galpão — Linoleogravura de Manoel Francisco Ferreira

reflita os aspectos mais característicos e humanos do povo; procurando apreender o que de melhor há no gênero na arte mundial, quer no passado com um Daumier, um Durer, mais recentemente com uma Kathe Kollwitz ou no presente com o "Taller de artes gráficas" do México e os gravadores chineses, o clube de gravura de Pôrto Alegre vem realizando um trabalho admirável. Incentivados pelo Clube de Pôrto Alegre, não somente jovens de diversas cidades do Brasil (Recife, Rio, São Paulo, Curitiba, Florianópolis), como até mesmo em Portugal, vem se reunindo e formando seus clubes de gravura procurando aprender, discutir, levar ao povo uma mensagem artística, uma mensagem de esperança nos destinos de uma humanidade melhor.

Este ano, num ponto bem central de Pôrto Alegre, na Rua dos Andradas, a famosa "rua da praia", o Clube inaugurou sua "Galeria de Arte". Alugou um velho pardieiro, levantou finanças, remodelou — e o pardieiro se transformou em um dos raros salões de arte de Pôrto Alegre. Diga-se, entre parentesis, que é devido à iniciativas de particulares com a do Clube, a do SADA, que, finalmente, os poderes públicos resolvem fazer também alguma coisa e tomam a iniciativa de organizar e pôr em funcionamento uma Galeria de Arte Municipal que será localizada nos altos do abrigo da Praça 15 de Novembro.

Para a inauguração da sua Galeria o Clube de Gravura de Pôrto Alegre organizou uma exposição denominada "As técnicas da gravura através dos tempos", uma panorâmica, uma vista geral da gravura, com mostras que vinham desde uma das peças que é considerada das mais antigas que se conhecem "Madeira de Protat", datando de 1360 a 1380, até os modernos gravadores mexicanos, chineses, brasileiros, passando por alguns mestres do passado como Durer, Utamaro, Hokusai, Daumier, Rembrandt, Lautrec, Goya, Kollwitz, etc.

Juntamente com a exposição convidaram o pintor e gravador Iberê Camargo para dar um curso de gravura e realizar uma exposição de seus trabalhos. A vinda do conhecido artista foi possível graças a ajuda do Governo do Estado, que lhe custeou a viagem e estada. O curso reuniu 50 interessados, que se dividiram em duas turmas.

Logo em seguida realizou-se a exposição de litografias de H. Daumier (agosto). Esta exposição foi, depois, cedida à Aliança Francesa que a faz percorrer o interior do estado do R. G. do Sul.

Em setembro, continuando a série de exposições, foi inaugurada a "Exposição retrospectiva de Carlos Scliar", contendo trabalhos do artista de 1942-1955. Foi uma ótima oportunidade que permitiu aos estudiosos e aos admiradores do artista uma análise de sua obra, podendo-se acompanhar sua progressiva evolução para uma arte cada vez mais humana, mais ligada ao povo, à sua gente e ao seu meio, ao mesmo tempo que com uma perfeição técnica cada vez maior. Scliar, artista consciente, estudioso, nunca plenamente satisfeito com o que faz, num desabafo de sinceridade que muito o dignifica, declara: "Devemos nos esforçar para que todos possam compreender o que desenhamos e o que pintamos, do contrário acabamos falando sôzinhos ou para um pequeno grupo, o que vem a dar quase no mesmo". Não satisfeito, continua: "Estamos num começo de jornada. É mais fácil verificar nossos erros do que superá-los. Mas constatá-los honestamente já é parte do caminho. Para isso contamos com a ajuda da melhor crítica, a crítica do nosso

Sesta — da série "Estância" — Linoleogravura de Carlos Scliar



povo. Lutarmos por uma arte nacional é a nossa responsabilidade e a nossa obrigação".

Ao mesmo tempo em que se realizava a sua exposição, Carlos Scliar era premiado, pela sua gravura *Sesta IV*, no IV salão nacional de arte moderna, com o "Prêmio de viagem ao país".

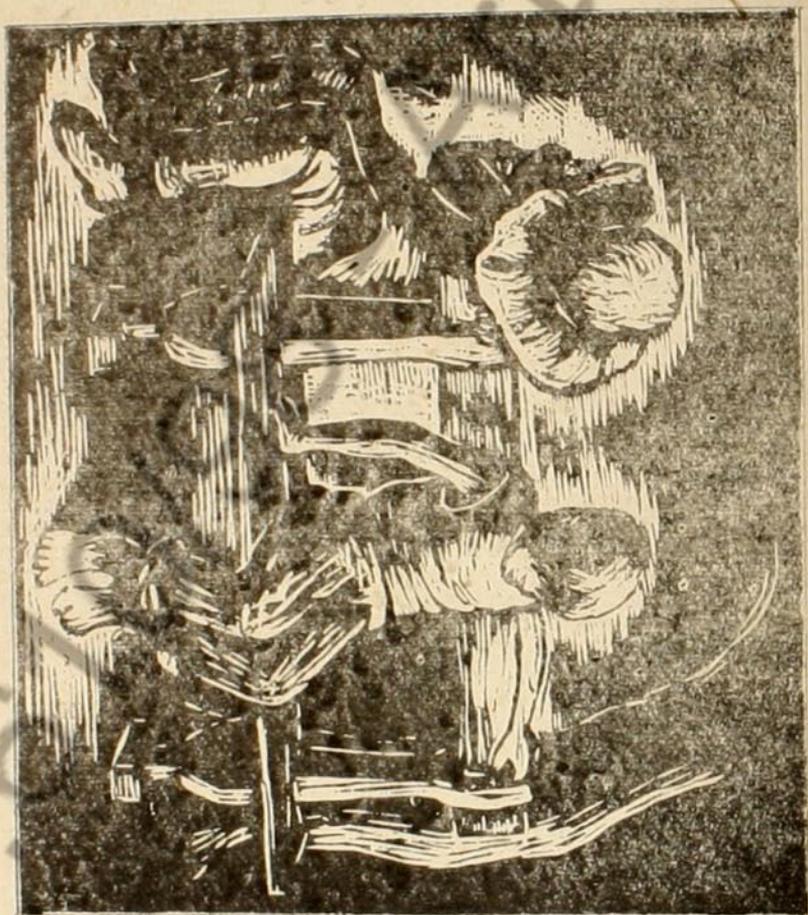
Mas as atividades do clube não se limitam à Galeria nem ao trabalho dos artistas. Exposições continuam a ser cedidas para o interior do Estado e para outros Estados; continuam os intercâmbios de exposições com o exterior, sendo as mais recentes para a Argentina, México e China; continuam as exposições circulantes na América e Europa. Isto enquanto se prepara uma grande exposição reunindo as diversas organizações de gravadores do Brasil.

Há pouco foi inaugurada uma exposição de gravadores chineses. É, como vemos, um nunca acabar de realizações, o deste Clube de Gravura. Ainda agora temos mais uma iniciativa que nos parece de sumo interesse: envelopes com 8 reproduções e pequenos textos explicativos, sendo que os dois primeiros deverão circular ainda este ano. O primeiro dedicado a Kathe Kollwitz, grande gravadora alemã falecida em 1945 e que, pela sua arte poderosa, a um tempo simples e humana, influenciou sobre toda a arte da gravura contemporânea; o segundo dedicado a Pedro Weingartner, pintor e gravador gaúcho pouco conhecido, mas de muito valor, cujo centenário ocorrerá em 1956.

A respeito do Clube, quando de nossa viagem a Porto Alegre, tivemos oportunidade de conversar demoradamente com Carlos Scliar, seu presidente. É empolgante o entusiasmo com que Scliar nos fala do Clube, dos planos, das vitórias, dos sacrifícios, das lutas mantidas e por manter. Tivemos oportunidade de examinar trabalhos e trabalhos, de acompanhar o método adotado, de seguir atentamente a realização das tarefas, de penetrar um pouco na intimidade daquela vida fervilhante. Scliar sente-se — e com razão — orgulhoso do clube. Não por ele mesmo, não pelos colegas, não pelo clube de uma forma abstrata, mas pela tarefa que o clube vem realizando, pelos esclarecimentos, pelo combate a uma arte decadente, nociva e mórbida, pela renovação da mentalidade entre os jovens, pela luta a favor de uma arte nacional e popular.

Outubro — 1955.

S. M.



Abandonados — xilografía de Hugo Mund Jr.

AMANHECER

Anibal Nunes Pires

Quero falar às gentes
Na linguagem
que é ternura,
que é desapêgo
de quem semeia
na velhice.

Os que hão de vir,
irmanados pela alegria
das colheitas, sentirão
a força mágica e resplendente
que transmuda o ódio em amor,
o sonho em realidade,
os crepúsculos em madrugada

Havendo paz, sempre é céu;
Em paz, nunca diremos "não".
Luz e sombra hão de ser sempre luz;
Dia e noite serão sempre dia.
Fôrça mágica e resplendente
é a paz que tudo assegura,
que tudo realiza
num eterno amanhecer.

Fpolis., 17/1/1956.

A ROSA NA CALÇADA

Eglê Malheiros

Na rua de lama,
Na rua de gente:
A rosa na calçada.

Quem a colherá,
A rosa na calçada?

Quem a porá junto ao peito,
Esperança vermelha?
Quem fará de cada pétala
Ardente canção?

Serás tu, menino infante,
Filho meu ou de Maria,
Que de passo titubeante
Se adianta para o dia?

Ou será tua mão viril
De juventude e ardor,
Nome de um, nome de mil,
Um só arrôjo, um só valor?

Ou trêmulas mãos dos avós,
Mãos de luta, mãos de afago,
Querendo afastar de nós
Tudo que é mau e pressago?

As tuas mãos, camarada,
Cujos nomes eu não sei não,
A clarear a dura estrada,
Cercado pela reação?

As nossas mãos, companheiro,
Companheiro e meu amado,
Para dar ao mundo inteiro
O viver reconquistado?

De nossa mão irmanada
Cresça a rosa
Flor de sol e vingança
Dos homens a esperança
Com nossa mão irmanada
Ergamos a rosa
Todos nós,
De mãos de ferro e alvorada.

ANTI-POEMA

Walmor Cardoso da Silva

Como seria o poema escrito depois
do primeiro encontro, amoroso,
mudo, entre o amor, o céu e o silêncio?
Eu te direi versos de minha emoção?

Não há poemas, há um verso
longo poema procurando solução.
O teu amor crescendo vence
êste meu entender, êste manejo
de palavras, sons e outras coisas.

Não há verso, há êste amanhecer
contínuo, em que tu nuvem passeias
tôda a poesia que jamais alcanço
mas pressinto, sôbre alturas intangíveis.

Como seria o poema se escrito
fosse um amor eterno, renovado.
em cada encontro dos teus olhos?
Todos os encontros são primeiros,
todos os versos são inícios dêste
amor imenso que jamais terminarei.

DESEJO DE POEMA

Elizabeth Gallofi

Quero construir um poema
onde pensamentos compridos
envolvam o mundo
onde o grito dos passáros loucos
tenha o seu lugar
onde o murmúrio da vida
— que há tanto em surdina
e os apitos do trem
nas madrugadas limpas
e os galos
cocoricóóó
E Nietzsche e Wagner
e o jazz
e coisas pequenas
de todo dia
e a palavra que não existe
Paz.
E o choro de tódas as mães que perderam filhos na guerra
E a estupidez humana
construindo bomba atômica
e pensando que não existem
a flôr
os vulcõeszinhos
os baobás
do Pequeno Príncipe.
Os olhos de ceguinhas
que vendem flores
e os não olhos
(porque a função dos olhos é olhar o mundo)
dos homens de negócio
dos banqueiros
dos homens dinheiro.
O passeio do moço
sózinho
na multidão dos sonhos impossíveis.
E o jôgo do mar
sempre prometendo pérola
e entregando espuma.
E o pingo de sombra
tornado lago cinzento
espêlho do céu vazio
donde emigraram os anjos

que cansados da perfeição sempre
vieram à terra
e agora são
(cá entre nós)
os poetas
os vagabundos líricos
os inteligentes
que trapaceiam o destino
mas viam o outro lado da felicidade
para mostrar o difícil da solidão

Se o poema for muito triste
eu pedirei ao anjo da terra
Wolfgang Amadeus Mozart
um punhado de notas
do seu Banco de Alegria
e que derrame em mim
essa chuva do ouro difícil.
E ele talvez me ensine
a ser regato
Que ande manso
e leve para longe
as pedras do caminho de todos os homens.
Que a água penetre a terra
como eu quero penetrar a vida:
simplesmente.

A LOUCA

José Tito Silva

No hospital, recostada à parêde,
Olhando vagamente para o mundo,
Eu a vi, cismando e falando sòzinha...
De pé, sapatos toscos, pretos,
Meias brancas, saía cinza e casaco marron,
A velhinha cismadora
De branca neve nos cabelos
Contemplava a vida
Com seu olhar profundo,
Divagando a sonhar num ignoto mundo...
Seus olhos negros de negras sobranceiras
Procuravam e fitavam não se sabe o quê,
E falando entreabria a boca desdentada
A esperar dos homens compreensão...
Por sôbre a túnica marron
Em que um barbante atado
Imitava um cinto
Ela agitava as mãos nervosas,
Mas seu rosto cândido mostrava,
Nas linhas fortes da triste mulher,
Pureza, calma e inocência,
A felicidade nata de criança! ..

Mas essa louca que eu via ali,
Mãe, quem sabe mulher, mulher!
Um ser sublime, uma velhinha santa,
Rindo e falando, solitárias cismas,
Tendo nas faces a cândida inocência,
Deve ter o que deseja em seu mundo imaginário.
De certo tem os céus no pensamento...

Mãe!... Mulher!... Não!... Tu não és louca,
Pois essa neve nos cabelos brancos,
Essa plácida aparência do teu rosto
E essa tua alegria simples e infantil,
Diz-me que és um pária dêste mundo,
Se entraste para o crepúsculo mental
Conseguiste o céu aqui na terra!...

Ai, pois, errante desconhecida
Eu beijo-te os brancos cabelos
E tuas mãos afago, qual um filho,
Penalizado de tua sorte, a sorte de milhares,
Abandonados, sós, na triste solidão,
Na desgraça de nem entender esta mensagem,
Mas na felicidade de seus mundos
De ignorar e as outras misérias do mundo não sabendo!...

14-X-1955

BALADA DO VIADUTO

Clovis Moura

Toneladas de concreto,
milhões de quilos de aço
flutuando a vinte metros,
equilibrados no espaço!
No coração de São Paulo,
horizontal, tenso, erguido
como veia de cimento,
conduzindo o movimento
de mil cabeças que, céleres,
são como flôres plantadas
e em ânsias despetaladas
no calor quente do asfalto.

É o viaduto que espreita
os homens que levam dentro
dos corações o mistério
e caem como soluços
de perna aberta e de braços
nas noites frias e esquivas
vestidas de cemitério
com mortalhas de garôa.

É manhã pesada e fria
e sob o apito do guarda,
fornadas em geometria,
milhões de vidas se lançam
agredindo o viaduto
com saltos duros de couro
como a vingar-se das mortes
perpetradas na seu bojo...
É noite: de quando em quando
com mãos nos bolsos da capa,
um homem misterioso
cospe o cigarro apagado,
para e olha para o espaço.
(Não para o espaço de cima,
mas para o espaço de baixo!)
E de repente se atira
como chama, como estrêla
no universo do protesto,
na trajetória da morte
vestida de suicídio.

Oh, estrêlas espantadas,
bocas abertas na noite
chorando lágrimas rubras
no asfalto do viaduto!
Ah, balaustrada de ferro,
amarra extrema da vida
do homem sem identidade
que no vácuo se atirou...

Depois, um baque e o silêncio
que a morte, a morte chegou!

Agora é manhã de novo
nas veias do viaduto,
nas passadas apressadas,
nos pregões dos camelôs.
As estrêlas se apagaram.
No céu de chumbo e poeira
sòmente o sangue ficou.
Passa tudo, passa tudo
nas veias do viaduto,
passam todos, passam todos
derradeiro há de ficar.
(O derradeiro é o que fica
em baixo, pernas quebradas,
boca aberta para o ar!)
É manhã. Correm apressadas
no Viaduto do Chá,
milhões de pernas aflitas,
corações que são relógios
detendo a marcha do tempo
na hora do não faltar!

É dia no Viaduto,
no Viaduto do Chá!

Descansam nus sòbre o asfalto
panfletos de propaganda,
pedaços de artigo lidos,
cartas de amor descoradas.
O vento levanta o lixo
que rodopia em ciranda.
E sob o seu arcabouço,
nas pernas do viaduto,
o sangue do suicida
é um protesto contra a morte,
mensagem rubra da vida!

Oferta:

Estenógrafa que um dia
seguraste a balastrada
com lenço enxugando lágrimas,
e ali ficaste parada
pensando pôr termo à vida,
mas que, depois, viste em frente
um desmazelo de côres
borrando as nuvens do céu,
sentiste nas tuas lágrimas
um gosto salso de mar
e que depois foste embora
reafirmando que a vida
é doce, tão doce e branda

que vale a pena lutar,
e continuas lutando
nas grades de um escritório
de mãos dadas com a esperança,
criando aquela criança
que quase matas na noite
de desespêro lunar,
para ti está balada
do poeta que te viu
na balastrada, parada,
com lenço enxugando lágrimas
no Viaduto do Chá!

São Paulo, Julho de 1955

CONSELHO

Lila Ripoll

Se quiséres achar o caminho de meu coração,
não me digas palavras de amor,
nem frases de sabedoria.

Eu sou simples como a flor dos montes
e inquiéta como a água dos rios.

Põe em todos os teus gestos
a ternura forte
de homem que sabe dominar.

Prende nas tuas mãos o meu desejo inquieto
e corta as minhas azas.

Que o meu pensamento, para ouvir teu pensamento,
esqueça de viajar.

Que estas cantigas que faço
fiquem todas nos meus olhos,
quando venhas para mim.

Pôrto Alegre

PORTAL

Manoel Walter

Menino portal de rua
Mãos encravadas no rosto

"Ciranda cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar"

Cabelos despenteados
calças curtas
olhos profundos
menino velho de alma
com gestos tão desgraçados

"O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou
o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou"

Olhava os outros meninos
sem saber porque olhava
Estava preso no chão
e sempre se recordando
da pandorga de papel
já perdida na lembrança

— Vamos brincar de chicote
queimado?

— Não.

(... Ele nunca vem com a gente
Melhor... tem ar de doidinho...)

Pedaços de memória sem sen-
[tido]

Em nuvens tão engraçadas
Desenham faces fantasmas

... Therezinha tôda tranças
(tranças de luz que rolavam...)
E a vontade esquisita
de puxar os seus cabelos
Dedos longos de ternura

... E o Zé da face sardenta
Bicho do mato atrevido
As meninas gostam dêle

Vidraças pelos caminhos
Asas mortas sôbre as pedras
Crepúsculos se debruçando
no silêncio das esquinas

"Nosso rei mandou pedir
uma de vossas filhas
— Eu não dou as minhas filhas
nem por ouro nem por prata
nem por sangue de lagarta"

Vozes infantís
escorrem pela rua
do menino triste

Estavam alegres
Mas, só êle viu o enterro
Que passou lá adiante
na rua que não termina

E também
sòmente êle reparou
que no céu havia manchas ver-
[melhas]

"Eu sou rica rica rica
de marré deci
Eu sou pobre pobre pobre
de marré deci"

Ele era pobre, pobre
Na solidão extraviada
do outro lado da rua

Menino portal de rua
Com gestos tão desgraçados

P. Alegre

OS ELETROCUTADOS

Heitor Saldanha

Os poemas
deviam ser feitos em silêncio
como aquele de Júlio e Ethel Rosenberg.
Os poemas deviam nascer assim
eternamente
como uma face muda
que se entrega ao suplício
ou ao amor
serena e pura
pela liberdade.
Os poemas deviam nascer
da profunda verdade da vida
comovendo deuses e carrascos.
Os poemas deviam ser como as palavras
que nunca foram ditas,
mesmo diante da morte,
e que um dia abalarão o mundo.
Os poemas deviam ser assim.
Não pra cantar a morte,
mas por amor á vida.

Pôrto Algere

POEMA SEM HERMETISMO VOLUNTARIO

Bonifácio Fortes

Viver sem dia seguinte
a hora matutina
e ser, mais que tudo,
um homem destruído.

Não há forma que contenha
a minha humana presença.
A medida não reproduz
o termo e a ponderação
de gestos indesejados.

Provavelmente sei
mas certamente sinto.

Em côncavas formas,
constantes e continuas
em nós.
Reside na razão, no pranto
a desolada angústia...

Ah, também o amável favo
ainda irrevelado.

Não o gesto vago
que salve a descoberta.

É útil que conserve
nas côncavas formas
o claro e amável favo.

ARACAJU, Sergipe

DIA SEGUINTE

J. M. Fontes

Procurei o Ano Novo
Por tôda parte.
No ventre da última noite,
Na luz do dia primeiro.

Cataloguei as esperanças.
Interoguei as gaiolas, as fôlhas do bananal;
Os pássaros me olhavam, mudos. Por sua vez interrogavam.
As largas fôlhas balançavam, norte, sul, leste, oeste
Sempre verdes e sempre tímidas ao vento incerto resignadas.

Não existia o outro ano.
Não existia um outro rumo.
E tudo como no princípio
Caminhará em busca do mesmo fim.
Tudo era o dia seguinte, apenas
A vida seguinte.

ARACAJU — Sergipe

POEMA

Décio Frota Escobar

Todos os dias amanhece,
amanhece no mar
amanhece nas montanhas
amanhece nas campinas
amanhece em nós.

Todos os dias amanhece
e nenhum milagre é mais igual
para Deus
ou para os homens.

Nenhum milagre é mais suave.

Belo Horizonte

EPIGRAMA

Manuel Filipe de Moura Coutinho

A busa duma fábrica em labor
Que apitou ao longe, no espaço,
Dando saída a carne e a suor,
Fez-me esquecer o teu amor
E fez-me solidário com o aço.

E o amor que ficou interrompido?
Troquei-o pela busa..., nada ficou perdido.

CANTO PARA O PEREIRA GOMES

Manuel Filipe de Moura Coutinho

Às harmonias gastas
E às promessas vãs
A voz do Amigo se fez impor.
Contos Vermelhos da futura Paz
Procurada:
Canções de berço, cânticos de amor
Em voz ignorada:
Clamores de luta e de trabalho
E vida estrangulada,
O Amigo disse, e cantou e fez ouvir.

Poeta enorme sem louros do presente
Coroadado só no coração da gente
Que sofre e vive e sofre por viver.
Poeta-Homem da altura exacta
Que procurou na consciência a sua data
De o ser.

Lourenço Marques

FOGUEIRA DA PAZ

A. Vicente Campinas

Não mais cantos de guerra,
nos caminhos do amor!
Todos os rios de dor
que os homens engrossaram
com seu sangue e seu sonho,
empaparam a terra
cansada e mutilada...

Pra quê, esses cantos
aos dias passados
que querem ressuscitar?!
— Música vazia de beleza
asa abatida
ansiando voar
sem vida, sem vida!

Não mais canções guerreiras
embebedando o espaço
de sanguínea sêdel!
Há pouco, o escuro, vencido
deixou que o sol brilhasse.

Vêdel!

Quem dá mais sol
prá fogueira da Paz?

Vila Real de Santo Ant3nic

P O E M A

Natércia Freire

Não houve gôzo ou pecado
no paraizo perdido.
(Foi perdido ou foi achado?)
Sensação de mundo alado,
de nuvem de indefinido...

De sono em barco parado
num lago desconhecido...
(E o mar longe. O mar cansado...
Aquele mar vagabundo
que vai às praias do mundo
e sofre no meu ouvido).

Nem houve voz ou ruído;
o mundo todo calado.

(Primavera doce
de um outono lento.
Tu, na tua posse.
Eu, no meu tormento).

E a luz velada. A luz presa
nos braços com que rodeio
toda a tua realeza
do homem, do sonho, do anseio.

Não. Nem gôzo nem pecado.
Mas sim a fuga, a viagem
dentro do quarto fechado.

Que eu... Não espero dêstes braços
com que me iludo um instante
e me lançam nos espaços
como uma coisa distante.

E depois da fuga
nem já sei se choro.
Sei que me destruo
e me devoro.

Moçambique

IMPERATIVO

Para Agostinho da Silva

Manuel Pinho

Que de todo se extinga
a ausência fria de asa liberta
e erga do fundo da tua firmeza
a chama viva da tua luta

E rasguem as veias e derrame o perfume
da rosa do povo no mundo desfolhada
e as feridas abertas se fundam
em clarões de tempestade

E tudo se levante como uma onda
role e derrube como uma onda
para que não mais haja engenhos de tormento
fantasmas pelos caminhos
cruzes no pensamento

E consciência redimida
tu andes verdadeiramente andes
no suave e doce giro do carroussel da Vida

Sertã — PORTUGAL

POSIÇÃO

LUIZ CABRAL

Há em mim o silêncio
porque não sou pedra

Há em mim o silêncio
porque não sou santo

Há em mim o silêncio
porque vós sois ódio

Há em mim o silêncio
porque vós sois carrascos

Mas vindel! Vindel!
E arrancai-me os olhos
que mesmo assim hei-de ver
puxai-me à força os cabelos
que mesmo assim hei-de sentir
Rasgai-me o ventre com ira
que mesmo assim serei livre!

Há em mim o silêncio
porque há os companheiros

Há em mim o silêncio como um eco!

Portugal

SEGUNDA CARTA A EGLÉ MALHEIROS

Hoje é quinta-feira,
são vinte e cinco,
o mês chama-se Agosto
e a vida não se conforma!...
Hoje é quinta-feira
e a vida é igual!
quer uma bandeira branca entre as mãos,
dobra as encruzilhadas
e ri dos poetas
(é de quem mais Eglê?)
— dos poetas esperançados
(como sabemos por consciência que somos...),
dos poetas loucos
(como a maioria os considera...)
— a vida neste mês de sol,
a vida que anda por aí à solta,
que esbraceja,
que delira,
que geme e veste os corpos de suor por esses campos das
[colheitas do mundo!

Eu,
(quanto mais amo o colectivo, mais me lembro de mim...)
estou à espera das férias!
Anseio pelo momento da literatura para trás das costas,
pelo momento do passear os olhos pelas coisas como o bom
[burguês,

— que nunca pensa em nada,
que nunca pensa em nada,
que nunca sabe nada,
que nunca sabe nada,
além do prazer dos olhos,
além do raciocínio interessado,
soez,
enormemente soez,
enormemente estúpido,
enormemente cáos,
cáos e nojo:
nojo por dentro,
nojo por fóra,
— enormemente alvar ante um fado choradinho,
enormemente alvar em face da tragédia,
(qualquer tragédia lhe serve para uma lágrima caridosa!)
enormemente cómico na recepção forjada,
(qualquer festa lhe condiz com o ostentar das jóias!)

ridículo, ridículo, ridículo, no cortar da fita inaugurativa.
(Eglê: conheces o género de povo que bate palmas nos fo-
[tografias oficiais

etc., etc., — como os jornais a toda a hora documentam,
como toda a gente conhece como tudo isso se realiza,
como o mundo os glorifica e os põe no abismo!

— Sim,

sim,

sim, Eglê,

eu quero sentir tudo isso.

quero palpar tudo isso,

quero visionar tudo isso,

mas com a certeza de dizer para comigo, segundo após:
[BASTA !

E, depois, logo depois, gritar, gritar,

ainda que apenas aos ventos duma manhã que só ande nos
[sentidos,

que eu quero as férias para ser melhor no trabalho futuro.

que eu quero as férias para pensar nos êrros porventura
[cometidos,

que eu quero as férias para aprender mais do que me foi
[possível,

por o trabalho não mo ter impedido —

que eu quero as férias para reforçar toda a aprendizagem
[que me hajam dado,

e humildemente recebi —

que eu quero as férias para que me possam dizer a todo o
[momento,

ante a máquina de escrever.

debruçado por sobre a secretária,

ao dobrar da esquina conspirativa,

nas noites de cerveja da classe média,

nas madrugadas alcoólicas entre acartadores e operários, —

que eu quero as férias para que me possam dizer a todo o
[momento,

repito,

repito,

repito e exteriorizo,

exteriorizo e proclamo,

para que me possam dizer:

“contamos.

contamos contigo, Camarada!”

E, lisongeado com a confiança sincera em mim depositada,

responder sem altivez,

responder sem tolo orgulho,

com a simplicidade que vem de meus Avós,

(não tenho longa história de família, Eglê!...)

— responder,

responder,

cara a cara,

homem a homem,

rindo,

rindo,

rudemente,

rudemente compreensivo,

rudemente cumpridor,

— responder,

responder,

responder naturalmente,

sem frases preparadas

num banho de segundas intenções:

"Camaradas, mas eu mereço a vossa confiança?

Camaradas, mas eu já fiz o suficiente para ser dos vossos?

Ah! Camaradas, a que me obrigam vossos olhos de manifesto?

Que poderei fazer para que a bomba atômica não estoire?

Que sonho me trazeis, nessa confiança, que eu possa transmitir aos outros?

Que tarefa me trazeis e de que os calos das vossas mãos tanto falam?

Camaradas, mas valho assim tanto para que contem comigo?

Que posso prometer-vos além da minha vida?

Mas a minha vida poderá valer alguma coisa para vós, Camaradas?

A minha vida...

E, Eglê, mais tarde ficar com a boca a saber ao indefinível, misturar as palavras com desígnios são,

forjando coragem sem sombra de quixotismo,

talvez romântico e ao mesmo tempo realista,

talvez complicado e ao mesmo tempo objectivo,

— poeta,

neto de bengaleiro,

filho de funcionário público,

empregado de escritório,

— poeta,

poeta nas horas vagas,

— poeta de Partido,

inspirado na poesia,

— poesia que é mãe dos poetas,

— dos poetas de luas, de núvens, de flores,

— dos poetas de terra, de charcos, de lama, de sangue deramado...

Dos poetas, sabes?

(— Eglê,pousa a tua mão de mulher sobre a fronte de Frederico!

Pousa a tua mão, leve e meigamente,
muito meigamente, muito suavemente,
bate-lhe na face, bate-lhe na face e acorda-o devagar,
abre-lhe os olhos, abre-lhe os olhos, e fá-lo debruçar
sobre a Ibéria que dorme (ou não dorme?!...) ao som do
Mar...

... E diz-lhe que ainda está presente,
que está presente —
caso tenha vergonha de voltar!!!)

.....
— Uivam cães ao longe!...

Desta vez ninguém ouço lá fóra!
Tudo o que em mim há se rememora!...

... Desce ao fundo de tudo!
A noite e o silêncio estão aqui,
e marcam a fogo a nossa idade...

— Sou poeta!

Não apenas pelo amor dos meus
quero exprimir simplesmente a verdade:
para ela nasci,

por ela o coração se revigora,
sofre,

bate!

Por hoje a carta está completa.

Cumpri um dever.

Adeus.

Voltarei a escrever.

— Nunca fujo ao combate!

Coimbra, agosto de 1955,

José Ferreira Monte

CANTO e AURORA

Blanca Terra Viera

à Nélida Aurora Ovieço

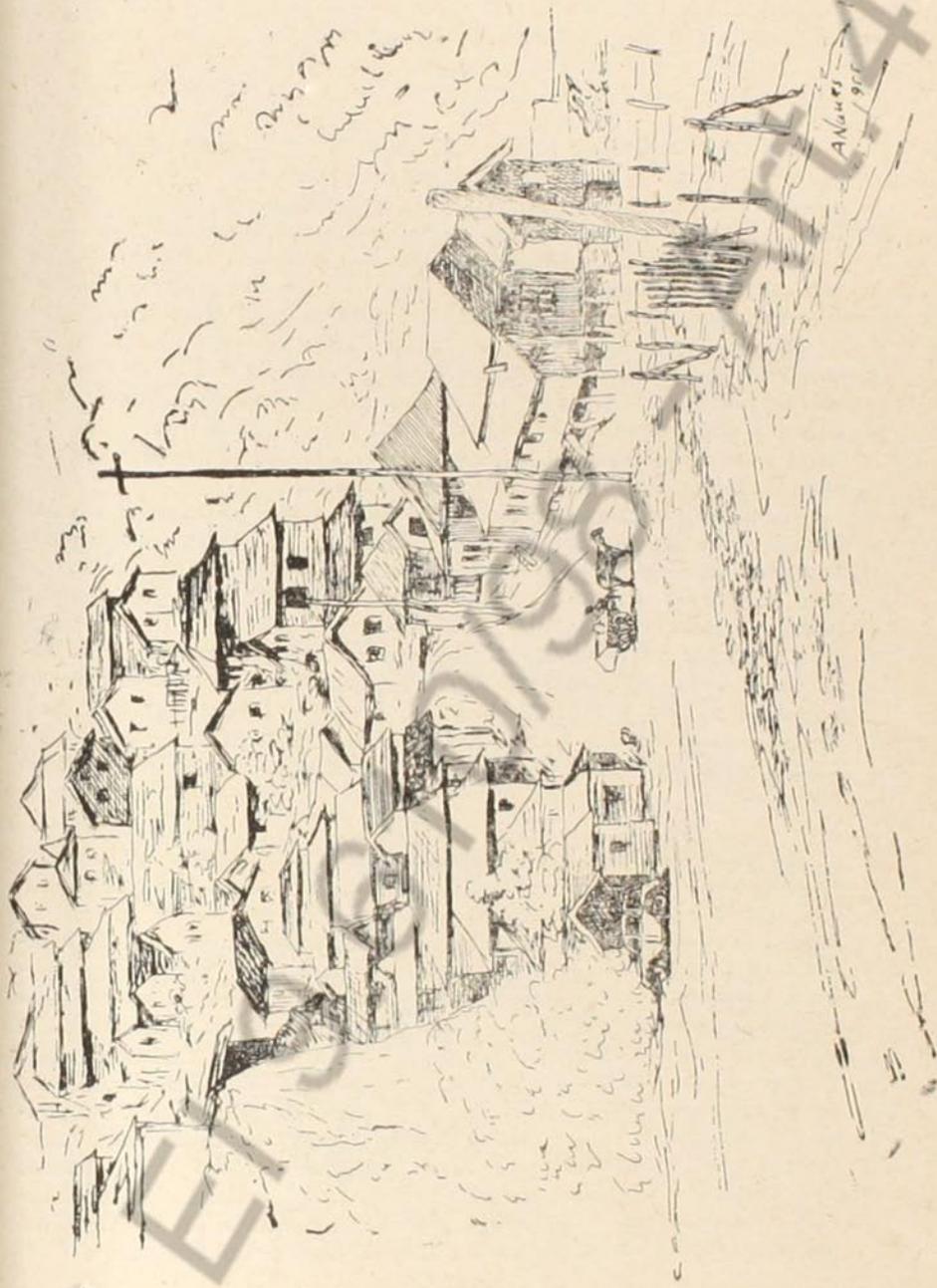
Nélida Aurora com "ar de pomba",
Sim; regosijos abrem-se em teus versos.
Eu ao encontro da tarde requebro o meu tédio;
Ávida da tua luz e do teu destino.

Algo breve sobre poesia me retém
Agora entre nuvens, vozes e fantasmas
Capaz de amor, crêr e ser verdugo
De meus próprios e estranhos desvarios.

"Espalho a doce seiva do milagre"
Tu cantas por entre muros e ressaibos,
E volto outra vez a ficar calma,
Amiga ao teu repouso e com teu símbolo.

Por esta sede aberta até às estrêlas
Que encontro no teu "ar de pomba"
Encanta-me o sorriso dessa tua aurora
E o destino fervoroso do teu canto.

Tradução de A. dos Santos Abranches



Morro do Mocotó — desenho de Aldo Nunes

REMINISCÊNCIAS

A fazenda do seu Totó

Silveira da Penha

Ervino e Osvaldo, filhos de seu feitor, aproveitavam a ausência do pai para cursarem a vadiagem. Acompanhavam-nos em nossas peraltes de gurí moleque. O milho a ser debulhado, lá na estrebaria, movia esquecido. Os porcos roncavam no chiqueiro à espera da abóbora cortada em lavagem que não aparecia. A guspeçada de caça, magriçela, as costelas erguendo a pele, o lombo atopetado de carrapatos, lastimava ganindo a ausência da quirera cozida na hora do repasto magro.

Mimoso e Jaguarão, dois cavalos que eram o braço direito do feitor, livres da carroça sustentavam a sela. Punha-se o Ervino a cavalgá-los, ora um ora outro, em correrias pela grama do potreiro. Suavam por todos os poros de tão estafados, pelo reluzindo no dorso enxarcado. Resfolegavam mastigando o freio. No entanto eram mansinhos, tudo suportando sem ameaçar disparada.

Às vezes convidava-me o Ervino para juntos sairmos a passeio. Partíamos. A galope, a trate largo, ganhávamos a estrada ladeando a Invernada do seu Atilio. O tempo esticava-se e a gente comendo o pó acre da estrada. Fazendolas, ranchos, roças de milho, os pés enormes, bonitões, ondulando ao vento. Nos campos de pastagem o gado mascava indolente feixes de capim gordura, verdinho, tenro. Vacas de redondas úberes, fartamente oferecidas às crias, espiavam preguiçosas os passantes, a baba escorrendo queixada à baixo. À uma carniça velha, lá ao longe, os corvos, aos pulinhos e arrufos pintavam de pontos negros. Outros no céu, quais aeroplanos seguros, planando em espirais luniladas...

O roçado de meu avô Amazonas... No campo de milho o cabra zelador dirigia os caboclos operários gritando ordens em voz rouca. Sua mulher, o avental emporcalhado de terra negra, desandava ao nosso encontro. Oferecia-nos chimarrão. Acatávamos uma ou duas cuiadas para não desmerecer. Cumprimentávamos o cabra zelador que aparecia, suado de escorrer, perguntando por meu avô e pelos de casa. Que déssemos lembranças a ele e contássemos que por ali tudo corria à plena vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo. A vaca malhada parira bezetto taludo e o roçado da colina melhorara com o acréscimo dos novos caboclos. Para o mês colhia-se o aipim de ano e meio. As chuvas haviam trazido erva tenra e o gado ganhava porte de embasbacar a vista. Uma beleza! Dos seus filhos o menor caíra de cama, atacado pela varicela. Dera um trabalhão dos diabos mas agora já ia melhorzinho. Ganhava côr e comia como se um esfomeado. Já se rolava no assoalho. Mais uns poucos dias e saltava para o terreiro...

Trotes e galopes. A estrada, de supino, virava carreiro. Apenas um riscado de terra, já valeta pelo passar continuado, insinuando-se por entre a mata escura. Árvores frondosas barravam o sol. Roçava-se a cabeça nos ramos baixos e nos cipós enormes, espichados qual sucúri gigante dos mais altos galhos. Distante soava um tiro. Ladrido de cães, correrias, o estalar forte dos galhos secos recobrando o solo. O veado de cornos esbeltos fugia à sanha destruidora do caçador e aos dentes aguçados da matilha feroz...

A fazenda do seu Totó era a maior e mais bem tratada da região. O orgulho de seu dono. Dedicada exclusivamente à criação abastecia fartamente o matadouro da cidade, sobrando ainda bastante para satisfazer freguezes em Campo do Tenente, Serra Alta...

De entrada, a casa grande com o varandão espaçoso a tomar-lhe a frente toda, as dependências confortáveis, a cozinha caprichada, limpinha, ao completo gosto das cozinheiras escolhidas entre as mulheres dos empregados. Na frente o jardimzinho aprimorado, flores variadas sorrindo ao sol; ao lado, a horta de consumo da casa. Os currais de tábuas sem pintura, as cocheiras, os ranchos dos empregados, faziam figura mais lá para os fundos, pertinho do arroio de dar de beber aos animais. Para além disto tudo, os vinte mil metros de campos de pastagem que do pai passara ao seu Totó, sem desfalque de um centímetro sequer. E dêste iria ao filho, por certo, do mesmo geitinho. Tradição de família...

O seu Totó era homem baixote, de redonda barriga, os cabelos grisalhos, feições severas, agradáveis no entanto, músculos de touro bem tratado. Vivia de franca camaradagem com os caboclos empregados. Tratava-os de homem para homem, de amigo para amigo quando mereciam. Raras vezes de patrão para subordinado. No entanto sabia se fazer respeitar, obedecer. Dominava sem arrogar-se grande coisa.

Ao preto Antunes, carcassa de 70 anos pouco mais, venerava quase. Pedia-lhe a bênção diariamente e provia-lhe as necessidades mínimas. A meu avô Amazonas que lhe comprava o roçado de milho lá para perto da cidade, explicou certa vez:

— O negro velho, o Antunes, fez de pai para mim. Com 15 anos, menino de calças pelo joelho, desgracei-me em orfão. Desgarrado no mundo, com este fazendão pela frente e a porção de empregados por dirigir... Situação de amargar. Foi então que o negro velho deu mostras do que valia. Saiu lá do seu ranchinho, veio para a casa grande, tomou tudo nas mãos, deu-me instrução, fez-me homem traquejado. Conhecedor da vida no passado. Contando eu 23 anos, arranjou-me esposa. Escolheu nas fazendas vizinhas e aí está a Zefa, mulher que vale bem o peso em ouro. Então, não foi um pai para mim, o velho negro Antunes? Sou-lhe agradecido. Tanto talvez, como o foi a pecadora Madalena ao Salvador Jesus Cristo. Mais ainda...

É o seu Totó demonstrava o seu agradecimento pródigo em tratar o negro como senhor daquilo tudo. Proporcionando-lhe velhice descansada, tratamento carinhoso. De filho mesmo. Bom filho. Apenas não conseguira, pelos maiores esforços, fazê-lo continuar habitando a casa grande. Isto de modo nenhum...

Meu avô Amazonas apreciava passar alguns dias descansando na fazenda do amigo. Chegada a época apropriada, aquela em que era de costume marcar-se a ferro as crias novas ainda, arranjava emprestada uma carroça e partíamos. Descanso, noites bonitas, dias totalmente repletos de faina ifteressante...

Eu, empoleirado na porteira do cercado estreito, apreciava deliciado as lides pesadas. Admirava a caboclada rija, firme no derrubar do garrote pelos cornos ou pelo pescoço, o cheiro enjoativo do pêlo queimado, o mugido prolongado do animal ao sentir-se incapaz. E a alegria depois, indiscritível, ao ver-se livre afinal. Sólto no pasto verde, nos 20 mil metros de liberdade e esplêndido capim gordura.

Meus avós tomavam o chimarrão, ali bem próximo, palestrando animadamente com seu Totó e dona Zefa. Aquele, de quando em vez, saltava cercado à dentro numa demonstração de caprichada destreza. Mostrava seu valor em medir forças com os bezerros taludos, deitando-os por terra sem esforços de atogear o rosto. E nem a idade, nem o barrigão a arredondar-lhe o ventre, atrapalhavam-no naquelas manobras de força bruta. Criara-o nas durezas da vida o velho negro Antunes agora, repousando na sepultura singela, ageitada junto de seu ranchinho, por suas próprias mãos, coberto de palha...

Há oito anos quase deixei minha cidade natal; e os passeios à cavalo, o roçado de meu avô Amazonas, a fazenda, a acolhedora fazenda do seu Totó, a maior e mais bem tratada da região... Oito anos... Saudades e mais saudades...

O AMIGO DO PEITO

Ilmar Carvalho

Hoje, sol morno, abraço de mulher nua e t pida, humildemente morna, colando-se   gente, amodorrando a gente, inebriando nesta selvageria de luz, olho em minha frente: uma grade de aço no janel o aberto, eu e a Remington e o lembrete vivo, selado, etiquetando todos, todos os pensamentos das oito horas de trabalho — "PRODU O. PRODU O! OLHE O AUMENTO!"

Um galhozinho na grande figueira das frustra es: eu. E porisso devo escrever-te, porque às a imagem do domingo passado a ferro, no sítio chevroletando em "week-ends" de leite, manteiga de colono, pão de casa, Joinville do imigrante, apaixonando o carioca com travos de Vila Isabel, com vontade sempre, sempre e mais sempre de escutar "Não tem tradu o" do tuberculoso genial, sem queixo, mas sobretudo enorme, chutando a desgraça no próprio gol da tragédia, com a pelota da melodia tão triste, tão melancólica, tão dêsse subúrbio predestinado.

  isso. Mensagem de coisas não ditas. Há o Clarindo, no assento, entre nós. Ou o sargento Paulino, gozando de ser gozado, no pileque, cretinizando o almoço com tainha recheada no domingo (passado a ferro), o anfitrião, sua cara de besta, dia escolhambado, porque o programa foi dos penetras, dos oferecidos sargento Paulino e Clarindo.

Terenos sempre sargentos Paulino e Clarindo a nos aviltar os bons momentos, tornando-nos longes, estupidamente esperando, enquanto l  naquela casa as respeitosas armam o quadro puro e doméstico da virgindade em calcinhas de meia (o frio, o frio) que estão sendo passadas a ferro elétrico a tomada   uma s , e o pick-up emudece, o disco cançado, quase m rto, estirado, rouco... "Coimbra   uma can o..." Can o chata, que vale que o monte de roupa   grande e Negrinha, naquela tarde depois do nosso almoço com tainha recheada, Negrinha (te digo), tem olhos verdes, verdes olhos de esmeraldas, o com o dos peitos aparecendo e me enlouquecendo, os peitos nervosos, doces, rosadinhos, iguais aos rostinhos de meus garotos Carlos e Zezinho, os peitinhos de Negrinha então arfam, numa respira o tristonha e às vezes descompassadamente, respira o por alguém l  longe, respira o por causa do telegrama do gigol .

Naquele domingo   tarde me apaixono por Negrinha, mas não lhe sigo ao quarto. Deixo que seus seios (  seios) fiquem só um pouco mais nervosos, a cantiga de seus lábios molhados, a pele muito clarinha, sem mancha, muito purazinha, transparente, veias azuladas, se fixem em meus olhos bêbados dessas joias puras e não haja antes nem depois.

Amei-a e estou bem triste. Muito mais "nada". Sabes? Não estou nem fiquei satisfeito. Nenhum pouco.

E tu, Clarisse, e o Chevrolet. Três satisfações disciplinadas. Mais tarde o primeiro ceia, a segunda comerá na pensão (alegre) e o carro, gasolina, no pôsto. Quantos litros? Vinte. Pronto, senhor. Tome o dinheiro. Obrigado. O trôco é seu. Oh, muito agradecido.

Negrinha tão calma e tão boazinha, o carinho nos olhos verdes, mares nunca dantes navegados, nunca compreendidos, o segredo ainda dorme ingenuamente nas sobrançelas sedosas, pisadas, chupadas, amassadas, batidas talvez, e guardando tôda a vida, tôda vida, eternamente tua, o segredo, por Deus Negrinha, sempre assim, na ala das mulheres transformando o ambiente em tu e eu numa casa de campo, bem longe, os peitinhos dormindo em minhas mãos, com a doçura de minhas mãos tão sequiosas, tão esfomeadas, tão ansiosas, tão crispadas, tão expectantes e pobres de carinhos, Negrinha...

E tu, meu amigo, deste o relógio à Clarisse? Ela te aguardando interesseira e interessada: — Ah, meu queridinho, e a promessa que fez ao benzinho?...

Enquanto isso Negrinha passa a roupa, os olhos bem verdes, transparentes, guardando o segredo dos sete mares, Grande Atlântico, longínquo Pacífico, sargaços, atóis, corais, murais de tinta de água do mar, verde pintado sobre verde, e a mansidão dos olhos líquidos mas não frios, não viscosos, não mortos. Não, isso não.

Negrinha, teu apelido não está certo, o domingo não está certo, isso não devia ser assim, eu não estou escrevendo certo. Tu, amigo, estás perfeitamente certo, muito exato, de guarda-pó branco no consultório. Hora marcada, venha amanhã às três horas, a secretária anota. É só uma pequena cárie no dente de madame Paiva.

E os dentes de Negrinha certinhos, branquinhos, pérolas vivas, a vida não está certa, a carta é para um amigo do peito, meu amigo dentista e dono do Chevrolet, e tu, menina, te meteste nela, na minha vida, o direito de nascer pra avacalhar com a expressão "na minha vida". Todos vocês estão certos, eu mesmo estou muito certo me apaixonando naquela tarde de domingo, perdidamente, porque eu fico com ciúmes dos que descobriram meu grande amor de José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e outros, antes e depois das novelas de rádio.

Ela pode andar com outros, pode receber um milhão, duzentos e cinquenta mil e trezentos e noventa e nove telegramas de gigolôs, pode apanhar deles (não na minha frente), mas dê sempre a esmola, pelo amor de Deus, um farelinho desses que caem do pão e ficam na toalha quando a gente corta uma fatia: a esmola de um olhar para ela mesma. Cismando nela mesma. Serei homem triste que recebeu esmola. Homem que ficou rico mas continuou triste.

E tu, na qualidade de meu amigo do peito, depois que saímos dali,

sem Clarisse e sem Negrinha, disseste que eu continuava sempre a mesma besta. Pamonha. Sonhando ou pensando no sonho, quando havia uma realidade negativa: que ela nem sequer dera acôrdo de mim ali na sua frente.

Então vou seguir teu conselho de amigo do peito. Vou me lavar com um bruto porre, dentro de casa mesmo, por que é aí que a gente está mais longe de casa. Deve ser assim. A família é uma força onipresente, conjunto de obrigações humanas, com uma ausência prolongada e exausta da gente — o marido e pais. E eu quero dar um pileque em mim mesmo. Como vês, muita sinceridade comigo mesmo, sinceridade mandada para a Holanda e lavada, muito bem lavada, até o cheiro de tulipa tem que sair (tulipa tem cheiro?), mas bem lavada, talvez como nunca, e enviada pelo correio, mala aérea, tu vais ler.

Vem domingo novamente, com o Chevrolet verde. Verde que não tem termo de comparação com os olhos de Negrinha, meu primeiro amor, minha grande paixão, meu porre avacalhadamente amoroso, tão inesperado quanto à surpresa inesperada daquela tarde de domingo. Venha. Clarisse te esperando, muito elegante, esgalga, sexo na ponta dos cabelos ruivos.

Amigo do peito, muito obrigado por me levar a passear. Estou melhor e quando estiveste aqui fazia um mês que me haviam tirado daquela casa de grades, não é janelão de escritório, não. Casa pintada de claro, enfermeiros, árvores em redor. Estou melhor. "Agora está manso", disse-te num sussuro, abraçada a ti, Negrinha, minha espôsa.

Clarisse não existe. É Negrinha, minha santa espôsa, eu ausente, manicômio "Santa Tereza", e tu, meu amigo do peito, sempre o mesmo grande amigo.

Venha domingo, com o Chevrolet verde, verdes olhos de Negrinha, que te espera muito ansiosa, muito mesmo, eu vejo, eu sinto, agora posso ver mais claro que és o amigo de sempre, o nosso grande amigo do peito.

Aqui, sempre o velho

Ceceu

D. JÚLIA MORREU

Marcos Farias

O médico não conseguiu salvar D. Júlia. Os remédios e as injeções foram impotentes ante a violência da febre. Em menos de dez dias D. Júlia estava morta. E quando começou parecia um resfriado, nada mais que um resfriado. D. Júlia preparava o jantar. Lá fora, um vento frio zunia e levantava nuvens de poeira. Tempo feio, ameaçando chuva. D. Júlia já havia pensado em recolher as roupas dos varais. Contudo deixara, que o vento auxiliava a secar mais depressa. De repente a chuva começa a cair. Chuva fininha, tipo garoa, mas penetrante, impetuosa, descendo em rajadas impelida pelo vento. D. Júlia saiu alvoroçada. Saiu da cosinha quente, abafada, e recebeu os duchaços de chuva, penetrando-lhe as roupas e as carnes. Foi rápido, em menos de cinco minutos já havia trazido toda a roupa para dentro. E também já havia pegado a febre. No momento não sentiu coisa alguma. Um pouco de frio, talvez um espirro, mais nada. A doença penetrara mas se escondia, não aparecia logo, para apanhar de surpresa, durante a noite, quando a vítima dormisse.

No dia seguinte D. Júlia acordou mal. Cabeça pesada, arrepios-de-frio, dor nas costas. Levantou-se a custo, não aguentou muito porém, Uma tonteira, um mal-estar, obrigaram-na a deitar-se de novo. Antônio já havia saído. D. Júlia estava só, completamente só. Não tinha a quem apelar. A doença aumentava o desejo de companhia; o desejo de ser cuidada, tratada, auxiliada. E a solidão amargava como angústia. Solidão forçada, imposta. Ninguém que lhe preparasse um chá, que lhe oferecesse um comprimido. E nessa hora mais do que nunca precisava de companhia, e de afeição, de amizade. D. Júlia encolheu-se sob os acolchoados e sob as tristezas. Pensou em chamar a vizinha, solicitando auxílio. A vergonha não deixou. Desistiu da idéia. Melhor era esperar que Antônio regressasse do trabalho. Ao meio-dia ele viria para o almoço, então poderia auxiliá-la, conseguir-lhe algum remédio, alguma coisa. Até lá era esperar. Esboçou uma reação "afinal aquilo não passava de um resfriadinho à-tôa". Buscou esquecer a doença, pensar em outras coisas. Tinha duas encomendas de vestido para a semana próxima, esforçou-se em imaginar quanto lhe renderiam, que poderia comprar com o dinheiro. Foi em vão. A memória recusou-se, a imaginação se desviou, não obedeceu. Os arrepios-de-frio aumentaram, a dor nas costas apareceu mais forte. E os pensamentos que vinham eram tristes, amargos. O sentimento de solidão pesava. O passado desenrolava-se ante seus olhos desesperançados. Que fora sua vida desde que o marido morrêra? Lembrava as primeiras lutas que enfrentara para obter o emprêgo da filha, para conseguir estudos gratuitos para Antônio, a mudança do casarão antigo para a casinha ao sopé do morro, e depois, o esforço incessante para manter as despesas, para aguentar

a vida. Lembrava as amigas que já não mais a visitavam, que talvez nem mais se lembrassem dela. Os incômodos que os filhos causaram, as badernas e folias de Antônio, e por fim a senvergonhice da filha, manchando-lhe o nome, ferindo-lhe o amor próprio, o orgulho. A filha fugira com um cacheiro-viajante de São Paulo. D. Júlia recorda-se da carta que a "menina" deixara e, que lera nem sabe quantas vezes. Agora recordava a filha com menos intransigência, com maior tolerância. "Talvez conseguisse ser feliz, talvez tivesse razão em ter fugido daqui, para longe dessas tristezas, dessas misérias..." pensava, e sentia uma ternura leve pela filha, um desejo de perdô-la. D. Júlia recordava o passado. Ou melhor, o passado surgia, se lhe oferecia, mesmo contra sua própria vontade. Seus últimos dez anos de vida, desde que o marido morrera, lhe apareciam amargos e vazios. Anos e anos, de manhã à noite, arcada sôbre a máquina de costura, trabalhando, trabalhando, e para que? Para que? Agora se achava sôzinha como um bicho sem dono, como um traste. A única pessoa que lhe restava era Antônio, e êsse mesmo vivia falando em ir embora, em viajar. E talvez também fôsse melhor para êle. Que futuro poderia ter naquê-le armazem? Que oportunidades poderiam aparecer nesta cidadezinha? Jamais passaria de um empregado, de um ninguém. Lá fora, quem sabe, poderia melhorar, arrumar-se na vida. Lá fora, sempre haveria esperanças, aqui a vida era um bêco. Se êle viajasse então ficaria sem ninguém. Absolutamente só. Enterneceu-se pelo filho, sabia que êle não embarcava por causa dela. Ao mesmo tempo sentiu-se um impedimento, um fardo na vida do filho. Se não fôsse ela, talvez êle já estivesse melhor na vida. Se não fôsse ela... a consciência da doença surgiu súbito, tirando-a dos desvaneios. Achava-se fraca, muito fraca.

A idéia da morte relampejou, num lance instantâneo. Quem sabe, se morresse, não seria melhor para Antônio? Gostaria tanto que êle fôsse feliz. Quem sabe, não seria um alívio até para ela mesmo? Que lhe poderia oferecer ainda a vida? Que?... A pergunta não obtinha resposta, vinha-lhe a mente apenas a solidão em que se achava, o abandono. A desesperança doia, judiava. Se encolhia mais sob os acolchoados. Se morresse... O medo da morte assomou-se-lhe como um espectro. E não só de morrer, medo de ir para o inferno também. (Há quanto tempo não pensava em inferno?) Mas Deus era bom, não iria castigá-la, saberia que sua vida já fôra um inferno. Há quanto tempo não ia à missa? Tanto tempo, nem lembra. Antigamente não perdia missa, às vezes ia até às novenas e às orações. Depois não pudera mais, fôra deixando; na hora da missa sempre havia tanto serviço. Não haveriam outros motivos?

Pensamentos contrários chocavam-se no cérebro cansado de D. Júlia.

Sua fé não se abalara? Não se afastara da Igreja, voluntariamente? Não. O fato porém, é que, desde que seu marido morrera, desde que o padre Diretor do Ginásio negara os estudos gratuitos de Antônio,

desde que a vida se tornara mais difícil, muito do seu (dela) entusiasmo religioso antigo, diminuíra. Teria se deixado levar pelo ressentimento contra o padre? Contra a religião? Contra Deus? Não, foi a falta de tempo, o trabalho, tanto trabalho... Se afastara da igreja... Mas, a falta de tempo?... Se morresse iria para o inferno... Não! Então sua vida não valera nada? Tanto sofrimento... não valera?

Os pensamentos se entrecrocavam.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo. Sentiu as mãos geladas, a cabeça mais quente. Teria piorado? E Antônio que não vinha. Só, tão só. Será que não vinha? Precisava tanto de alguém. Por que não vinha? Se morresse... Uma dor aguda girou pelas costas. Retirou a mão de sob as cobertas e colocou na frente. A mão fria, a testa ardendo. Olhou o teto branco e assustou-se, sem saber porque. A lâmpada parecia balouçar. Desviou os olhos, fechou-os. A escuridão deu-lhe medo, acriou-os incontinentemente. Os olhos arregalaram-se. Se morresse... E Antônio que não vinha... Antônio chegava nesse instante. D. Júlia sentiu um alívio, como se acordasse de um pesadelo. O filho apressou-se em preparar-lhe um chá. Falou em chamar o médico. D. Júlia recusou:

Não precisa não. É um resfriadinho à-toa. Logo passa.

Bastava-lhe a companhia dele. Os cuidados, a preocupação que notava no filho, reconfortavam-na. Sentia-se terna e comovida, uma sensação de calor gostosa, escorrendo-lhe pelo corpo, revigorando-lhe o ânimo.

Antônio insistia, desejava chamar o médico. D. Júlia recusava, "se fosse preciso chamariam depois, mais tarde", repetia. Antônio aquiesceu, por fim. Ofereceu-lhe mais um cobertor e aconselhou-a a dormir. Fechou a janela, e o quarto submergiu numa penumbra macia. D. Júlia não tardou em adormecer. Acordou no fim da tarde, já pelas seis horas. A febre aumentara, os membros tornaram-se flácidos, quasi dormentes. Delirava. Repetia frases sem nexos. Antônio assustou-se. Correu a chamar a vizinha, e, saiu em busca do médico.

Quando este chegou, D. Júlia cochilava. Examinou atentamente, por trás dos óculos. Auscultou-lhe a pulsação, e mordeu os lábios superiores, indeciso. D. Júlia abriu os olhos, mas parecia não ver; os olhos fundos, distantes. O médico enfiou-lhe o termômetro debaixo do braço. A vizinha e Antônio observavam, nervosos. Em silêncio, o médico retirou o termômetro, e leu em voz seca: 39 e meio. Auscultou-lhe a respiração e novamente o pulso. Mordeu outra vez os lábios superiores e dirigiu-se a Antônio:

— quando começou?

— Hoje de manhã

— Por que não me chamaram logo?

— Eu...

— Bem, não interessa. Vou dar uma receita e amanhã passo aqui. Qualquer coisa me avisem.

Rabiscou umas notas num papel e despediu-se, sem responder às perguntas de Antônio, limitando-se a dizer vagamente:

— Nada de mais, amanhã veremos.

No dia seguinte, D. Júlia amanheceu melhor, parecia que os remédios fizeram efeito. Antônio alegrou-se. O médico porém, não demonstrou nenhuma satisfação, examinou-a novamente e mordeu os lábios superiores, com a mesma indecisão. A vizinha cravejou-o de perguntas. O médico desconversou, deu ligeiras explicações e se despediu no mesmo tom indeciso:

— Vamos ver. Vamos ver.

O terceiro dia foi pior. A febre aumentou, atingindo 40º graus e a dor nas costas acentuou-se. No quarto dia, a febre desceu para 39 graus. Os dois dias seguintes não apresentaram alterações. O médico não dizia nem A nem B, a mesma indecisão, mordendo os lábios superiores e se esquivando às perguntas. Antônio se irritava, a vizinha procurava consolá-lo:

— Hoje em dia, médico é assim mesmo. Não fala, não diz nada. Antigamente...

E botava-se a contar histórias de médicos e doenças de outrora.

No oitavo dia, o médico apareceu mais nervoso. A doença continuava no mesmo, a febre variando de 38 a 39 graus. Nesse dia ele ficou mais. Temia uma crise. Deixou um termômetro para que a examinassem de hora em hora, e recomendou, com firmeza, que o chamassem imediatamente ao menor sinal de alteração. Antônio preocupou-se. A vizinha, toda alvoroçada, não se afastou um momento do quarto. Esperavam a crise com medo, e ansiedade também. A crise não veio. A dor permaneceu no mesmo. A tardinha somente houve um aumento de duas linhas. Não julgaram conveniente incomodar o médico só por isso. De madrugada a febre subiu mais uma linha. E ficou nisso até a visita do médico às nove da manhã. Ele impressionou-se inda mais, receitou novos medicamentos, e deixou as mesmas instruções da véspera.

A febre não se modificou durante o dia. Antônio e a vizinha agoniados, ansiosos.

D. Júlia ora dormia, ora delirava, ora permanecia de olhos abertos e distantes. E a doença nada, nem cá nem lá. Não diminuía, não aumentava. Parece que a febre acumulava forças para o bote final, durante a noite. E assim foi. Lá pelas oito horas, o termômetro acusou 41 graus. Assombraram-se, não acreditaram. Puzeram de novo, o resultado foi o mesmo: 41 graus. Antônio correu a chamar o médico, excitado, quasi tonto. D. Júlia parecia delirar, os lábios se mexiam, porém não se ouviam as palavras, os olhos bêbados, pisca-piscando, quasi fechados.

O médico veio logo. Mais nervoso que nunca, mordendo os lábios incessantemente. Fez um exame rápido e preparou a seringa para aplicar uma injeção. O efeito foi reduzido. A febre diminuiu algumas li-

nhas, mas logo retomou a ofensiva e foi aumentando lenta mas inexoravelmente, sem ouvir às inquietações do médico, sem atender à seus esforços e a seu empenho. Antonio angustia-o, sem ação, a vontade de chorar suíocando-o. A vizinha era tóda atenção e cuidados. O médico suava e mordia os lábios, imaginando novas receitas. E a febre aumentando, aniquilando D. Júlia. Antônio a vizinha e o médico cada vez mais agoniados. E D. Júlia morrendo, devagarinho, suavemente, sem gemidos, nem lamentos. A madrugada veio encontrá-la já sem vida. O médico exausto, estirado numa cadeira. A vizinha, com os olhos molhados de lágrimas, preparando mais um café. E Antônio debruçado sobre o corpo da mãe, chorando aos soluços; as lágrimas copiosas descendo-lhe pelas faces, entrando-lhe pelos lábios, amargando-lhe a língua. Era a primeira vez que chorava desde há muito, desde os dias longínquos da infância, e às lágrimas presentes se conjugavam lágrimas carregadas de passado.

HISTÓRIAS DO SERTÃO

Oswaldo de Oliveira

O Açude

A boa-nova, de bôca em bôca, correu a cidadezinha num instante. Ao mesmo tempo, satisfazia a curiosidade que a todos intrigava desde que aqueles três estranhos, "com ares de doutor", chegaram ali percorrendo de jipe todos os sítios do lugar. Soube-se, afinal — e era essa a boa-nova —, que se tratava de uma comissão do governo, que vinha estudar a localização e construção de um grande açude, o qual seria também aproveitado para gerar energia elétrica.

O velho Zé Romão foi um dos últimos a saber. Morava meio retirado e vivia o dia todo na roça. Apoiado no mourão da cerca, ouvia atento o que seu compadre Chico Ernesto lhe dizia.

— Mas, compadre Chico, será mesmo que eu vou ver água aqui no Catú, antes de morrer?

— E luz, compadre. Luz elétrica! Pois diz que vão fazer uma usina na bôca do açude! — retrucou Chico.

— Ah, então vai ser como fizeram no "Mãe d'água" e no "Curema?" — perguntou Zé Romão.

— Isso! E no "Yemanjá" também.

— Homem, que Deus abençoe a gente dessa tal de comissão — disse, em tom de prece e se benzendo em seguida. E, sem esperar a resposta, franzindo o sobrolho, num ar desconfiado: — Não me diz que é nas terras do coronel Chico Nunes!

Chico Ernesto, como que compartilhando da desconfiança de seu compadre, respondeu: — Vi dizer que sim. — E, em seguida, como se já não tivesse mais dúvida: — E mesmo se não for lá, onde é que há de ser? Pois não é só ele que tem terreno grande por aqui?

A guiza de despedida, Zé Romão foi se voltando para o roçado, enquanto falava: — Pois é, compadre, pode escrever o que lhe digo: nós nunca vamos ter açude no Catú.

O coronel Chico Nunes era o manda-chuva do Catú. Por sob aquele exterior bonacheirão e amigo sorria para todos e que a todos aparentemente socorria, que por tudo se interessava, havia o homem frio, perverso e ambicioso que era na realidade.

As suas terras, as suas propriedades, a sua fortuna, a princípio acumulada pura e simplesmente pelo rubo e pelo terror, era, agora, desenvolvida e ampliada, pela exploração do suor alheio, pelo suborno e, um pouco veladamente, pela ameaça.

De cangaceiro que fora na mocidade, o coronel, hoje, era pessoa muito importante. A sua vida mudou muito, desde que executou um "trabalhinho" para um figurão da política, eliminando um seu adversário. O "trabalho" foi bem feito e a recompensa foi boa. Bastou o apóio inicial para que ele fosse se encaminhando por si. Agora, já era chefe político de indiscutível prestígio. Ouvido e respeitado. Nada se fazia no Catú contra a sua vontade.

Uma de suas fontes de renda (aliás, a mais rendosa) consistia na venda de água. Tinha um pequeno açude, numa fazenda afastada da cidade. Dele tirava a água, que distribuía nas casas, em pipas.

Há muito sabia o coronél daquele projeto do açude que ameaçava abalar o seu comércio. E já tinha tomado as necessárias providências contra a efetivação da medida. Ora subornando pessoas influentes, ora valendo-se de favores dessas mesmas pessoas, ora exigindo absurdos a título da indenização das terras, conseguira obstar todas as tentativas anteriores. A coisa sempre morria lá pela capital. Entretanto, a chegada daquela comissão e a escôlha do local, indicando o súbito impulso que o projeto tomava, pegaram-no, por assim dizer, de surpresa. De formas que êle se tocou novamente para a capital mal soube da história.

Dessa vez, a coisa estava mais difícil, informaram-no. Que o governo federal era quem a estava tomando a peito diretamente. Mas que sempre havia uma esperança...

O Coronél não era homem de se render sem luta. E, nessa parada, estava disposto a tudo.

O negócio foi demorado. Por mais de um mês permaneceu em plena atividade na capital, até que pudesse regressar tranquilo para casa, com os louros da vitória.

Sempre que o seu comprade Chico Ernesto apontava na estrada, o velho Zé Romão vinha até a cerca pra saber das novidades.

— Ah, compadre, bem que você falou — foi lhe adiantando Chico Ernesto nesse dia — pois a tal de comissão do açude foi-se embora. Diz que receberam ordem da capital pra suspender tudo.

Zé Romão, calado, preferiu não se vangloriar do seu vaticínio, porque um sentimento de tristeza e de mágua falou mais alto no seu íntimo.

"Andescreito" *

Estávamos atravessando a zona do sertão, em plena região das sêcas. A estrada éra ótima e íamos em boa marcha. Lá ao longe, um homem, andando na margem do caminho, ao ouvir o barulho do nosso carro, parou e começou a nos fazer sinal para que parássemos. Mas um sinal meio despretençioso, assim como quem nada perde em não ser atendido. Pedia uma carona.

É comum, em tais instantes, falar mais alto o comodismo. Mas, parece que a intempérie do meio, naquele dia abraçador, levou os nossos pensamentos ao sofrimento alheio.

Paramos o carro. Pra onde vae? — perguntamos. Que ia até o Cariri, — respondeu. Era uma localidade distante três léguas.

Arrumou o saco no fundo do carro e sentou-se no banco de trás, aonde eu, até então, estava só.

Assim como não nos maldiria se lhe tivéssemos negado, também na-

da falou à guiza de agradecimento. Era um caboclo da região, o que quer dizer: um homem resignado com o sofrimento.

Procurei um assunto qualquer para iniciar uma conversa. Assumindo ares de protetor, perguntei-lhe:

— Mas, então, o senhor ia à pé até o Cariri?

— É... é o geito, moço, — respondeu.

— **Mora lá!**

— Móro não senhor.

Depois de mais algumas perguntas, foi se tornando menos monossilábico e mais desembaraçado. As vezes mesmo, adquirindo confiança própria, tomava iniciativa nas perguntas ou se estendia em considerações nas respostas.

Iria, segundo disse, trabalhar na estrada que o DER estava construindo naquela região.

— Já trabalhou, antes, na estrada? — perguntei.

— Trabalhei não senhor. Eu sempre fui da lavoura, mas agora a lavoura, não presta mais pra quem é pobre. Só dá pra quem tem muito bem, muita propriedade.

— Ah, então o senhor deixou a lavoura por causa da seca?

— É não senhor. É uma história mais comprida. Eu vou lhe contar.

Então ele, por alguns segundos, fixou o olhar num ponto indefinido, como que a meditar e, por fim, começou a falar:

“ — Moço, eu tenho cinquenta anos, nasci e me criei aqui nesse sertão miserável que o senhor está vendo. Desde que me entendo, vivi no cabo da enxada. De sól a sól”.

“ — No princípio, com o velho meu pai — que Deus o tenha —, “Nunca saímos daqui. Nem mesmo na seca de 32. O velho era teimoso, mesmo. E, naquele tempo, a seca matava, mas era muita gente! E, lavoura, então, nem se fala!”

“ — Mas, por mais enfezadinho que fosse o algodão, a gente sempre vendia ele pelo preço justo”.

“ — Eu já tinha até uma reservazinha pra comprar uma terra ali perto do açude do Cariri. Foi quando apareceu essa praga. Essa praga cem vezes pior do que a seca: essa tal de “Andescreito”.

“ — Parecia uma coisa feita! Só se podia vender o algodão pra eles. E em vez de a gente, que era dono, apreçar, eram eles quem faziam o preço. Mas, eu também sou teimoso, feito o velho meu pai”.

“ — No princípio eu resisti, aguntei firme. Por mais que a mulher lá em casa chorasse e implorasse, eu não vendi nada. Porque, a vender pelo preço que eles ofereciam, eu preferia que o meu algodão apodrecesse. Pois se deu que apodreceu tudo mesmo e eu não vendi. Mas, no outro ano, não houve geito. Eu tive mesmo que ceder. A-miséria já estava chegando e tinha seis filhos pra sustentar.

“ — E de ano pra ano a coisa foi piorando. Ninguém mais era dono do que plantava. Depois os preços foram baixando, baixando, até que tudo quanto foi de lavrador pobre ficou na miséria”.

“— Agora eu vou trabalhar na estrada, pros meus filhos não morrerem de fome”.

Vamos passando no Cariri e paramos pra deixar o nosso passageiro.

Durante todo o resto do percurso, sempre que eu avistava um aldeão pensava no estranho contraste que havia entre a beleza e a inocência daquelas hastezinhas verdes coroadas de bolinhas brancas e na miséria e desgraças que elas provocavam.

* — Nome que, na sua linguagem, o caboclo dá à “Anderson Clayton”, conhecida firma estrangeira, compradora de cereais e algodão.

O Neinha dos galinhos

A troca de produtos, na maioria das pequenas cidades do Nordeste, e principalmente nas do vastíssimo sertão, se realiza, sobretudo nas Feiras. Cada cidade tem a sua feira num dia certo da semana. Mesmo as mais desprovidas de recursos possuem o seu Mercado Municipal, um prédio adrede construído, geralmente ocupando todo um quarteirão, num local amplo e livre.

Aí é instalada a feira.

Na parte interna se instalam os feirantes mais fortes, cujos negócios lhes permitem pagar um aluguel certo pelo local. Geralmente são os de secos e molhados, fazendas, calçados e cereais. Na parte de fóra, rodeando todo o prédio, ficam os menos providos. Ai se vê uma infinidade de tableiros com uma incrível variedade de mercadorias: rédes, roupas feitas, legumes, ervas medicinais, frutas as mais diversas, comestíveis de todo o gênero — milho assado, cocada, cuscús, canjiquinha, etc. —. O propagandista com a sua cobra, o vendedor de libretos (geralmente narrando, em versos, um crime famoso ou as proezas de um grande cangaceiro), o céguinho que, ao mesmo tempo toca violão e gaita, a infinidade de aleijões pedintes, os garotos freiteiros — todos são tipos infalíveis.

Há também comerciantes, fazendeiros e especuladores de toda a espécie que fazem da feira local de encontro para empreenderem os seus negócios.

O dia de feira é um dia de festa.

Já pela madrugada, vão afluindo, de todos os lugares, dezenas de caminhões atropetados de caixotes, sacos e armações de madeira, com gente pendurada por todos os lados. São os famosos “páus de arara”.

Pêlas cinco da manhã começa a função, com os vendedores já instalados nos seus postos e afluência cada vez maior de compradores e curiosos. Ali se negocia, se namora, se passeia, se revê os amigos, se discute e se briga. E vai num crescendo, até às quatro horas da tarde, quando o movimento começa a diminuir, cessando por completo lá pelas cinco e meia seis horas. Então, desarmam as barracas, as ten-

dinhas, os taboleiros, encaixotam-se as mercadorias, põem-se tudo novamente nos caminhões e, como um circo em mudança, seguem os seus destinos para, depois de novo suprimento se dirigirem à feira seguinte.

Éra um artista inato. Principiou experimentando tecer rês de fibra, porque a matéria prima — agave, tucum e outras fibras vegetais comuns da região —, custa quási nada. Depois foi ampliando, em variedades o seu negócio: chapéus de couro, cintos, artigos de chifre de boi (navios, talheres, caravelas, etc.) e um artigo absolutamente original como sòmente êle podia idealizar e fazer: miniaturas perfeitas de aves, sobretudo de galinhas, galos e perús. O corpo, as penas, os pêsinhos, bico, crista, tudo semelhante ao original. Aquilo tudo dispòsto empêsinho e alinhado feito soldadinho de chumbo, chamava a atenção de todos pêla graça e originalidade. Por isso, apesar da variedade de artigos expostos, seu nome foi ligado, desde logo, ao que de mais original expunha. Ficou conhecido por Néinha dos galinhos.

Eternamente de bom humor, apregoava os seus artigos óra fazendo versinhos, óra com ditos chistosos. Falava com todos e a todos divertia. Apesar de tudo, pouco ou nenhum negócio fazia. Porque os freguesês eram póbres e não podiam se dar o luxo de comprar artigos supérfluos.

Mas, os maus negócios não afetavam o humor do Neinha.

Por isso, todos o julgavam um homem feliz. Por isso, a ninguém ocorria pensar nas tristezas da vida do Enéas (éra êsse o seu verdadeiro nome). Pois que, na realidade, a sua vida não tinha o menor motivo de alegria.

Éra um cearense de Icó. Só no mundo desde os cinco anos, conheceu a miséria a fundo. Veio bater em Patos, no sertão paraibano, não se sabe como, e alí foi vivendo de qualquer jeito.

Hoje, com 16 anos, pouco progredira em conforto. Seu pão continuava incerto como dantes. Mas êle próprio, nem mesmo intimamente, não pensava nessas tristezas e muito menos as analisava.

Assim, em todas as feiras da redondeza, de Cajazeiras a Princesa, de Piancó a Pombal, lá estava o Neinha e a sua alegria.

Depois de um dia inteiro de atividade intensa (atividade que consistia mais nas expansões da sua natureza alegre do que pròpriamente em negócios), lá por volta das 5 horas, com paciência e habilidade ia preparando no caixote, os seus delicados artigos, ageitava no cantinho que êle alugava no caminhão e lá se ia, para outra feira (não pròpriamente, como os demais, pensando nos negócios, mas como que por imposição do destino), lá se ia o Néinha dos galinhos.

TEMPO APRISIONADO

Celso Amorim Pessoa

Não se ouvia o soar das passadas e, entretanto, o estalar do madeirame velho denotava a subida de alguém. O hotelzinho era de segunda classe, em cidade do interior; ali nem a cautela passaria desapercebida.

Um vulto aos poucos foi se projetando à parede e, quando a silhueta se destacou por completo, houve silêncio e imobilidade. A escada terminava em estreito corredor, estendendo-se para ambos os lados; números pares à direita e ímpares à esquerda.

A voz era apagada e murmurava: — Quarto... Quarto vinte... Quarto vinte dois... Direita; vinte sete para a esquerda.

O assoalho tornou a gemer e, de novo, a sombra avançou ao longo das paredes, em direção à esquerda. Ia se diluindo e apagando, à medida que se afastava da pequena lâmpada, postada no topo da escada. Por fim, apenas um borrão indistinto, num corredor onde luz e trevas se equilibravam em silenciosa luta. Veio o ruído de um trinco, uma porta foi aberta e fechada, seguindo-se, instantes após, o ranger das molas de uma cama. Pelas batidas do relógio da matriz, a madrugada já ia a meio. Madrugada em lugarejo do interior, com silêncio e sono.

No interior do vinte e sete não havia entretanto sono. Uma consciência desperta teimava em manter acordado um corpo cansado. Uma noite igual a muitas outras, com o sossêgo rodeando tudo, a madrugada avançando e o sono que não vinha. — Ah! — murmurou Rudy, quanta inveja do 25. Inveja e ódio, isto sim! Inveja pela certeza de que o ocupante daquele quarto conseguia dormir; raiva pela zombaria daquele sono que se fazia sentir em roncões sonoros, transpassando paredes e enervando, enervando e dando vontade de matar.

— Maldito porco! Ao invés do 25, ficarias melhor num chiqueiro; também esta espelunca pouco falta para tal. Se te pego num chiqueiro...! Af sim! Uma faca afiada... afiada não! Bem cega para que grunhisses bastante e pela última vez!

O relógio da igreja assinalara quatro horas. Rudy rolou o corpo cansado e meteu a cabeça sob o travesseiro. Noites e noites de insônia. Quantas mais poderia aguentar? Sabe lá Deus! Sentia sono, desde as pálpebras pesando até a ponta dos pés, em estado de dormência. Um sono a que o corpo se entregaria com prazer, não fosse... — Porque o espírito não relaxava a vigilância sobre o corpo, deixando-o adormecer? Porque? — Porque?

Doia-lhe a cabeça, o corpo ficava mais cansado e as interrogações sem resposta. O travesseiro era branco, a cama esmaltada em branco eram as paredes do quarto. Em branco também era o seu quarto de infância.

Por instantes, a fisionomia de Rudy se aclarou às recordações da meninice. Aos dias, em sucessão despercebida, intercalavam-se as noites calmas e repousantes, com a mãe velando.

Um conjunto em branco e a mãe de camisola branca, dominando tudo. Que sonhos...! As paredes a balançar, rodando em torvelinho para, gradualmente se transformarem em múltiplas camisolas brancas. Os punhos eram rendados e as mãos alvas e acalentadoras. As golas também eram brancas e encimadas sempre pela fisionomia serena da mãe. Semblante ora grave, ora sorridente, mas inspirando confiança, fazendo repousar e fazendo dormir.

Dia veio em que levaram-na vestida de preto e coberta de flores. Daí por diante, somente em sonhos ou pesadelos, tornaria Rudy sentir o contacto daquelas mãos, o ciciar das cantigas e a camisola se confundindo com as alvas cobertas, ou se transmudando em paredes brancas e protetoras. Passaram-se os anos; o tempo sombreou o branco e o vulto da mãe foi se esmaecendo num passado distante.

O éco das pancadas do relógio da matriz percuffa ainda, quando o retinir estridente de um despertador desviou os seus pensamentos, deixando-o novamente alerta e de nervos tensos. Rudy sabia de antemão o que aconteceria, mas apurou os ouvidos para recompor a cena de sempre. Daí a instantes percebeu os passos e, pouco depois, o éco das batidas às portas dos quartos relacionados para chamada, com o empregado sempre repetindo à meia voz: — São cinco horas. Acordem que já passa das cinco. Levantem seus preguiçosos!

Em questão de minutos o hotel despertara para um novo dia. Um borborinho confuso, portas batendo, um vai-e-vem de passos, chinelos se arrastando e a agua correndo nas pias. — Hotelzinho rabo de cabra, pensou Rudy; — até lenha se rachava às cinco da manhã!

Um motor tossiu como se estivesse engasgado; novas partidas no arranque e o motor frio funcionou, trepidante e barulhento, descarregando rajadas de estampidos pelo cano de escape. Simultaneamente novos motores entraram em combustão. O primeiro caminhão arrancou e a seguir outro e outros mais. Ontem tinham sido dezoito e os bandidos só andavam em grupo. E Rudy passou a enumerá-los em voz alta:

— Um ... dois ... cinco ... oito ... e o sono foi chegando, pesando e obscurecendo tudo, embaralhando as imagens. Os roncos do 25 se misturando aos dos motores, o canto dos galos, tudo se diluindo na madrugada. E a névoa espessa a tudo encobrendo, servindo de barreira de cortina, de ...

Qualquer coisa retiniu; fraco a princípio e forte à medida que Rudy ia tomando conhecimento do que ocorria. A campainha continuou a tocar e, por fim, parou.

— Seis horas! Seis horas! O empregado ia repetindo e batendo: — Seis horas!

E o 25 continuava a roncar. Na imaginação de Rudy a campainha despertara recordações; havia também as reminiscências da juventude.

Desde que a mãe se fora, vestida de preto e coberta de flores — Porque não de camisola branca!? Cismas da infância e da juventude e ambas sem se completarem. Na infância houvera um vaso e a juventude se tornara irremediavelmente mutilada. A mãe já não estava mais ao seu lado. Separaram-se para sempre. Ela vestida de preto, muda, imóvel e rodeada de flores e êle atônito, chorando e cercado de estranhos.

Sentira-se incapaz de compreender tudo aquilo. Ela se fora e ficou êle; êle, os estranhos e o mundo. Um mundo esquisito, diferente daquele que até então vivera com a mãe. Com a mãe viva não havia seis horas e a voz rouca, áspera e autoritária de todas as manhãs — Levanta Rudy! Está na hora do serviço!

E, paulatinamente, as influências daquele estranho mundo criaram em Rudy uma dupla personalidade. Na aparência externa, um Rudy procurando se situar naquela fase de transição e a ela se adaptando mecânicamente. Um autômato de fisionomia inescrutável, sem gestos de repulsa, sem queixas e nem esperanças. Jamais o sorriso lhe voltara aos lábios e no semblante taciturno havia sempre sombras de dúvidas. Isolando-se tanto quanto possível, acabou por resvalar no beiral da solidão. E quanto mais circunscritas suas relações com o mundo, tanto maior a visão do interior. Existia também um Rudy introvertido, em busca de um mundo novo. Dêle seriam eliminadas as noções de espaço e tempo. Ali, mesmo ao seu lado, estava a figura odiosa do tempo, simbolizado no velho despertador. E um sem número de vezes aquele objeto, aquela máquina do diabo o alertara de que ainda fazia parte do mundo velho. Dolorosa era sempre aquela transição de dormir e vaguear num mundo novo, para abruptamente ser despertado ainda no velho. A imaginação de Rudy já colocara o despertador no topo mais alto da velha Bastilha e, por certo, haveria outra destruição.

— E porquê não levá-lo à torre da matriz? — pensou Rudy. O seu, o despertador do hotel e mais o relógio da matriz. — Ah! ... Ah! ...

Vinte três horas. Rudy embrulhou cuidadosamente o despertador e, após enfiá-lo no bolso do casaco, pôe-se a caminho. Não sem antes e sorrateiramente penetrar no quartinho do empregado e apanhar também o do hotel.

Ruas desertas e molhadas. Garôa fina, irritante e somente visível dentro do raio da luz dos poucos focos de iluminação. Nem viva alma no trajeto. Rudy, ainda confiante, contornou a igreja e experimentou a porta lateral. Levou a mão à maçaneta e, ao simples contacto do metal frio, começou a sentir arrepios. Bastara aquela sensação para deixá-lo de mãos tremendo e pernas bambas. Devagarinho, medrosamente e cheio de ansiedade foi torcendo o trinco, bem devagarinho ... Houve um estalo na lingueta, a porta começou a ceder e Rudy suspirou aliviado. A passos tardos atravessou o pátio e penetrou no interior do templo. Apenas círios ardendo em bruxuleante claridade. Imagens, altares, quadros e bancos envoltos em sombras. Na quietude solene, estática e profunda havia um mudo apêlo à meditação. Rudy parou e postou-se

imóvel ao centro da nave. O que lhe ia a mente espelhava-se fielmente no semblante: ódio, revolta, angústia e medo modelavam-lhe a máscara; o rosto reluzindo de suor que brotava e caía, correndo e caindo, correndo e caindo sempre; as narinas eram pequenas para a respiração ruidosa. Instantes de expectativa e indecisão de atitudes. Estranho e doce silêncio aquele, num pedaço de mundo diferente. Dalí parecia emanar paz, compreensão, tolerância e amizade.

Até a atmosfera era estranha, mas benfazeja. O ar, perfumando-se ao contato do incenso, era respirado com avidez e se esparramava pelo corpo, produzindo-lhe uma sensação gostosa de amolecimento e torpor. Rudy se deixou cair num banco, ainda confuso pela mudança. E ali ficou, com a cabeça descansando sobre as mãos. Sentiu indiferença, alheamento a tudo e um cansaço sonolento tomando conta do corpo e do espírito. E o tempo foi esquecido.

Algo caiu, talvez pela esbarradela de um ou outro morcego, em esvoaçar constante pelo interior do templo. Da queda o choque e daí o ruído que veio rolando, rolando através das cousas adormecidas. Avolumou-se e ficou dansando no ar, dansando e vibrando em ressonâncias que perturbaram a quietude reinante. Rudy, semi-adormecido, teve a vaga e confusa percepção dos sons que se dançavam no ar e aos poucos iam se confundindo com o silêncio das cousas. Então, em surdina a princípio e depois em murmúrios que, gradualmente foram se tornando audíveis, vieram as vozes. Rudy, mesmo de dentro daquela sonolência, escutou:

— O tempo não para! O tempo não para! Faça por emudecê-lo! As horas passam e a meia-noite estará por instantes! Lembra-te Rudy! Doze badaladas...! Doze pancadas...! Angústia, agonia e quem sabe...? Talvez o princípio do fim!

As frases, soltas em sussurros e espacejadas pelos soluços, soavam em exclamações abafadas, misto de tristeza e advertência; e continuaram:

— Doze...! Lembra-te!? Doze...! Desperta antes que seja tarde demais! Destrua o relógio, faça parar as horas! Pare o tempo ou o amanhã virá! Chegará inexoravelmente e, com ele, as incertezas de mais 24 horas! E após o depois de amanhã! A seguir outros dias, outras noites, noites de vigília, dias de esperanças frustradas, sofrimentos e amargas desilusões! Destrua o marcador do tempo! Acabe com ele e outro será o mundo! Nova vida dentro de um novo mundo. Um mundo sem fome, sem dor, ambições, invejas nem vigílias, sem os turvos dias do amanhã! Coragem, Rudy! Apressa-te porque o tempo não para! Destrua-o e recomece tudo de novo! O amanhã não tardará! O amanhã... tempo... relógio... horas...

As últimas palavras, entoadas em desespero, seguiu-se novamente um profundo silêncio. As mãos de Rudy, de mansinho foram escorregando ao rosto, como se ele tivesse medo de destapá-lo e, súbitamente dar de olhos com aquilo que lhe perpassava na consciência. Lento e pe-

noso movimento de braços; por fim caíram abandonados ao longo do corpo.

Rudy viu então tudo como dantes e mais as grotescas silhuetas, de contornos imprecisos e se movimentando nas paredes, ao capricho das velas acesas. Respirou fundamente e, após instantes de indecisão, dirigiu-se a passos lerdos para o fundo da igreja. Ao pé da escada, hesitante ainda, olhou para cima. Nada pôde divisar. Tudo acobertado pelas trevas. Trevas densas e impenetráveis aos olhos. Rudy entretanto sabia que o seu objetivo ali estaria, em algum lugar acima, flutuando na escuridão. Tateando nas trevas encontrou os degraus e o corrimão. Iniciou a subida, com todos os sentidos atentos e voltados para cima; pé por pé, degrau a degrau, mão por mão, numa sequência de movimentos medrosos. Havia já vencido o primeiro lance da escada, mas sentiu que o controle das ações ia-se-lhe escapando, através do que restava dos nervos.

A proporção que ultrapassava os degraus, mais penosa se lhe tornava a subida. Ele a galgar os degraus e o sangue também subindo, subindo e afluindo à cabeça. O frio também veio subindo, espalhando-se pelo corpo, deixando os membros entorpecidos e um vazio nas entranhas. Com a cabeça em fogo e o resto do corpo gelado, Rudy quis voltar. Desaparecera entretanto a coordenação dos movimentos; restava apenas um cérebro incapaz de mandar e um corpo sem condições para obedecer. O medo deixara-o grudado às escadas, transformando-o numa estátua de desespero. Somente restava esperar, esperar...

Angustiosa expectativa. Nada. Negrume e silêncio. Rudy forçou a vista e quis penetrar na escuridão. Havia somente o invisível, o invisível era o nada, o nada e o medo.

Súbito a campainha disparou e a estridulação chegou de jato aos ouvidos de Rudy, atordoando-o. Hirto e trémulo ele se agarrou desesperadamente ao corrimão. Aquele som áspero e metálico continuou a percutir no espaço silente. Era como o som das sirenes e depois...

Um terror pânico empurrou Rudy de escadas acima. Aos tropeções, cego de pavor e sempre perseguido pelo som em disparada, Rudy galgou os últimos degraus daquela escada sem fim. O esbarrão violento, a queda de encontro ao obstáculo e o estouro dos sons, em sincronia, acabaram de prostrá-lo, cercado e vencido, cercado e perdido. O fim estava ali à sua frente, envolvendo-se nas sombras e rumando devagarinho em sua direção. A escuridão ocultava-o aos seus olhos esga-seados, mas o estrídulo indicava a sua aproximação, de mansinho, lento e sem pressa. Rudy passou as mãos, úmidas de suor, nos olhos, numa tentativa última para alargar a visão; nada. Enxugou-as então no casaco e sentiu uma delas vibrar. Apalpou o bolso freneticamente e apertou, com ambas as mãos, o volume ali depositado. Abruptamente o som parou. Instintivamente Rudy olhou para cima e pôde divisar o contorno do sino, ainda tinindo de mansinho. Aos poucos foi compreendendo e então veio a gargalhada rouca, histérica e prolongada.

Riu até as lágrimas, até que os soluços lhe saltassem do peito e sufocassem o riso. Instantes após, Rudy se levantou e resolutamente atirou, um a um, os volumes que trazia no bolso. Vinte metros abaixo os ruidos assinalaram a queda dos despertadores. Galgou então o parapeito da janelinha da torre, arrancou os ponteiros do grande relógio e, vitoriosamente, os deixou cair, um após outro. Rudy se sentou no parapeito. Deitou olhares distraídos no casário, nas árvores, nas ruas, no céu. Cessara a chuva e Rudy se sentia tomado por um gostoso amolecimento. Nunca mais haveria amanhã para ele.

A sonoridade e o inesperado da pancada aturdiram Rudy. Sem sentir deixou-se cair e, projetado no espaço, estatelou-se no solo, ao lado dos despertadores e a pouca distância dos ponteiros.

O relógio da matriz, em badaladas sonoras, anunciava a meia-noite. Finalizava-se mais um dia.

ELA ESTÁ MORTA

Doralécio Soares

A história que eu vou contar, não é minha. Eu a ouvi, não me recordo onde. Só sei que calou fundo no meu coração. E, para você, leitor, meu amigo ou minha amiga, eu a transmitirei.

Mais ou menos assim, começa a história:

* * *

Em uma cidade do interior brasileiro, casaram-se dois jovens. Ele, operário de fiação; ela, doméstica. Vida de recém-casados, é quasi sempre transbordante de alegria. Entretanto, no segundo ano, começaram os sacrifícios comuns a todos. E, o jovem casal, para não fugir à regra, lutava pelo equilíbrio das finanças. Justificando o casamento, os sinais do primeiro filho apareceram. O futuro pai, esperançoso, desdobrou-se em serviços extraordinários, para que o nascimento do primogenito não o encontre desprevidado. Tudo, porém, corre mal e a criança nasce. Carlos é o seu nome de batismo. Feliz com o primeiro rebento, o jovem casal arquiteta planos para o futuro filhinho. Ficariam naquele, por enquanto. Evitariam novos, até as coisas melhorarem.

Embora tecelão, o sr. Azevedo, pai de Carlos, visualizava um futuro melhor para o filho.

O tempo passava e o Carlinhos crescia. Com um ano de idade, era a alegria daquele casal modesto que labutava para obter maior conforto.

Entretanto, o salário da fábrica apenas dava para uma vida simples e sem regalias. Dona Alice, a mãe de Carlos, além do serviço doméstico, costurava para fóra. A sua constituição franzina não lhe permitia grandes esforços. Mas, contrariando o marido, ela se esforçava por ajudá-lo.

Para melhorar o ganho, o sr. Azevedo fazia extraordinários na fábrica. Noites seguidas, num esforço de reunir umas economiasinhas, como dizia, para o futuro do Carlos e, também, melhorar as condições de vida.

A luta continuava e o Carlos crescia. Dona Alice costurava. E o sr. Azevedo dobrava o trabalho. Os vizinhos chamavam de gananciosos. Que êle não queria ser pobre como os demais. Dona Alice, compreendendo os desejos do marido, respondia que era para os estudos do Carlinhos.

Já com mais de dois anos, o garoto Carlinhos a todos encantava. Sadio vivaz, enchia de alegria as quatro peças da casa. O sr. Azevedo continuava a desdobrar-se no serviço. Não estava satisfeito. Achava-se cansado. Com apenas 28 anos, já tinha aparência dos 40. Dizia pra mulher que precisava de umas férias. A sua última, fóra para o

casamento. Tinha recebido em dinheiro as demais férias. Que estava cansado, parecia doente. Dizia êle que assim lá se iriam as economias. Mas o descanso desejado só ficava na conversa.

Certa noite, entretanto, chovia quando o sr. Azevedo chegou. Tinha-se molhado bastante. Sentiu-se indisposto; o corpo dolorido. Tinha febre. No dia seguinte, não foi possível ir à fábrica. A febre aumentava. Dona Alice pediu ao farmacêutico para dar um remédio pra gripe. Não adiantou. Foi lá o farmacêutico. Disse que era pneumonia. Convinha chamar o médico. Dona Alice teve medo, mas foi. O médico disse que era melhor ir pro hospital. Não era possível. E o Carlinhos com quem ficaria? Resolveram fazer o tratamento em casa. O mal agravava-se. Dona Alice chorava. O sr. Azevedo sofria.

O Carlinhos, com quasi três anos, mal compreendia o sofrimento dos pais. Mas chorava, porque via sua mãe chorando.

O mal do sr. Azevedo agravava-se. O médico não tinha esperanças. Era caso perdido. Conformada, dona Alice rezava. O Carlinhos também rezava pela saúde do papai. Mas já era tarde. O sr. Azevedo morreu. O Carlinhos, apenas com três anos, perdera o pai. Mal compreendia o que via: O caixão mortuário; as velas; as flores; muita gente; a mãe que chorava aos gritos.

Agarrado com ela, êle também chorava.

Levaram-lhe o pai. Mal compreendia o sofrimento da mãe.

* * *

Sózinha com o filho, dona Alice passou a morar com uma sua irmã que residia na cidade próxima. Era casada e não tinha filhos. O seu marido tinha alguns bens. Não era pobre. Mas também não era rico. Além da casa na cidade, possuía uma pequena fazenda.

Dona Alice, afim de não ser pesada à irmã, continuava com algumas costuras para fora. Ficava, entretanto, necessitando de descanso. A morte do marido a abalara muito. A casa em que residiam, ficava de frente para um pequeno jardim público. À noite, quasi sempre, com o Carlinhos dona Alice gostava de apreciar as lindas rosas dos canteiros bem cuidados.

Rosas amarelas, vermelhas, lilazes. As brancas eram as suas preferidas.

O Carlinhos crescia. E já com quatro anos, acompanhava a mãe, agora a sua única companheira. Todas as noites, ali estavam no seu passeio predileto, distraindo-se com as lindas rosas do jardim.

O tempo passa.

O Carlinhos vai crescendo.

O sr. Azevedo ficara no passado.

Dona Alice continuava com as suas costuras.

A sua saúde, porém, não era boa. Aparecera-lhe uma tosse. Não ligára importância. Coisa passageira. Mas ficára doente. Um pequeno resfriado a reteve no leito. Ficou melhor... um resfriado sem im-

portância, mas a tosse ficára. Os dias passavam. Dona Alice emagrecia a olhos visto. A sua irmã se impressionara e recomendou-lhe um médico. Dona Alice dizia : — Não é nada. Isto passa.

O seu mal, entretanto, agravara-se. O Carlinhos chorava. Permanecia em si, ainda, uma vaga lembrança do pai, da sua morte.

Com quasi 6 anos, e bem crescido agora, compreendia o que era a morte. Todos os esforços foram baldados. A sua pobre mãezinha também morrera. Desesperado, o Carlinhos não queria que a levassem. Foi a custo retirado de junto ao corpo inanimado.

Sim! A sua mãezinha partira para junto do paesinho, diziam. Mas o coração daquela pobre criança, sosinha, mal compreendia a sua desventura.

* * *

Ficara com os tios. Perdera, porém, toda a alegria de viver. À noite, permanecia horas e horas na janela do seu quarto, recordando-se das noites que, com sua mãezinha, percorria as aléias do jardim. Absorto nas suas recordações de criança, eis que é despertado, um dia, pela conversa dos tios que diziam :

— Esta criança não pode continuar assim. Emagrece dia a dia. Não se alimenta. Amanhã iremos levá-lo para a Fazenda. Lá, talvez, melhora. O ar mais puro lhe fará bem. Aquelas palavras aturdiram o pobre Carlinhos.

— Não, não sairei daqui de perto da mamãe. Não quero ir para a Fazenda.

E desatou em copioso pranto. Mas seus tios, ao escutarem o seu protesto em nada adiantaram.

— Você, amanhã bem cedo, seguirá, Carlinhos. Lá é melhor pra você.

Mal conformado, o Carlinhos tenta dormir.

— E a mãezinha ?

Nem ao menos se despedirá da mãezinha. O relógio da Matriz já havia batido meia noite. Célere pula da cama e, resoluto, salta a janela. Sim, iria levar à mãezinha como despedida, as flores de que ela tanto gostava.

Os seus pés descalços, sentiram a friagem da grama orvalhada. Avança de roseira em roseira, numa ância louca de colher mais e mais. Rosas amarelas, vermelhas, lilazes e brancas das quaes tanto ela gostava. Os espinhos feriam a sua carne tenra de criança. O seu macacão, tingia-se de rubro. Ele nada sentia. Colhia rosas e mais rosas. E nessa ância é despertado pela voz do guarda que grita :

— Então, é você que é o ladrão das rosas daqui ?

O Carlinhos, na sua ingenuidade de criança, perdeu a fala, sem saber o que responder. Chorava.

Mas, você, com esta idade, já roubando ? Vamos ao Distrito. Vou levá-lo ao Delegado pra êle dar um geito no ladrão das nossas roseiras.

— Não, seu guarda, eu não estava roubando!

— Mas você ainda diz que não estava roubando? Não quero conversa. Explique-se ao Delegado.

E lá se foi Carlinhos. Descalço. O macacãozinho roto pelos espinhos das roseiras e tinto de sangue.

* * *

— Eu não disse, seu Delegado, que o pegava? O ladrão das rosas? Veja só, deste tamanho e já roubando. É um fim de mundo, fim de mundo!!!

O Delegado mal acreditava no que via. A uma hora da madrugada, aquela criança magrinha na sua frente, descalça, sangrando, abraçado com muitas rosas.

— Mas... então você ainda diz que não estava roubando rosas? Mas você ainda nega, se foi pegado pelo guarda? Se você não estava roubando, pra que, então, você quer estas flores?

O Carlinhos, com voz chorosa, diz:

— É pra levar pra minha mãe.

— Sua mãe. E onde está sua mãe?

— Morta?

— Sim, senhor. Ela morreu.

Desconcertado, o Delegado tenta dizer mais algumas palavras, mas a sua voz se embarga na garganta. E a custo diz:

— Está bem, está bem. Deite naquele banco e amanhã iremos levar muitas rosas para sua mãe.

O dia clareava e o Carlinhos ainda dormia, abraçado com as rosas, já murchas, que colhera. Desperta!! disse o Delegado. Vamos comprar-lhe flores na Floricultura. Estas estão feias, estão murchas, joguemo-las fora.

Hesitando um pouco, o Carlinhos jogou-as deitando-lhas um olhar tristonho. Na Floricultura, o delegado, escolheu as mais lindas flores. E entregando-as ao Carlinhos, disse:

— Vamos levar pra sua mãe.

Ao chegarem no Cemitério, deixou o Delegado que Carlinhos fôsse depositar as rosas, ficando dêle afastado.

* * *

E, sôbre a cova da sua mãezinha, o Carlinhos espalha todas as rosas que o delegado lhe havia comprado. E, sobressaltado, num gesto furtivo, mete a mãozinha por dentro do macacão e, de quasi colado ao coração, retira uma rosa murcha. Tentando arrumar as pétalas desfeitas, leva-a à altura, na cova, do coração da mãe e exclama com emoção:

— Olhe mãezinha. Aquelas rosas são as que êle comprou. Esta daqui sou eu, sou eu quem te dou...

TRABALHA O LEGISLATIVO CATARINENSE

O Poder Legislativo Catarinense atravessa uma fase de intensa atividade, sob a direção da Mesa composta dos Deputados Braz Joaquim Alves, Presidente; Lenoir Vargas Ferreira, 1º Secretário e Heitor de Alencar Guimarães Filho, 2º Secretário.

Devido à convocação extraordinária, a presente legislatura (3ª) teve início a 28 de fevereiro de 1955, com o objetivo principal de discutir o Plano de Obras e Equipamentos, hoje transformado em lei.



Vem contribuindo decisivamente para o alto rendimento dos trabalhos e o perfeito entendimento entre as bancadas, situando-se em planos de destaque, com excelente margem de crédito em todos os polos políticos, o Presidente Braz Joaquim Alves, pela sua ponderação perspicácia e segurança na aplicação do Regimento Interno. Parlamentar com longa experiência, adquirida ininterruptamente desde a Constituinte de 1947, onde teve destacada atuação. É membro do Partido Trabalhista Brasileiro, de cujo diretório regional é vice-presidente, pertencendo também à Executiva Nacional. Filho do município de Brusque, tem nêsse reduto sua preponderante atividade, de sorte que seu prestígio cresce de ano a ano. O Presidente Braz Joaquim Alves vem introduzindo uma série de melhoramentos do legislativo catarinense, preocupado que está com sua modernização e eficiência.

Dentre as providências adotadas destaca-se a reforma de serviço de som, as instalações para os cronistas parlamentares, a instituição, por lei, da carteira de identidade legislativa e a renovação do mobiliário. Por sua iniciativa e deliberação, está em vias de conclusão um importante trabalho intitulado o "Histórico do Poder Legislativo", de que foi encarregado o historiador e sociólogo catarinense Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, ex-presidente da Assembléia Legislativa. O trabalho enfeixará os elementos da compisição do Legislativo Catarinense, a partir do Ato Adicional, em 1834, a relação nominal de todos quantos pertenceram ou pertencem ao legislativo, até 1956, com um apêndice de tôdas as Constituições Catarinenses.

COMPOSIÇÃO DA ASSEMBLÉIA CATARINENSE

Início da Sessão

A Assembléia Legislativa compõe-se de 39 deputados, assim distribuídos: Partido Social Democrático — 15, União Democrática Nacional — 14, Partido Trabalhista Brasileiro — 5, Partido de Representação Popular — 2, Partido Social Progressista — 2, e Partido Democrata Cristão — 1.

As sessões legislativas, após a eleição da Mesa, em 10 de abril de cada ano, começam a 15 do mesmo mês, com a leitura da Mensagem Anual, enviada pelo Governador do Estado.

Composição por bancada

Partido Social Democrático

Deputados: Alfredo Cherem, Antônio Gomes de Almeida, Epitácio Bittencourt, Heitor de Alencar Guimarães Filho, Ivo Silveira, João Estivalet Pires, José Bahia Spinola Bittencourt, Lecian Slovinski, Lenior Vargas Ferreira, Oscar Rodrigues da Nova, Osni Medeiros Regis, Orlando Bertoli, Pedro Kuss, Paulo Preis e Valério Teodoro Gomes.

União Democrática Nacional

Deputados: Afonso Ghizzo, em licença, substituído pelo deputado Paulo Fontes, Antenor Tavares, nomeado para o Tribunal de Contas, substituído por Tupi Barreto, Antônio Palma, Benedito T. Carvalho Junior, Clodorico Moreira, Francisco Canziani, Geraldo Mariano Gunther, João Caruso Mac Donald, José Waldomiro Silva, Laerte Ramos Vieira, Mário Olinger, Mário Orestes Bruza, Paulo Konder Bornhuasen e Ruy Hulse. Está convocado, em substituição ao deputado Mário Bruza, o sr. Romeu Sebastião Neves.

Partido Trabalhista Brasileiro

Deputados: Braz Joaquim Alves, Estanislau Romanowski, João Colodel, José de Miranda Ramos e Olice Pedra de Caldas.

Partido Social Progressista

Leopoldo Olavo Erig e Volney Colaço de Oliveira.

Partido de Representação Popular

Deputado Vicente João Schneider e Luiz de Souza.

Partido Democrata Cristão

Deputado Rubens Nazareno Neves.

Pontos de vista

Sobre o Presidente Braz Joaquim Alves, assim se pronunciaram os diversos líderes das bancadas que integram a Assembléia Legislativa:

(UDN) DEPUTADO LAERTE RAMOS VIEIRA — Sejam as minhas primeiras palavras, nesta sessão em que se encerra o 1.º ano da legislatura, dirigida à Presidência da Casa, na pessoa do deputado Braz Joaquim Alves, e aos demais componentes da Mesa, em uma saudação que a bancada da UDN os dirige, reconhecendo o esforço desenvolvido pela Mesa de nossa Assembléia, no sentido de agirmos em ideal comum, e que nosso trabalho fôsse proffeuo, resultando no progresso de nosso Estado, na felicidade de nossa Pátria.

(PSP) DEPUTADO ENORY TEIXEIRA PINTO pelo líder) — Falarei portanto de coração aberto, V. Excia. Sr. Presidente sempre se houve com uma retidão sem mácula. Eu ntesmo sou prova e dou testemunho disso. Estas as razões por que, Srs. Deputados ao saber da eleição da atual Mesa do Legislativo, fiquei satisfeito, pois que em V. Excia. foi escolhido um homem direito, um homem honesto. Como já vos disse, eu falo de coração e estou me dirigindo a um velho amigo, a quem dedico a mais pura e a mais alta admiração.

Por isto, nesta oportunidade de encerramento, eu felicito a Casa, pela escolha acertada, colocando-o à frente da Mesa que dirige os trabalhos dêste Legislativo.

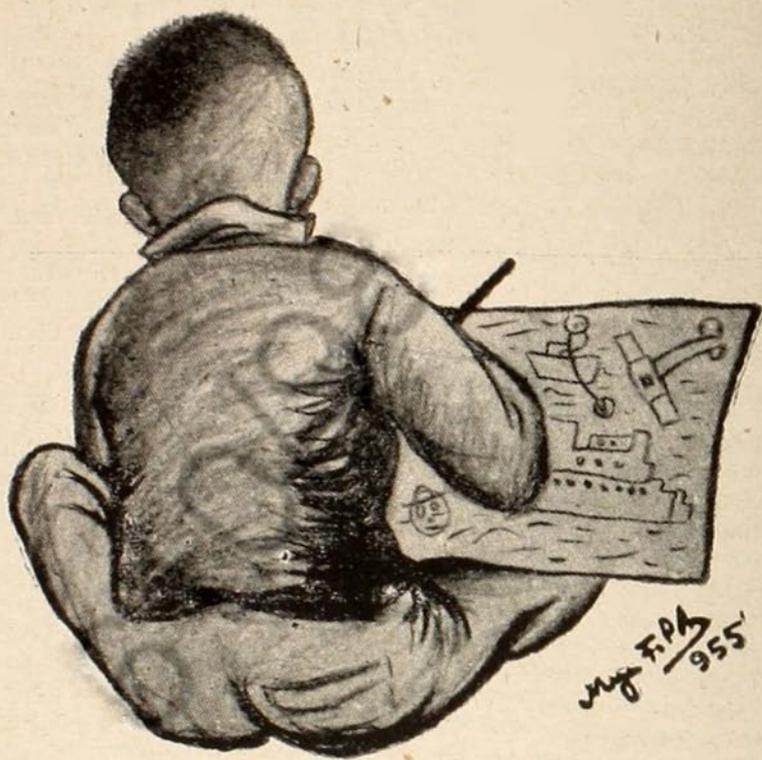
(PTB) DEPUTADO JOÃO COLODEL — É com satisfação que nós da bancada do PTB vimos encerrar-se o primeiro ano desta legislatura da forma como testemunho neste momento, com manifestações de apreço dirigidas por tôdas as bancadas desta Assembléa. Dirigimo-nos a V. Excia., Sr. Presidente e a tôda Mesa, com imensa satisfação.

(PDC) DEPUTADO RUBENS NAZARENO NEVES — V. Excia., ilustre Presidente, que procurou pautar seus atos da melhor forma possível, sem com isto, muitas vêzes, poder satisfazer a todos, o que, realmente, sempre reconhecemos. No entanto sabemos nós, deputados, que V. Excia. procurou agir de acôrdo côm os ditames da sua consciência e de acôrdo com as suas convicções íntimas.

(PSD) DEPUTADO OSNÍ REGIS — Nesta sessão de encerramento, não podíamos, nós da bancada do PSD, deixar de nos congratular com V. Excia., sr. Presidente e com os demais membros da Mesa, pela maneira digna, correta e leal com que presidiram as nossas sessões, com que presidiram — esta Casa, durante êste ano.

(PRP) DEPUTADO LUIZ DE SOUSA — Neste fim de período legislativo, entre as vozes dos Senhores Deputados, que hoje assomaram a esta tribuna, se qualificam e se manifestam na sua admiração e no respeito ao esforço, à dedicação e à diligência dos membros que dirigem o Poder Legislativo de Santa Catarina, destacando a pessoa do Presidente.

DEPUTADO OLICE CALDAS (vice-líder do PTB) — É, para mim, — motivo de mais agradável satisfação ao ver que V. Excia., no encerramento da presente sessão legislativa, está sendo elogiado por tôdas as bancadas que compõem esta egrégia Assembléa. Quanto a mim saído das massas operárias, das Assembléas, onde nem sempre fala a cultura e sim o coração, devo dizer que aprendi, durante esta sessão, com todos os ilustres representantes do povo, as mais belas lições de democracia, as mais belas lições intelectuais, que por certo modelarão, daqui por diante, esta humilde carreira política de um trabalhador que tem a honra de pertencer ao legislativo catarinense.



Paulo — desenho de Ernesto Meyer Filho

IV EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS FOLCLÓ- RICOS DO PROF. FRANKLIN CASCAES

Com a presença do Secretário de Educação e Cultura, Dr. Rubens Nazareno Neves, do representante do Sr. Governador do Estado, de jornalistas, artistas plásticos e demais pessoas interessadas, inaugurou-se dia 9 do corrente mês de fevereiro, às 15 horas, na Casa de Santa Catarina, gentilmente cedida pelo Desembargador Henrique da Silva Fontes, mais uma exposição de motivos folclóricos do Professor Franklin Cascaes.

Esta exposição do Prof. F. Cascaes, que é a IV a ser apresentada ao público de Florianópolis, foi organizada pela Associação Cívico Cultural Monteiro Lobato, que muito batalhou para o sucesso da mesma, devendo-se destacar o trabalho do Dr. Aluizio Callado que não mediu esforços para que a mostra fôsse uma realidade.

Fruto da paciência, fruto do esforço pessoal, fruto de um aprendizado do dia a dia, os trabalhos expostos bem demonstram a capacidade e a tenacidade do Prof. F. Cascaes. Percorrendo os nossos recantos, colhendo elementos da vida do povo, reproduzindo-os, o artista faz não só um trabalho de arte, de um duro e difícil artesanato, mas também um documentário de um determinado período da vida e das coisas de Santa Catarina. Modismos, costumes, coisas típicas, tudo ali está pacientemente reproduzido, retratado.

Tome-se por exemplo a "casa da família", com os seus grupos de gente, com as suas engenhocas, com o boi à roda, tudo tão típico e tão exato, tudo colhido da realidade, porém captado com sensibilidade e a ingenuidade.

Tome-se as cenas da pesca, reproduzidas exato da vida de nossos pescadores.

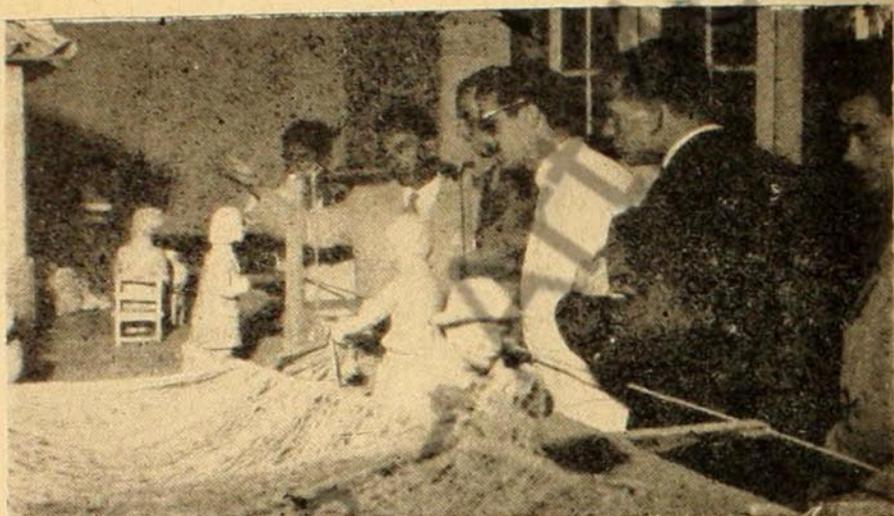
Tomem-se figuras isoladas, ou então a "casa colonial", ou então o "rancho de pescadores".

Tudo exato, preciso, feito com aquele carinho e aquele amor à arte tão verdadeiramente representativos do espírito de um artista.

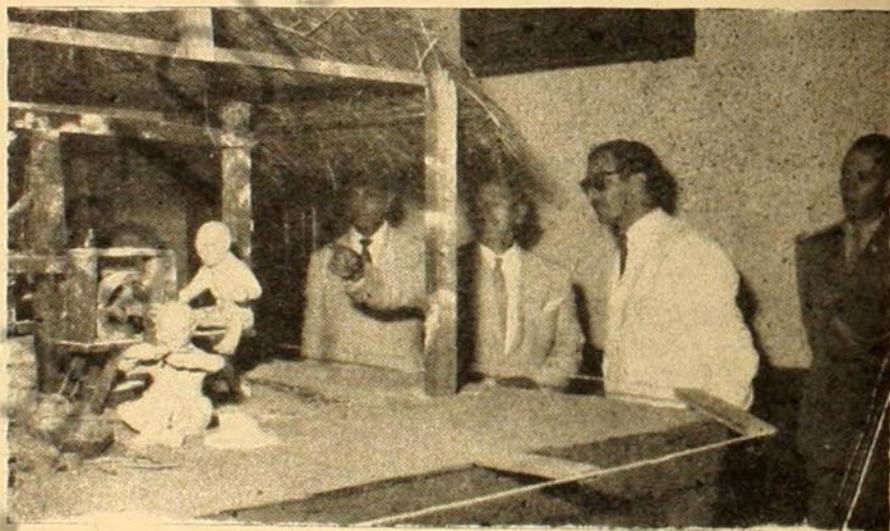
O Prof. Franklin Cascaes não procura o exótico, não se perde em estereis abstracionismos. Mas também não fica num academicismo inócuo e vazio. Procurando, numa arte pessoal, transmitir um determinado estágio da vida da terra catarinense, busca fazê-lo dentro de características próprias, onde um certo primitivismo, ingênuo e bom, é o tom dominante. As suas figuras, toscas, às vezes simplificadas, não estão isentas deste primitivismo que acima destacamos. Conhecendo instintivamente o seu material, trabalhando-o vai naturalmente esculpindo suas figuras e construindo seu mundo. Um certo esquematismo nas figuras talvez pudesse ser evitado, algumas deformações que não sabemos se intencionais. A este respeito é de interesse notar o que disseram dois de nossos bons desenhistas. Um procurando salientar que as deformações, como, por exemplo, em Portinari de certa fase, tinham um significado, um intenção estética e humana, até mesmo de sentido social. Outro retrucando que não, que representavam uma deficiência do artista.

Contudo, o que aqui cumpre primeiramente destacar, é a importância da exposição, num meio onde os cometimentos artísticos são tão raros. É preciso, é necessário, é imprescindível, o apóio aos artistas, aos que procuram realizar alguma coisa, especialmente se esta coisa é nossa, é uma arte que procura gravar, documentar, transmitir as nossas coisas, os nossos costumes e meios. Estimular, prestigiar as coisas da arte e da cultura, aproveitar as vocações, deve ser uma obrigação dos governos. É portanto para nós motivo de júbilo ver o interesse do atual secretário da Educação e Cultura para com as coisas culturais.

Patrocinando a exposição de motivos



O Prof. Franklin Cascaes mostra aos presentes um de seus trabalhos



O Prof. Cascaes, autor dos trabalhos, explica ao Secretário de Educação e Cultura Dr. Rubens Nazareno Neves, detalhes de uma das peças expostas. Veem-se ainda o representante do Sr. Governador do Estado e o jornalista Doralício Soares, da Comissão Catarinense de Folclore, e da Revista "SUL"

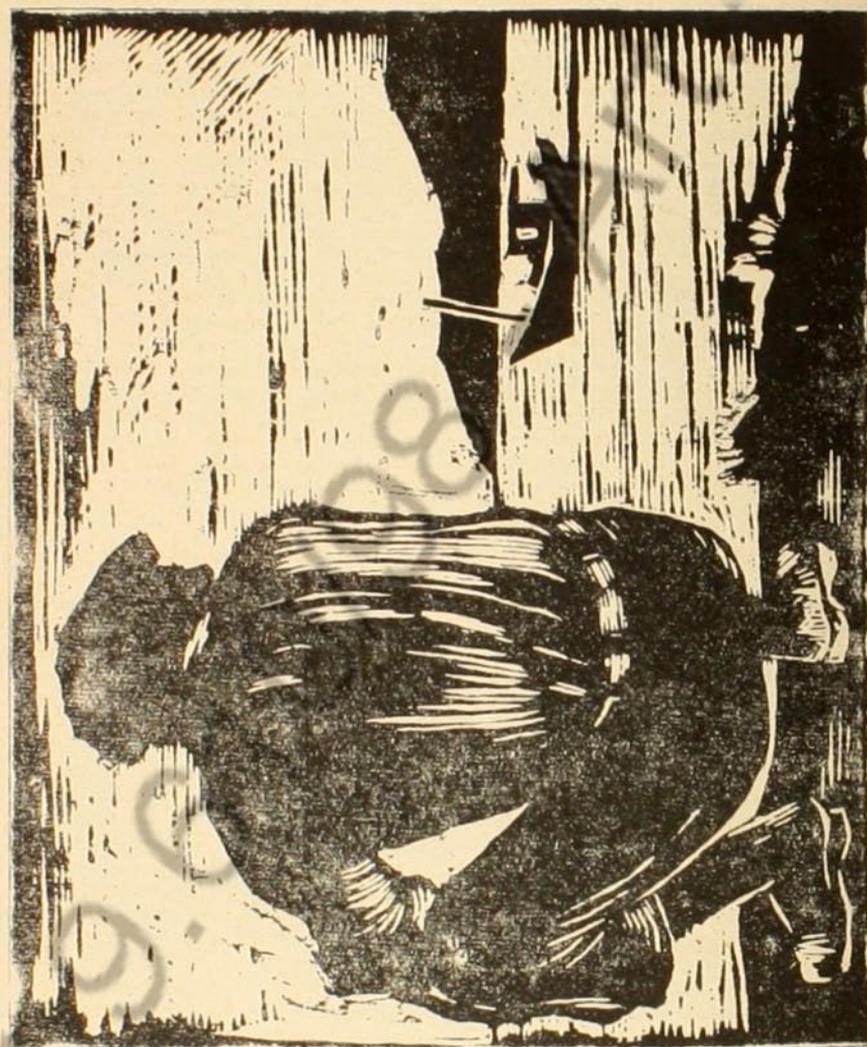
66

folclóricos do Prof. Franklin Cascaes, se por um lado não fez mais do que cumprir o que prometera, isto é, dar atenção às coisas de cultura, por outro lado mostrou na prática que não pretende ficar nas simples promessas, mas irá ao terreno das realizações.

bens pela mostra; à A. C. C. Monteiro Lobato, pela idéia da realização; e ao Dr. Rubens Nazareno Neves, secretário da Educação e Cultura; por haver possibilitado com o seu auxílio, a realização da mesma.

Ao Prof. F. Cascaes, os nossos parabéns

S. M.



Pescadores do Cajú — xilogravura de Hugo Mund Jr.

NOTAS & COMENTÁRIOS

MODIFICAÇÃO

Nossa revista, nos últimos números, tem se repetido, vem se tornando monótona, de interesse mais restrito. Sabemos serem inúmeros os fatores que para isto contribuem. Contudo, por mais que tentarmos vencê-lo, por mais que saibamos existirem as deficiências, as soluções ou não têm surgido ou os resultados não tem sido satisfatórios. Do próximo número em diante pensamos "dar uma virada", tornar a revista mais viva, mais atuante, com uma maior participação nos problemas gerais da cultura e não como

tem sido até agora, meramente literária. Talvez manter algumas reportagens, talvez mostrar mais o que somos, o que fazemos, talvez entrevistas com pessoas que tenham o que contar. Estamos ainda discutindo, tentando, tateando, pedindo sugestões aos amigos, aos leitores, aos colaboradores, aos representantes, a todos enfim. De qualquer maneira prometemos, sem fugir às nossas características específicas de revista eminentemente experimental, procurar atingir um público mais numeroso, a uma camada mais ampla da população. Para isto já neste número algumas tentativas são feitas.

NOTÍCIA DA CINE PRODUÇÕES

NILTON NASCIMENTO

Em nossa última visita a Porto Alegre, estivemos em contacto com o produtor cinematográfico Nilton Nascimento o qual nos relatou suas últimas atividades que resolvemos transformar numa pequena nota divulgatória.

De início assistimos com Nascimento uma série de jornais cinematográficos e alguns documentários de curta-metragem, todos num apreciável nível técnico e realizados com cuidado e senso artístico. Destacamos daqueles trabalhos um documentário sobre o balneário Olympia na cidade de Rio Grande, cujas belezas naturais possibilitaram ótimas seqüências, e ainda um pequeno filme de nove minutos, de caráter técnico e científico, sobre ótica.

Da palestra com Nascimento ficamos sabedores que o mesmo realizará, este ano, seu primeiro filme de longa-metragem. O argumento é baseado no conto de Simões Lopes Neto "O contrabandista". O roteiro já está pronto, faltando apenas os retoques finais e adaptação do diálogo para a linguagem regional dos gaúchos, trabalho esse que será feito por elementos do Centro de Tradições 35 de Porto Alegre. Pelo cenário que tivemos oportunidade de ler — fruto de dois meses de trabalho de E. M. Santos — concluímos que Nascimento apresentará ao público uma obra de fôlego, honesta e consciente. "O con-

trabandista", como tôdas as obras de Simões Lopes Neto, prende-se a tema gauchesco, girando, como o título indica, em torno dos contrabandistas na fronteira do Rio Grande do Sul em épocas passadas, propiciando assim ao realizador do filme, ensejo de apresentar fatos e coisas da história do Rio Grande, suas músicas e danças folclóricas, sem fugir de todo à narrativa vigorosa daquela obra clássica do conto brasileiro.

Quanto a equipe podemos adiantar que a produção e possível direção será do próprio Nilton Nascimento, estando — como já dissemos acima — o roteiro a cargo de E. M. Santos, cujo nome é sobejamente conhecido como um dos maiores estudiosos e críticos de cinema do Brasil. Os desenhos de produção estão sendo feitos por Luiz Celso Yarup, que também realiza os trabalhos de pesquisa no terreno folclórico, para reconstituição da época e detalhes regionalistas, junto ao Centro de Tradições 35 e nos próprios locais a ser rodado o filme.

Aguardaremos aqui, para muito breve, a oportunidade de podermos noticiar a data de início da rodagem da fita, que garantimos será nesse ano de 56, e desejamos sinceramente que Nascimento continue no setor do longa-metragem, sempre buscando temas e coisas nossas, colaborando assim para a definição das características de um cinema genuinamente brasileiro.

G.R.C.

"O SACRISTÃO"

Lycio Neves publica, aqui, no Recife, *O Sacristão*. A parte gráfica foi bem cuidada na Editora Guararapes e as ilustrações de Darcy Penteadó já marcam uma nota federal.

Mas de abarcar o mundo com os braços o autor não cuida. Conscientemente ou não, situa-se contra a orientação de eliminar o "individual" em poesia.

O poeta, se quiser atualizar-se, sacrifique os "seus" temas a favor dos coletivos. Escreva para e sobre o povo, recomendação contraditória em face da outra, da mesma procedência, de linguagem fechada.

Sendo um filho do povo, Lycio Neves reage com autoridade a esse dirigismo de política literária ou de literatura política.

Quase sem disfarce, o seu caderno é autobiográfico, a começar pelo nome. Na maioria das canções, usa o tratamento da primeira pessoa.

Todas trazem uma experiência pessoal. Lycio Neves não se deforma nem se esconde.

Essa fidelidade talvez venha a ser a coluna do seu êxito. Ele não tem vergonha de dizer, na "orelha" do volume, que foi ajudante de marceneiro, cambista e censor de colégio; ou que é guarda sanitário do Serviço Nacional de Peste de Garanhuns.

Esse currículo até favorece as composições, enriquecendo-as de pretextos humildes e do puro sentimento da vida comum.

Veja-se como esse poeta de bons convívios e leituras dosadas, dependendo do Correio, vence a ambiência com a intuição, repele os formalismos, maneja uma linguagem limpa e essencial.

Ele construiu no Agreste uma ilha de poesia, já agora de referência inevitável.

Mauro Mota

(Do "Diário de Pernambuco" de 27-7-1955).

"Contistas novos de Santa Catarina", um volumezinho simpático e despretençioso, enfeixa uma série de amostras de notáveis possibilidades literárias e artísticas de jovens sulinos do Estado de Sta. Catarina. Acautelem-se, nortistas, que o sul vem aí... E com que armas! Não carregam nem um tiquinho daquela indolência tropical, daquele lirismo desperdiçado sobre mundos de obcenidades mal represadas. Aparecem como que enrijecidos pelo frio das nevadas, de que aprenderam a dura lição da fábula de La Fontaine. Decididamente, não são essas cigarras que lançam o canto mórbido no eterno verão dos trópicos. O que há nelas é a fibra da formiga preparada pela Natureza para as lutas de inverno e verão. Isto lhes confere maior lucidez e segurança no terreno que exploram. Assim munidos, vão penetrando na floresta psicológica, não como cegos aventureiros, mas como bandeirantes precavidos e organizados.

Aceitam Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado e outros considerados mestres do impressionismo urbano; mas não estacionam nisto, não os contenta a horizontalidade. Lançam sondagens mais profundas, atingem o plano psicológico da tragédia e do drama.

O resultado são êsses magníficos recortes da vida, uma vida apresentada em seus múltiplos aspectos, na superfície e na profundidade, no colorido forte e nas suas vibrações mais secretas. Veja-se a lentidão dolorosa com que se desenrola uma tragédia íntima no conto "O rosto" de A. Boos Jr. E o melancólico lirismo de "Flores" de Anibal Nunes Pires, que descobre no mistério das flores o veículo para uma narrativa singela. E esse "Domino" de Carlos Adauto Vieira, como corta incisiva e profundamente a vida, embora não lhe seja concedido mais que o tempo de um relâmpago! Estamos agora diante do drama de Procópio ("Cerração", de Guido Wilmar Sassi), esse pobre Procópio carregador de madeira, sobre o qual a madeira tanto pesara em vida e continuava a pesar sobre o seu cadáver, "pesando sempre, pesando, pesando".

Mergulhamos em seguida com O. F. Melo (filho) na análise melancólica de uma

alma de artista ("Dó Sustenido"), tentativa feliz de uma técnica narrativa em dois planos, promissora de êxitos seguros, se desenvolvida com o apuro necessário. Agora é Salim Miguel quem nos envolve, e para isso escolhe uma atmosfera de luta encarniçada. Seu conto "Rinha" é uma estupenda exposição de uma briga de galos, a que não faltam sarcasmo, humorismo e penetração psicológica, vibrando tudo isso num ambiente de intenso colorido local. Por detrás desta minuciosa contenda de irracionais, entrevê-se o padrão de todas as contendas estereis, em que os adversários se aniquilam sem outro resultado que não seja o gozo sádico dos torcedores. Em "Rede", romance que nos promete para breve, Salim Miguel confirma as possibilidades evidenciadas neste conto.

Brilham ainda na magnífica seleção editada pela revista "Sul" os contistas Hugo Mund Jr., José Tito Silva, Marcos de Farias, Osvaldo de Oliveira, Silveira da Penha.

O remate ("Jeremias", de Silveira de Sousa) é como um grito que aponta diretrizes livres aos contistas que o precedem. Trata-se de um conto estranho, calcado numa agudeza singular. É evidente que o A., na ânsia de criar uma nova forma de conto, meteu-se na pele de seu personagem contista, conduzindo-o à realização da tarefa com brilho invulgar.

Na introdução que escreveu para o volume, Nereu Corrêa traça um quadro expressivo do movimento modernista, situando êsses jovens sultinos num plano intermediário, aquele em que se colocam os que retrocedem da fase dos disparates, sem contudo desertarem das fileiras do movimento iniciado. Está visto que esta posição "do meio" é a mais fecunda em todos os movimentos de renovação.

Esperamos que desta situação ideal em que se postam os contistas da terra dos "barrigas-verdes" surjam concepções maiores, capazes de concretizar as promessas anunciadas com tanto vigor e segurança.

Cecílio J. Carneiro

("A Gazeta" — São Paulo — 25-8-1955).

"Tempo Presente" — Centro Bibliográfico

Raras são as iniciativas do nosso marasmado meio intelectual. Noutra altura daremos um plano da atividade editorial portuguesa dos últimos anos — o poderemos constatar como de fato ela tem sido pobre, a despeito de muito sacrifício e abnegação, por parte de alguns mais conscienciosos — que não enfeudam sua passividade na falta geral de interesse, mas antes procuram contribuir, com seu esforço, para que a situação se modifique em melhor caminho.

De entre estes últimos, podemos desde já destacar o Centro Bibliográfico — que sob a epígrafe Tempo Presente, está editando uma magnífica coleção, cujos autores e títulos são a melhor garantia de êxito.

Nº 1 — Olhos de Água — Alves Redol (tão conhecido já do público brasileiro) — É uma coletânea admirável de histórias sobre uma aldeia ribatejana — onde o autor atingiu um estilo brilhante e preciso, em uma obra plena de observação, por vezes contundente, e de um sentido humano profundíssimo.

Nº 2 — Malta Brava de Alexandre Cabral. Um romance sobre a vida e os problemas de um internato, de que "Sul" publicou um capítulo no seu nº. 23. O belo contista de "O Sol nascerá um dia", afirma-se definitivamente com o volume 2º, desta coleção.

Nº 3 — Um resto de Esperança — de Rogério de Freitas.

Após "A Porta fechada" o autor dá-nos uma série de belos fragmentos da vida de Lisboa — observados com a objetividade e a firmeza que o caracterizam.

Dos volumes a publicar, anunciam-se: "As sementes do ódio" de Manuel da Fonseca e "Quatro Reis" de Mário Braga, editor da magnífica revista literária Vértice.

Marcará uma época, esta coleção do "Tempo Presente".

Luis Eugénio Ferreira

Santarém, Portugal.

**UM GRANDE SERVIÇO PRESTADO A
CULTURA LUSO-BRASILEIRA**

**"HISTÓRIA DA LITERATURA
PORTUGUESA" (*)**

de Antônio José Saraiva e Oscar Lopes

Servidos por uma formação humanística sólidamente estruturada, os Professores Antônio José Saraiva e Oscar Lopes são hoje, em Portugal, os mais qualificados representantes da historiografia moderna no âmbito da investigação literária. Fecundadas por um labor perseverante e da maior probidade, as suas múltiplas obras antológicas, ensaísticas, de crítica literária e de pesquisa histórica têm aberto extraordinárias perspectivas à assimilação e compreensão da cultura portuguesa, desde os seus remotos alicerces até às correntes modernas. (Atente-se, por exemplo, nesse amplo e notável trabalho que é a "História da Cultura em Portugal", do primeiro dos citados autores, ainda em publicação em fascículos):

A presente "HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA", nas suas densas ottocentas e tantas páginas, de leitura tão apaixonante como a dos melhores livros de ficção (apesar de instrumento de estudo e de consulta), é uma dessas singulares obras que, derrubando concepções anacrônicas e propósitos mistificadores, contribuem para formar uma consciência nova em relação aos problemas da cultura nacional portuguesa. Isto a despeito de certas deficiências de pormenor (em parte inevitáveis em trabalhos de tal fôlego) e de vários pontos susceptíveis de controvérsia — cuja análise crítica não cabe, nem nos limites desta simples nota informativa, nem na competência de quem a subscreve.

Quase sem precedentes como trabalho de síntese, assente em métodos interpretativos de cepta racionalista, o que fundamentalmente distingue esta obra dos compêndios vulgares é a sua objetividade científica; é a inteligível relação do fenómeno literário com os factores histórico-sociais em que dialécticamente se enquadra, a um tempo como reflexo e como elemento atuante; é a abundância e qualidade das fontes em que se apoia, a variedade e riqueza dos materiais car-

reados com que foram elaboradas as introduções históricas, as resenhas bibliográficas, etc.; é, finalmente, o rigor da ordenação, o esforço de organização que revela.

Em lugar de rotineira e ininteligível enunciação de nomes, fatos e cronologias, vamos encontrar cada período ou corrente literária estudada em lógica conexão com as condições históricas gerais, nas quais se integra, como fator dinâmico de progresso, o conflito, a inter-acção das ideologias.

Este esforço de concatenação histórica, longe de deixar na sombra as figuras individuais dos grandes escritores da "Occidental para Lusitana", contribui, pelo contrário, para projetar sobre elas uma nova clareza. E é assim que, de maneira geral, nos aparecem em toda a sua profundidade psicológica os grandes criadores da literatura portuguesa, de Fernão Lopes a Gil Vicente, de Camões a Garrett, de Eça de Queiroz a Fernando Pessoa.

Termina o volume por uma breve, incompleta mas tão objetiva quanto possível análise dos rumos da literatura lusa contemporânea.

(*) — Pôrto, 1954; Distribuidores: Pôrto Editora, Ltda. e Empresa Literária Fluminense, Ltda.
Preço: 80,00 Escs.

Henrique do Amaral.

DECISÃO ACERTADA

Vem o governo federal de fomentar a indústria do turismo no Brasil, com a extraordinária decisão de dispensar o visto-consular a hóspedes de vinte e uma nações americanas.

A indústria turística universal que por suas características é e deve ser a mais bem organizada, acolheu tal cometimento com desusado aprêço, mercê das grandes vantagens que essa atitude vem trazer nos organismos promotores do turismo.

A pessoa que ordinariamente denominamos turista, quando se balanceia a deixar seu país de origem, em demanda a outro que oferece todas as atrações que ele deseja para seu regalo, não quer saber de encontrar barreira nenhuma que lhe tire o prazer de sentir-se liberto, e que

lembre suas atribuições diárias no meio em que vive.

A primeira preocupação de um país que oferece atrativos para o turista é, obviamente, fazer com que o forasteiro se sinta de "pijamas e chinelos" em terra estranha, onde vai encontrar costumes e línguas diferentes. A barreira elementar, o chatíssimo visto consular, deve ser suprimido. No nosso país, com essa recente determinação, se ombréia aos países mais adiantados em matéria de turismo, indústria tão importante que em nações como o Uruguai, Suíça, França e Itália, constitui uma das principais fontes de renda.

No Brasil costumam-se fazer as coisas pelo fim. O turismo não devia fugir à regra. Felizmente, graças aos ingentes esforços de elementos de mentalidade arejada, reunidos em torno de Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio, foi possível conseguir-se essa notável vitória, fazendo com que, nesse setor, os bois fossem atrelados ao carro.

Esta notícia auspiciosa já foi captada pela família turística mundial, filiadas à Associação Internacional dos Agentes de Viagens.

Esse organismo, que ocupa na indústria a questão uma posição privilegiada, hajam vistas suas realizações e facilidades em favor da penetração e disseminação do turismo em todo o globo — está com as vistas voltadas para o nosso país, principalmente agora que vêm de receber do governo convite para o grande conclave turístico a realizar-se na capital federal, em 1959, que promoverá o encontro de um total superior a dois mil técnicos em turismo, agrupados ao redor da ASTA.

Um "expert" na matéria, Domingos A. C. Brandão, responsável pela secção de turismo do "Diário Carioca, em editorial inserto na edição de 25 do corrente, daquele prestigioso diário, tece em torno da recente decisão de nosso governo as mais elogiosas considerações, ressaltando os grandes resultados que ela pode trazer para o país, agora já caminhando desembaraçadamente no sentido de promover facilidades para a vinda de estrangeiros que nos visitarão e deixarão, no conjunto, um capital que devemos ter o máximo interesse em aumentá-lo, pois se assemelhará a injeções de óleo canforado para o nosso tesouro já combalido.

E Santa Catarina, com os variados atrativos que pode oferecer ao turismo, não poderá ficar de braços cruzados diante do futuro da indústria turística que se esboça, tendo por dever tomar parte não só nessa assembléa que se realizará daqui há três anos, mas lançar bases para a exploração doméstica, pelo menos, desse empreendimento, como vem realizando, nesse sentido, o já conhecido planejamento da Transportes Aéreos Catarinense que visa, principalmente, tornar conhecida nossa bela e infelizmente ainda desconhecida Florianópolis.

Ilmar Cavalho.

NOTÍCIAS SOBRE A VIDA CULTURAL EM CHECOSLOVÁQUIA

Na "Biblioteca dos Clássicos", publicada pela Casa Editorial das Belas Artes, em Praga, editam-se as Obras escolhidas dos melhores representantes da literatura clássica. A literatura clássica francesa está representada por Molière, Stendhal, Balzac, Hugo, Zola, Maupassant, France, Rolland, a literatura portuguesa por Eça de Queiroz, a espanhola por M. de Cervantes. Da literatura alemã editam-se as Obras escolhidas de Goethe, H. Mann, H. Heine, G. Keller, da inglesa as de Shakespeare, Fielding, Thackeray, Dickens, da dos E. U. A. as obras de Twain e Dreiser. Além disso, nesta Biblioteca estão representados os melhores autores clássicos russos, polacos, dinamarqueses, tchecos, húngaros e chineses. Nesta "Biblioteca clássica" foi publicada também a tradução tcheca de "Os Escravos" de Castro Alves. Por término médio, a tiragem de cada obra supera 5000 exemplares.

Na cidade de Berno foi inaugurada a exposição das Artes plásticas mexicanas. Na inauguração desta exposição, que tem lugar na Casa das Artes, tomaram parte os representantes do "Taller de Gráfica Popular", o ministro plenipotenciário de México em Tchecoslováquia, representantes da vida cultural tcheca, etc. Durante o ato foi lido também um telegrama enviado pelo pintor mexicano Diego Rivera.

Em Praga tem lugar nestes dias a exposição da gráfica e do desenho franceses dos séculos XIX e XX e uma exposição do pintor francês T. A. Steinlen.

Um dos mais importantes diários de Praga publicou no mês de Dezembro de 1955 a tradução tcheca feita por K. Bednár e Z. Hampejs, do poema "Barcarola" de Afonso Schmidt.

O "Teatro Popular do Brasil" teve muito êxito em Praga, no mês de Agosto de 1955. As críticas da imprensa tcheca escreviam com entusiasmo sobre as representações que o conjunto dava em Praga e em outras cidades do país.

Jan Drda, que visitou o Chile e o Brasil no verão de 1954, chefiando uma delegação cultural para a celebração do aniversário de Pablo Neruda, publicou no fim de 1955 um livro de reportagens sobre a sua viagem: "A terra cálida". A segunda parte deste livro, completado com muitas fotografias, está dedicado ao Brasil. Um membro desta delegação, o poeta eslovaco Ján Kos-tra, descreveu as suas impressões

desta viagem no poema "Rio de Janeiro", publicado recentemente.

O novo livro dos expedicionistas Hanzelka e Zikmund, que deve sair em Abril de 1956, será dedicado aos países latinoamericanos, percorridos por estes dois engenheiros tchecos nos últimos anos. Em alguns capítulos os autores falarão sobre o Brasil.

No decênio de 1945-1955 foram publicadas em Praga várias obras dos escritores latinoamericanos traduzidas ao tcheco, p. ex., 12 obras de Jorge Amado, 5 livros de Pablo Neruda, poemas de Nicolás Guillén, "Os Escravos" de Castro Alves, 3 romances de Enrique Amorim, romances de A. Gravina, A. Varela, R. C. Daudet, J. Icaza, E. Gil Gilbert, R. Lomby, A. Rodriguez, J. Mancisidor, V. Teitelboim, C. L. Fallas, J. Roumain, J. E. Rivera, poesias de R. Araújo, J. Medauar, A. Dias de Moraes, A. Schmidt, J. Cunha, C. Augusto León, José Marti, etc..

Dr. Zdenek Hampejs

DE PARABENS SANTA CATARINA: A SWISSAIR AGORA REPRESENTADA PELA TAC — ORGANIZAÇÃO — PATRIMÔNIO — IDONEIDADE — EUROPA, ORIENTE, EE. UU., BRASIL

Francamente, para Santa Catarina, o fato dos entendimentos entre a TAC — Transportes Aéreos Catarinenses e Swissair — Sociedade Anônima — de Navegação Aérea, no sentido da representação desta última pela primeira, constitui para a gente barriga-verde um evento de transcendental importância.

O espírito realizador de Luiz Fiuza Lima, dirigente da TAC não sente socêgo ao alcançar uma escala. Ele sabe perfeitamente que um sem número de empreendimentos que visam o progresso do Estado não devem sofrer solução de continuidade no campo dos cometimentos privados.

Desta forma, nossa afamada e única empresa aérea catarinense vindo de ultimar negócios que culminaram com a representação da mundialmente renomada organização aérea comercial Swissair, vem prestar inestimável serviço no campo da navegação aérea para o exterior, considerando-se a extensão das linhas cobertas por essa empresa.

— HISTORIA E REALIZAÇÃO —

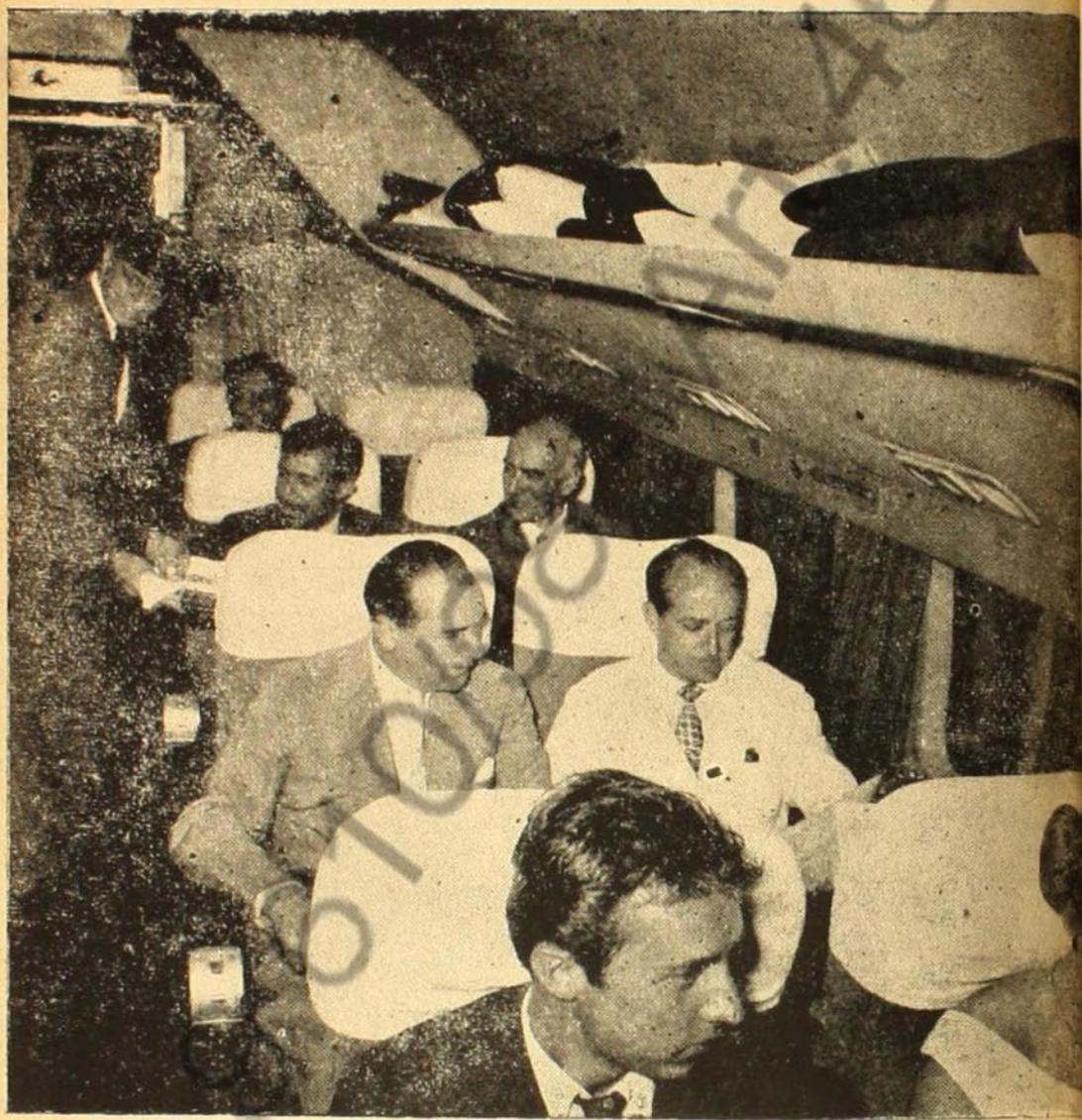
Procurando Luiz Fiuza Lima a-fim-de nos prestar esclarecimentos mais pormenorizados a respeito da organização aérea suíça, o entrevistado, com a gentileza que o caracteriza, foi logo facilitando nosso serviço: — A Swissair, agora representada em Santa Catarina pela TAC, como vocês já sabem, resultou da fusão, em 1931, de duas companhias helvéticas que operavam no tráfego aéreo postal — a "Ad Astra Aero" e "Balair", penetrando, ainda, em diversas cidades da França e Alemanha.

Dirigida por Walter Mittelholzer e Balz Zimmermann, ambos antigos diretores das duas firmas acima citadas, foram os responsáveis pela ampliação do tráfego aéreo comercial na Suíça. Por ocasião da recente hecatombe mundial, a Swissair paralizou suas atividades pelo período de seis anos, aproximadamente, reiniciando-as em julho de 1954.

A esta altura — continuou Luiz Fiuza Lima — a aviação se desenvolveu de tal forma, que a companhia ora por nós representada teve que remodelar completamente sua frota, afim de competir em pé de igualdade com suas congêneres, possibilitando-lhe a explorar as linhas européias e roteiros inter-continentais. Aliás, é auspicioso mencionar que em 1946 a Swissair transportou 62.378 passageiros, em 1954 544.838 pessoas, até setembro do ano em curso as estatísticas acusavam um total de 502.337 passageiros transportados, do que se pode facilmente verificar o considerável aumento de pessoas que procuram a Swissair, elegendo-a como seu meio ideal de locomoção.

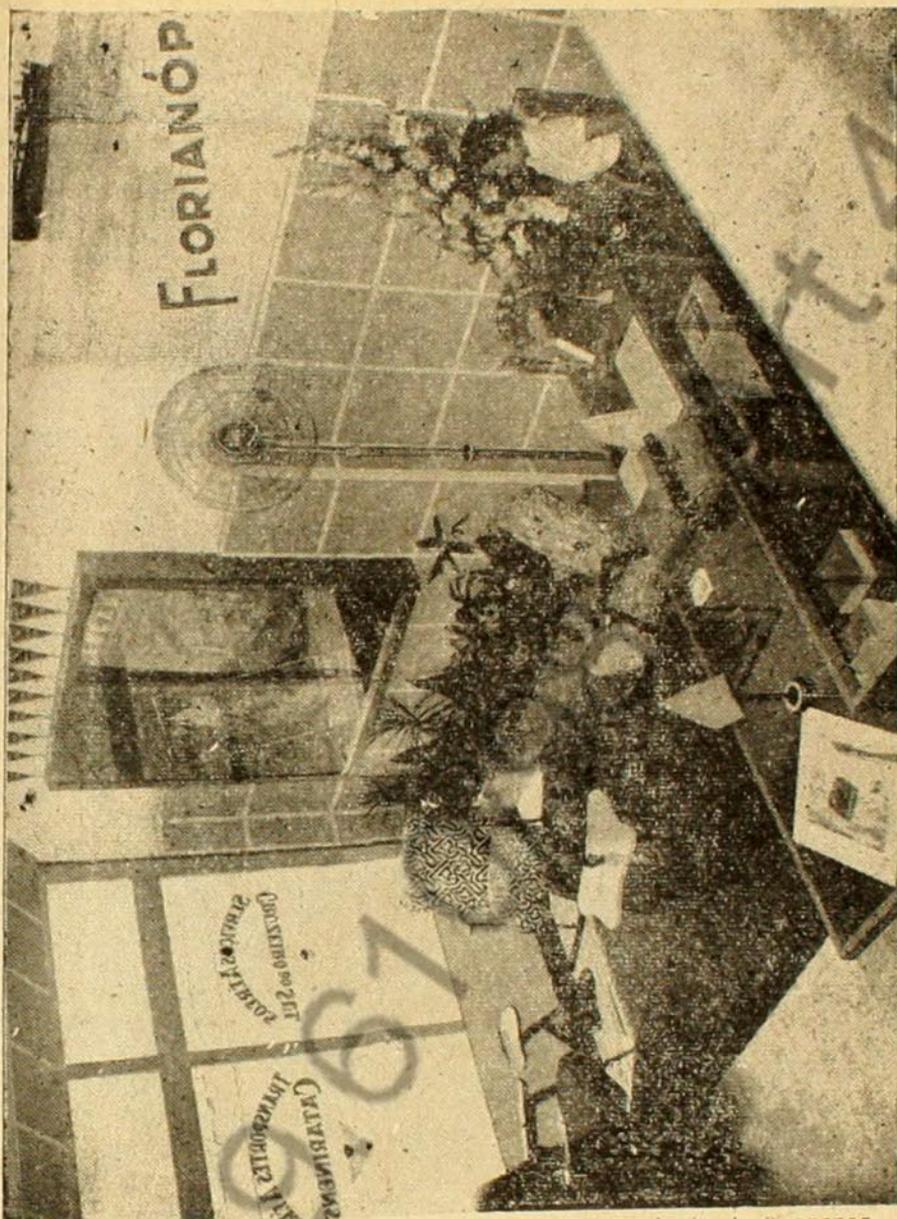
— ROTEIROS AÉREOS E PATRIMÔNIO —

Atualmente — externou o entrevistado — a Swissair mantém, com a precisão cronológica dos famosos relógios da Federação Helvética — linhas regulares para todas as capitais e centros importantes da Europa Ocidental, — além da Tchecoslováquia, Oriente Próximo, Estados Unidos da América do Norte e Brasil. Deve-se ressaltar, nesta oportunidade, que o patrimônio dessa reputada organização aérea suíça até o ini-



**A TAC PRESENTE AO VÔO INAUGURAL DO DC-6B DA SWISSAIR
EM S. PAULO**

No interior do avião vemos, entre outras personalidades, o cônsul suíço M. Morandi, cônsul geral da Suíça, sr. Luiz Fiuza Lima, diretor superintendente da Transportes Aéreos Catarinense, sr. Fernando F. Ferraz, gerente da Swissair em São Paulo, e comte. Auriphebo Berrance Simões, do Dptº. de Relações Públicas dos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul.



O clichê mostra a sala de estar e balcão da nova agência da Transportes Aéreos Catarinenses — TAC — em Santos, localizada à rua São Leopoldo, n. 29, na praça dos Andradas, telefone 24-404, edifício Rubiácea. Ponto Central, já conquistou a preferência de uma apreciável clientela, pois construídas as dependências dentro dos mais modernos requisitos de decoração, a agência da TAC dispõe de pessoal dedicado e que atende com solicitude, constituindo uma cabeça-de-ponte barriga-verde plantada no generoso solo paulista. A inauguração verificou-se a 6 do corrente, contando com a presença do sr. Luiz Fluzza Lima, diretor superintendente dessa empresa aérea, sr. Herbert Wright, titular de Houlder Brothers em Santos, e elementos da imprensa e rádio daquele importante porto

cio do presente exercício, era constituído por 6 unidades Douglas DC-6B, 7 Convair 240, 3 Douglas DC-4, 8 Douglas DC-3 e 1 Dakota para transporte de cargas. No ano vindouro serão agregados à ponderável frota de nossa representada 4 aviões Douglas DC-7C e 8 Convair Metropolitan, sendo desnecessário frisar que todas essas aeronaves estão equipadas com todos os requisitos exigidos pela moderna aviação aérea comercial. Dispõe, ainda, a Swissair, de pessoal competente e especialmente treinado para o ramo a que vem se dedicando com êxito, somando a 3.200 o número de seus funcionários. A Administração atual é presidida pelo dr. Rudolf V. Heberlain, sendo presidente da direção o dr. Walter Berchtold.

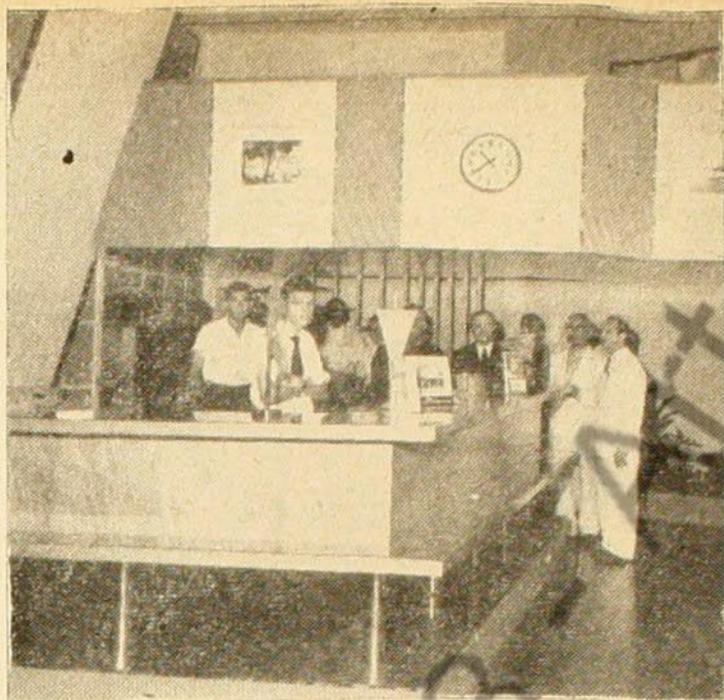
Com mais esta esplêndida representação da TAC, está Santa Catarina de parabens, pois nosso Estado dispõe, em todas as agências de nossa companhia, de pessoal devidamente orientado para atender todos os interessados na preferência do inigualável e perfeito serviço oferecido pela Swissair, que, como é sabido, dispõe de uma organização esmerada, tratamento insuperável e linhas que permitem acesso rápido a todas as capitais da Europa Ocidental, Tchecoslováquia, Oriente Próximo, América do Norte e Brasil.

Para nós, catarinenses, — finalizou Luiz Fiuza Lima — trata-se de uma necessidade dispormos dessas linhas, atendendo-se aos múltiplos interesses que despertem em Santa Catarina para conhecer centros distantes e importantes, quer pelo imperativo de nosso comércio, ou pelo desejo de vilegiaturar em terras distantes, onde há tantas belezas e progresso a serem apreciados.

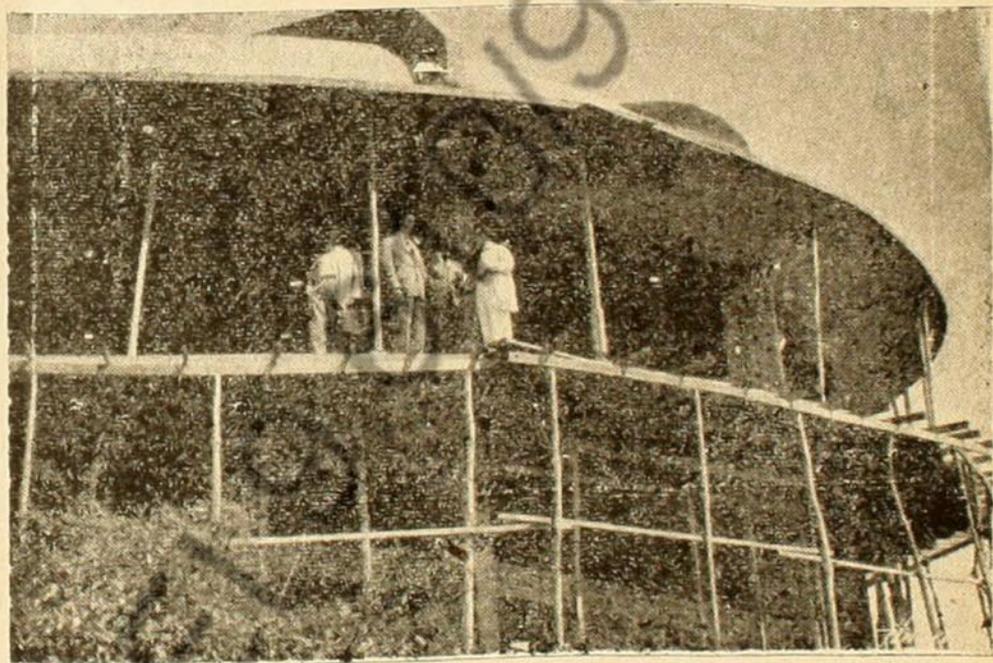
É gerente da Swissair para a América do Sul o sr. Fernando F. Ferraz que dos escritórios de São Paulo, à rua Barão de Itapetininga, 242, — (fone 37-4425) dirige com eficiência os destinos dessa organização em nosso continente.



O sr. Luiz Fiuza Lima quando era entrevistado pela imprensa paulista, no moderno escritório da TAC-Cruzeiro do Sul, em Santos



Outro aspecto da inauguração da Agência da TAC em Santos.



Aspecto do "CLUBE DO PENHASCO" (em construção). Projeto do Arquiteto Walmy Bitencourt. É esta mais uma realização que se enquadra dentro do plano de turismo da TAC. Vêm-se uma das fachadas da obra quando da visita do Arq. Walmy Bitencourt e do Sr. Luiz Fluzza Lima, diretor da TAC.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS : —

Revistas

Hoje — A Notícia Comentada — Ano II — n.ºs 70 a 93 — julho a dezembro de 55 — Rua dos Andradas, 691. — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Império — Revista Mensal Ilustrada — Ano IV — n.ºs 47 a 52 — março a agosto de 55 — Caixa Postal, 356 — Lourenço Marques — Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Jornal de Combate — Ano XI — n.ºs 420 a 517 — julho a dezembro de 55 — Rua Nilo Peçanha, 51 — Barra Mansa — Estado do Rio.

Programas das atividades artísticas da Dirección de Cultura da Municipalidad de Avellaneda — French, 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.

Democracia — Periódico quinzenal Político, Noticioso, Social — Ano IX — n.ºs 201 a 207 — Av. Belgrano, 155 — Saladillo — Buenos Aires — Argentina.

Universidad de Antioquia — Tomo XXXI — n.ºs 120 e 121 — janeiro a maio de 55 — Apartado, 217 — Medellín — Colombia.

Boletín de Música y Artes Visuales — n.ºs 59 a 66 — janeiro a agosto de 55 — Departamento de Asuntos Culturais — União PanamERICANA — Washington 6 D. C. — U. S. A.

Polonia de Hoje — Boletim Mensal do Bureau de Informações Polonesas — Ano IX — n.ºs 5 a 11 — maio a novembro de 55 — Rua Eduardo Guinle, 48 — Rio.

Revue de la Politique Internationale — Ano VI — n.ºs 125 a 133 — junho a novembro de 55 — Terazije 31, P. fah 225 — Belgrado — Iugoslavia.

C. I. C. — Colaboração e Ilustração dos colegas do Banco do Brasil — Ano II — n.ºs 13, 14 e 16 — julho, agosto e outubro de 55 — Av. 13 de maio, 23 — Rio.

Programas do Cine-Clube de Porto — Clube Português de Cinematografia — n.ºs 196 a 201 e n.º 47

(infantil) — junho a outubro de 55 — Praça Sidónio Pais, 267 — Porto — Portugal.

Actualidades — uma ilustração de Moçambique — Ano II — 2ª série — n.ºs 17 a 20 — junho a setembro de 55 — Caixa Postal, 1535 — Lourenço Marques — Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Itinerário — Arte e Divulgação — Ano XV — n.ºs 146, 147 e 149 — maio, junho e set.-out. de 55 — Caixa Postal, 301 — Lourenço Marques — Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Letras Fluminenses — Literatura e Arte — Ano VI — n.ºs 12 e 13 — janeiro a agosto de 55 — Rua Prof. Miguel Couto, 348 — ap. 201 — Niterói — Estado do Rio.

O Monitor — Órgão de Orientação da Ação Católica Diocesana — Ano XXII — n.º 22 — junho de 55 — Garanhuns — Pernambuco.

La Production Cinématographique Française — Unifrance Film — Vol. 3 — n.ºs 9 e 10 — janeiro a junho de 55 — 77, Champs Elysées — Paris — França.

Boletín de Prensa — Publicado por el Servicio de Información del Secretariado del Consejo Mundial de la Paz — n.º 88 — julho de 55 — Mollwaldplatz 5 — Wien IV — Austria.

O Momento — Semanário Independente — Ano I — n.ºs 24, 27 e 28 — agosto e setembro de 55 — Av. Getúlio Vargas, s/n — Canoas — Rio Grande do Sul.

Kriterion — Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais — Vol. VIII — n.º 31-32 — jan. a junho de 55 — Caixa Postal, 253 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

O Cooperador — Periódico de Difusão Cultural e Cooperativista — Ano VI — n.º 5 a 7 — maio a julho de 55 — Av. Presidente Vargas, 149 — 8º — s/12 — Rio.

Elo — Revista de Novos — Ano VI — 2ª série — n.ºs 53 a 56 — junho a outubro de 55 — Caixa Postal, 454 — Lourenço Marques —

Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Agora — Cuadernos de Poesia — n.ºs 38 a 43 — maio a outubro de 55 — Av. José António, 31 — Madrid — Espanha.

5 Continentes — Revista de Assuntos Gerais — Ano IV — n.ºs 14 e 15 — abril a est. de 55 — Joaquim Meier, 807 — Rio D. F.

O Reflexo — Revista Mensal — Ano VII — n.ºs 33 a 35 — junho a set. de 55 — Rua Ribeiro de Lima, 592 — 1.º — São Paulo.

Journal de Letras — Ano VII — n.ºs 74 a 78 — agosto a dezembro de 55 — Av. Erasmo Braga, 255 — 10.º — s/1004 — Rio — D. F.

Boletín de la Biblioteca Pública — Ano II n.º 4 — agosto de 55 — Municipalidad de Avellaneda — Dirección de Cultura — French, 70 — Avell. — Buenos Aires — Argentina.

Revista D'Aquén e D'Além Mar — Mensário dos Portugueses de todo o Mundo — Ano VI — n.ºs 59 a 63 — maio a set. de 55 — R. Pereira e Souza, 61 — 2.º Esp. — Lisboa — Portugal.

Horizonte 22 — Ano I — n.º 3 — jul. e agos. de 55 — Av. Alberto Torres, 161 — Campos — Estado do Rio.

Euterpe — Arte, Música, Poesia, Literatura — Ano VII — n.ºs 20 e 21 — maio a ago. de 55 — Mitre, 128 — San Martín — Buenos Aires — Argentina.

Visor — Revista Portuguesa de Cinematografia — Ano III n.º 24 — junho de 55 — Rua David Manoel da Fonseca, 88 — Rio Maior — Portugal.

Panorama — Revista Interamericana de Cultura — Vols. III e IV — n.ºs 12 a 14 — 1954 e 1955 — União Panamericana — Washington 6, D. C. — U. S. A.

Vértice — Revista de Cultura e Arte — Vol. XV — n.º 142 — julho de 55 — Rua das Fungas, 46 — 2.º D.º — Coimbra — Portugal.

Brasília do Sul — O jornal literário do Paraná — Anos 2 e 3 — n.ºs 17 a 20 — junho a outubro de 55 — Rua Augusto Steinfeld, 5583 — Curitiba — Paraná.

Fundamentos — Revista de Cultura Moderna — Ano VII — n.º 37 — jul. — ago. de 55 — Largo do Arouche, 49 — 2.º — s/21 — São Paulo.

Tchecoslováquia — Boletim da Legação da Tchecoslováquia — n.ºs 7 a 10 — julho a outubro de 55 — Rua Visconde de Albuquerque, 237 — Rio.

The Hudson Review — Vol VIII — n.ºs 2 e 3 — Summer e Autumn de 55 — 439, West Street — New York 14 — N. Y. — U. S. A.

Informações Agro-Pecuárias — Secretaria da Agricultura do Estado de Santa Catarina — Ano I — n.ºs 1 a 3 — set. a nov. de 55 — Caixa Postal, 452 — Florianópolis — Santa Catarina.

Vida Excursionista — Orgão Mensal do Clube Excursionista "Arnoldo Raulino" — Ano I — n.ºs 2 a 4 — out. a dez. de 55 — Caixa Postal, 504 — Florianópolis — Santa Catarina.

Revista UPC — Orgão da União de Propagandistas Católicos — publicação bimestral de cultura, arte e vida social — Ano VII — n.ºs 36 a 38 — julho a dez. de 55 — Caixa Postal, 552 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

Signo — n.ºs de maio de 54 e maio de 55 — Quito, 3932 — Buenos Aires — Argentina.

Silhueta — Revista Literária Ilustrada — Ano V — n.ºs 51 a 53 — Av. Amazonas, 266 — 11.º — s/1128 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

La Gaceta de Chile — Revista de Artes y Letras Dirigida por Pablo Neruda — Ano I — n.º 1 — setembro de 55 — Santa Monica, 2360 — Santiago Chile.

Estudos — Revista Trimestral de Filosofia e Cultura da Associação de Professores Católicos do Rio Grande do Sul — Ano XV — fasc. 57 e 58 — n.ºs 3 e 4 — julho a dez. de 55 — Caixa Postal, 358 — Prto Alegre — Rio Grande do Sul.

Letras da Província — Orgão Oficial das Casas de Cultura de Limeira e Jaú — Ano VIII — n.ºs 82 e 84 — out. e dez. de 55 — Caixa

Postal, 109 — Limeira — São Paulo.

Bollettino dell'Archivio Storico d'Arte Contemporanea della Biennale — n^os 23 a 25 — Estratto de "La Biennale di Venezia" — Rev. Trimestrale dell'Ente della Biennale — Ca' Giustinian — Venezia — Italia.

Notícias da Iugoslávia — Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações — Ano III — n^o 2 — out. de 55 — Rua D. Mariana, 48 — Rio.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — Vol. III — n^o 5 — out. de 55 — Caixa Postal, 1557 — Rio.

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano IX — n^o 97 — Rua Avanhandava, 316 — São Paulo.

Renascimento — Órgão Oficial do Instituto dos Diretores da Criança — Ano II n^o 6 — out. de 55 — Caixa Postal, 2635 — Prto Alegre — Rio Grande do Sul.

Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — n^o 15 — nov. dez. de 55 — 23, Rue de la Pépinière — Paris 8e. — França.

Jornal Magazine — Ano V — n^o 49 — set. de 55 — Rua do Loreto, 4 — 2^o — Lisboa — Portugal.

Cinema — Boletim do Cine Clube do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — agosto de 55 — São Paulo.

A Voz de S. Tomé — Semanário Cultural, Noticioso e Literário — Ano VII — n^o 212 — set. de 55 — Ilha de São Tomé — África Ocidental Portuguesa.

Casopis pro Moderní Filologii — Ceskolovenská Akademie Ved-Rocnik XXXVII — cislo 4 — Srpen 1955 — Dlouhá 39 — Praha I — Tchecoslováquia.

Unifrance Film — Revue bi-mensuelle — n^os 36 e 37 — agosto a novembro de 55 — 77, Champs Élysées — Paris 8e. — França.

Noticiário — Museu de Arte Moderna de S. Paulo — n^o 7 — jul. ago. de 55 — Rua 7 de Abril, 230 — 2^o — São Paulo.

Catálogo do XIV Salão Internacional de Arte Fotográfico — Foto-

Cine Clube Bandeirante — outubro de 1955 — São Paulo.

Nossa Folha — Órgão do Grêmio Cultural "Cid R. Amaral" da Esc. Industrial de Florianópolis — Ano 9 — n^o 31 — nov. dez. de 55 — R. Almirante Alvim, 19 — Florianópolis — Santa Catarina.

Continente — setembro de 55 — Av. 13 de maio, 23 — 20^o — s/2025/6 — Rio.

O Mensageiro — Órgão da Loja Maçônica "Mensageiros do Bem" — Ano I (nova fase) — n^o 3 — set. de 55 — Caixa Postal, 47 — Garanhuns — Pernambuco.

Boletim — Órgão Informativo da Biblioteca do Exército — Ano 18 — n^o 19 — out. de 55 — Ministério da Guerra — Rio.

Pampa — Boletim do Clube de Excursões Farroupilha — Ano III — n^os 27-28 — set. out. de 55 — Rua Alvaro Cheves, 167 (fundos) — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Livros:
As Evidências — poema em vinte e um sonetos — Jorge de Sena — Col. Cancioneiro Geral — Vol. 15 — Centro Bibliográfico — Lisboa — Portugal — 1955.

Canção Expectativa — poemas — José Chagas — São Luís — Maranhão — 1955.

la viñeta de hoy — Vicente P. Giorno (Facundo Lira) — Colección Nativa — Vol. 13 — Buenos Aires — Argentina.

Poesia Nem Sempre — poesia — Mario Newton Filho — Ed. do Clube de Poesia de Campos — Campos — Estado do Rio — 1955.

Deux Constructeurs D'Empire — Mouzinho et Lyautey — Octávio Rodrigues de Campos — trad. do português par Robert Filliatre — Publié sous le patronage du Syndicat des Journalistes et Ecrivains de Paris — Paris — França — 1955.

Flores e Espinhos — Óscar Ribas — Luanda — Angola — África Ocidental Portuguesa — 1948.

Uanga (leitigo) — Romance folclórico angolano — Óscar Ribas — Distrib. Lello & Cia., Ltda. — Luanda — Angola — África Ocidental Portuguesa — 1951.

Ecoss da Minha Terra — Dramas Angolanos — Óscar Ribas — Distrib. Lello & Cia., Ltda. — Luanda — Angola — África Ocidental Portuguesa — 1952.

Bimbi e Fiori — Libro per i piú piccini — Teodosio Capalozza — Collana "I Libriccini Gioiosi" n° 3 — Edizioni Novecento — Piazza di Porta Maggiori, 6 — Roma — Itália.

L'Alba — Libro per i piú piccini — Teodosio Capalozza — Collana "I Libriccini Gioiosi" n° 4 — Edizioni Novecento — Roma Italia.

saludo nada — poemas — Rodolfo Alonso — Ediciones Trayectoria — n° 1 — Buenos Aires — Argentina — 1954.

O Homem e Sua Hora — poemas — Mário Faustino — Livros de Portugal — Rio — 1955.

A Máquina ou a coisa em si — poemas — Waldemir Dias Pino — Edições Igrejinha — Cuiabá — Mato Grosso — 1955.

Choix de Poèmes — K. Chrysanthis — traduit du grec par Gaston Henry Aufrère — Bruxelles — Belgique.

Ingmar Bergman — Walter Hugo Khouri, Paulo Emílio, Francisco Luís de Almeida Salles — Ed. da Filmoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo — 1955.

Em Busca de Lua Cheia — poemas — Helio Ricciardi dos Santos — Ed. Cadernos do Extremo Sul — Ano III — n° 6 — Alegrete — Rio Grande do Sul — 1955.

Os Doutores, A Salvação E o Menino — história antiga contada à maneira bíblica — Luiz Pacheco — Lisboa — Portugal — 1955.

Ritual de mi Sangre — poemas — Gregorio Rivero Iturralde — Editorial Mosca Hnos. S. A. — Montevideo — Uruguay — 1955.

O Signo e Outros Poemas — Lais Corrêa de Araujo — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1955.

Romance da Mãe Negra — poemas — Francisco Alves da Costa — Coleção Medusa — Lisboa — Portugal — 1955.

Informe acerca de la labor del gobierno — Chou En-Lai — Ediciones en lenguas extranjeras — Peking — 1955.

Compendio de geografia y economía — Jozef Wasowicz — Ediciones en lenguas extranjeras — Varsovia — 1955.

Principios generales de la economía política — Tadeusz Lychowski — Ediciones en lenguas extranjeras — Varsovia — 1955.

La vida musical en Polonia — Zofia Lissa — en lenguas extranjeras — Varsovia — 1955.

Um pouco além do mundo — poesias de Nidoval Reis — Editora Pongetti, 1955 — Rio.

O Parque de diversões — contos — Beatriz Rocha — coleção "Os Novos" — serviço de documentação — Ministério de Educação e Cultura — Rio — 1955.

Canto à beira do tempo — Pedro Geraldo — poemas — Publicações Quixote — Porto Alegre — 1955.

Bom tempo — Afonso Schmidt — Clube do livro — São Paulo — 1956.

Marionetes populares — Yvonne Jean — Os cadernos de cultura — serviço de documentação — ministério de educação e cultura — Rio — 1955.

Joãozinho no país das sobremesas — Yvonne Jean — Série ouro n° 7 — edições melhoramentos — São Paulo — 1955.

Para conhecer o movimento literário dos novos autores de Santa Catarina, adquira não só a revista "Sul" mas também as "Edições" e "Cadernos" SUL:

Já foram publicados:

Edições "SUL"

- I — **Velhice e outros contos** — de Salim Miguel
- II — **A Ponte** (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — **Alguma Gente** — histórias — de Salim Miguel
- IV — **Piá** — contos de Guido Wilmar Sassi
- V — **Contistas Novos de Santa Catarina** — organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel — Introdução de Nereu Correa — Ilustrado por artistas plásticos catarinenses
- VI — **Rede** — romance de Salim Miguel

Cadernos "SUL"

- I — **Idade 21** — poemas de Walmor Cardoso da Silva
 - II — **Manhã** — poemas de Eglê Malheiros
 - III — **A Morte de Damião** — farsa em um ato — Ody Fraga
- Dentro de breve, nas Edições "SUL":
- VII — **Alguns Aspectos da Literatura Catarinense** — Osvaldo Ferreira de Melo (filho)
 - VIII — **Provincia** — contos de Silveira de Souza
 - IX — **Teodora & Cia.** — contos de A. Boos Jr.

Nos Cadernos "SUL"

- IV — **Ensaio Geral** — ensaios de teatro — Ody Fraga
- V — **Terra Fraca** — poemas de Anibal Nunes Pires
- VI — **Poemas** — de Walmor Cardoso da Silva



Capa de Edgar Koetz

L E I A

R É D E

romance de Salim Miguel

Um documentário a respeito da vida e dos costumes de nossos pescadores.

Edições "SUL" — VI

Preço — CR\$ 60,00

À venda nas Livrarias

ou

Pedidos diretamente à distribuidora:

Livraria Anita Garibaldi Ltda.

Praça 15 de Novembro, 27 — Florianópolis — S. C.

DR. VIDAL

CLÍNICA DE CRIANÇAS

CONSULTÓRIO: — R. FELIPE SCHMIDT, 38

CONSULTAS DAS 16 ÀS 18 (4 ÀS 6) HORAS

RESIDÊNCIA: — CRISPIM MIRA, 25 — FONE 3165

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Consultório:

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

**DR. GUERREIRO DA
FONSECA**

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA

Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.

— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2

(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas) consultório

Drs.

J. B. Bonnassis

e

Fúlvio Luiz Vieira

Advogados

R. Deodoro, 9 — Florianópolis

Antônio de F. Moura

Gercy Cardoso

Heitor F. do Livramento

Steiner

Advogados

Rua Felip Schmidt, 42-A —

1 andar — Florianópolis

COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábricas de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na LIVRARIA LIDER (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35

(Edifício Pathernon)

**LIVRARIA MODERNA
DE
PEDRO XAVIER & CIA.**

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

.....

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadrinhos — resserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

.....

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

.....

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

L I V R A R I A L I D E R
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;

aceita qualquer encomenda de

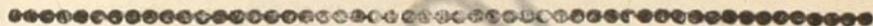
livros nacionais ou estrangeiros;

atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas instalações, à Praça 15 de Novembro, 27



Armarinhos, Bijouterias, Vidros, Conservas, etc.

LIBERATO LAUS & FILHOS

— ATACADISTAS —

Rua Cons. Mafra, 46

Ed. Telegr.: Liber Laus

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
E
CONTABILIDADE
NILTON JOSE CHEREM
E
ARMANDO SYLVIO CARREIRÃO
(ADVOGADOS)
END.: R. JERÔNIMO COELHO, 4
1º ANDAR — FLORIANÓPOLIS

CASA VITOR
Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças
GRAVATAS CAMISAS MEIAS CUÉCAS ETC.
Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia
Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

CASA YOLANDA

Matriz	Filial
Trajano, 2	Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

PIRELI S. A.

LAPIS JOHANN FABER LTDA.
REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER
Caixa Postal 84 — Tel. 3773
Florianópolis — Sta. Catarina



EM FLORIANÓPOLIS

LUX HOTEL

UM DOS BONS
HOTÉIS DO BRASIL.

Peça a impressão de
quem já o conhece.

RUA FELIPE SCHMIDT, 9.

Teleg. : "LUXOTEL".

CARLOS HOEPCKE S. A. — Comércio e Indústria

Matriz: FLORIANÓPOLIS

FILIAIS: Blumenau, Joinville, Joaçaba, Lajes, Laguna, São Francisco do Sul, Tubarão (S. Catarina) e Curitiba (Paraná).

Agências em Santos e Rio de Janeiro.

Armadores — Comerciantes — Industriais

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO HOEPCKE — Serviço regular de cargas e passageiros entre os portos de Laguna, Florianópolis, Itajaí, São Francisco do Sul, Santos e Rio de Janeiro.

COMÉRCIO EM GROSSO DE: Ferragens — Maquinas — Produtos Químicos e Farmacêuticos — Tecidos — Automóveis e Caminhões da General Motors do Brasil — Produtos de Borracha da Companhia Goodyear do Brasil.

FABRICA DE PREGOS E GELO — OFICINAS MECÂNICAS — POSTOS DE SERVIÇO.

Telegramas — Matriz e Filiais: "HOEPCKE"

OS ESPIRITUALISTAS PERANTE A PAZ E O MARXISMO

de Eusínio Lavigne

TARTUFO DESMASCARADO

de Sousa do Prado

OS ESPÍRITAS E AS QUESTÕES SOCIAIS

de Eusínio Lavigne e Sousa do Prado

Três excelentes livros em que se diz algo de novo em matéria de Cristianismo, Espiritismo, Comunismo e Marxismo. Em Florianópolis, à venda na Livraria Anita Garibaldi Ltda., à Praça 15, nº. 27.

Pedidos pelo reembolso postal, a J. S. de Sousa Ribeiro, Caixa Postal, 115 — Niterói, R. J., ao preço de Cr\$ 70,00 o primeiro e Cr\$ 60,00 os restantes, sem qualquer outra despesa.

A UNIÃO
FAZ A
FORÇA



*Colabore com o
plano já lançado!*

TURISMO
EM NOSSO
ESTADO



Fossari

SUL

SUMARIO

Sul opina —	Redação
Símbolo, Mito e Religião —	Edmond Jorge
Edino Krieger —	Vasco Mariz
O Padre Carlos de Foucauld —	Agostinho da Silva
Conversa com Paulo Dantas —	Ruy Apocalipse
Notas de Leitura —	Augusto dos Santos Abranches
Caminhos da poesia —	Luiz Eugénio Ferreira
André Cayatte —	Antonio da Silva Filho
Clube de Gravura de Porto Alegre —	S. M.
Amanhecer —	Anibal Nunes Pires
A Rosa na calçada —	Eglê Malheiros
Anti-Poema —	Walmor Cardoso da Silva
Desejo de Poema —	Elizabeth Galloti
A louca —	José Tito Silva
Balada do Viaduto —	Clovis Moura
Conselho —	Lila Ripoll
Portal —	Manoel Walter
Os eletrocutados —	Heitor Saldanha
Poema sem hermetismo voluntário —	Bonifácio Fortes
Dia seguinte —	J. M. Fontes
Poema —	Décio Frota Escobar
Dois Poemas de —	Manuel Felipe de Moura Coutinho
Fogueira da paz —	A. Vicente Campinas
Poema —	Natercia Freire
Imperativo —	Manoel Pinto
Posição —	Luiz Cabral
Segunda Carta a Eglê Malheiros —	José Ferreira Monte
Canto e aurora —	Blanca Terra Viera
Reminiscências —	Silveira da Penha
O amigo do Peito —	Ilmar Carvalho
Dona Júlia Morreu —	Marcos Farias
Histórias do Sertão —	Oswaldo de Oliveira
Tempo aprisionado —	Celso Amorim Pessoa
Ela está morta —	Doralécio Soares
Trabalha o Legislativo Catarinense —	Redação
IV Exposição de Motivos folclóricos do prof. Franklin Cascaes —	S. M.
Modificação —	Redação
Notícia da Cine Produções —	Nilton Nascimento — Glauco R. Corrêa
Livros fora da estante —	Mauro Mota
Cigarras e Formigas —	Cecílio J. Carneiro
Tempo presente —	Luiz Eugénio Ferreira
História da Literatura portuguesa —	Henrique do Amaral
Decisão acertada —	Ilmar Carvalho
Notícias sobre a vida cultural em Checoslováquia —	Dr. Zdenek Hampejs
De parabéns Santa Catarina —	Publicidade
Recebemos e agradecemos —	Redação